

CLUBE DO LIVRO

SÃO PAULO — BRASIL — 1969



No prefácio de "O Cabeleira", Franklin Távora exprime o desejo de criar uma literatura típica do Norte".

"O Sacrifício", entregue aos leitores, através da chancela do "Clube do Livro", primeira edição em volume, é um romance de lutas sentimentais".

Clóvis Beviláqua, traçando a crítica de "O Sacrifício", ignorado pelos editores, considera-o um dos melhores da nossa literatura".

(da "Nota Explicativa" do presente volume)



OH! BENDITO O QUE SEMBRA I
LIVROS... LIVROS À MÃO OUBA...
EMANDA O POVO PUNBAR.
O LIVRO, BASTA A PALMA,
E OUVIA - QUE FAZ O MAR!
E OUVIA - QUE FAZ O MAR!

CASTRO ALVES



FRANKLIN TÁVORA

O SACRIFÍCIO



169342

1988

110208004/IEL



PARA MAIOR DIFUSÃO DO LIVRO NO BRASIL

Use o Serviço de Reembolso Postal

do

“CLUBE DO LIVRO”

Seguro — Barato — Rápido — Eficiente

«Quo Vadis?» — H. Sienkiewicz	5,50
«Ricardo, Coração de Leão», W. Scott	5,50
«Fabiola», Cardeal Wisemann	5,50
«O Mártir do Gólgota», Perez Escrich	5,50
«Os Noivos», Alexandre Manzoni	5,50
«A Cabana do Pai Tomás», H. B. Souto	5,50
«Os últimos dias de Pompéia», E. Balzer	5,50
«O último cruzado», L. De Wolk	5,50
«A Árvore da Vida», L. DE Wolk	5,50
«A Ferro e a Fogo», I — H. Sienkiewicz	5,50
«A Ferro e a Fogo», II — H. Sienkiewicz	5,50
«O Pássaro da Escuridão», Eugênia Sereno	12,00
«Assim Declinou o Sol», — Louis de Wohl	5,50
«A Libertação do Gigante», — Louis de Wohl	5,50
«O Cavaleiro do Amor», — Louis de Wohl	5,50
«A Teoria Econômica de Keynes», Dillar	9,00
«José Bonifácio», Brenno Ferraz do Amaral	8,00
«A Teoria das Classes Ociosas», T. Weblen	9,00
«Como vender mais barato do que o vendedor nato», Frank & Lapp	9,00
«A Técnica da Comunicação Humana», J. W. Penteado	9,00
«O Cordão dos Milagres», Mário Graciotti	6,00
«Minhas Memórias», Sorocaba — São Paulo — Santos — (1896-1909), Antônio Francisco Gaspar	4,50
«Ben-Hur», L. Wallace	5,50

Escolha um dos livros acima relacionados e peça-o, por carta ou telefone, pagando o valor do livro, acrescido, apenas, da importância de NCr\$ 0,30, para cobertura das despesas postais, registro e taxa. Peça, também, qualquer outro livro que desejar. Atenderemos.

Se houver representante do «Clube do Livro» em sua cidade, queira dirigir-se ao mesmo, economizando a despesa postal; se não houver, queira escrever para

Serviço de Reembolso Postal

do

“CLUBE DO LIVRO”

Rua Beneficência Portuguesa, 44 - Caixa Postal, 38 - São Paulo - S.P.
República Federativa do Brasil

— “Uma casa sem biblioteca é como um corpo sem alma” —



1010208004



IEL

B869.342 T198s

CLUBE DO LIVRO

(Fundado em 1º-7-1943 e registrado, em 1944, no Departamento Nacional da Propriedade Industrial, sob ns. 83.655 e 95.962)

DIRETORES

Mário Gracioti - Luiz L. Reid (1943/62) - W. L. Rocha (1943/61) - Rinaldo Possanzini

CONSELHO DE SELEÇÃO

Afonso Schmidt (1943-1964) — Nuto Sant'Anna — Raul de Polillo — Paulo Arinos

REVISORES

Henrique J. Delfim — Jorge Doce — José Ourique Lisboa — Siqueira Buene

1.º — A fim de favorecer o gosto pela leitura e a formação de bibliotecas econômicas, selecionadas e padronizadas, existe, em São Paulo, o CLUBE DO LIVRO.

2.º — Mensalmente, desde julho de 1943, o CLUBE DO LIVRO vem editando um livro de notório merecimento, a exemplo deste, escolhido pelo seu Conselho de Seleção, e o envia ao seu sócio, que, mediante o pagamento de dois cruzeiros novos — NCr\$ 2,00 — se torna proprietário do mesmo livro.

3.º — Para tornar-se sócio do CLUBE DO LIVRO, com o fim especial de receber o livro mensal por dois cruzeiros novos — NCr\$ 2,00 — é bastante o interessado, se residente na Capital de São Paulo, telefonar ou escrever para o CLUBE DO LIVRO, que mantém permanentemente aberta a inscrição de novas adesões,

4.º — Além desse pagamento, correspondente à obtenção do livro mensal, as pessoas candidatas a sócio pagarão uma jóia única de inscrição de NCr\$ 10,00 com direito, porém, a um VALE-BRINDE — um livro, grátis, de nossas edições anteriores, oferecido pelo Setor de Promoções; as pessoas que assim procederem passam a ter o direito de receber, todos os meses, em sua residência ou local do trabalho, o nosso livro mensal pelo preço especial para sócio, em cuja categoria ficam inscritas.

5.º — O CLUBE DO LIVRO mantém Serviço de Assinatura Semestral para as localidades sem representação nossa. O interessado nos enviará carta com nome e endereço, acompanhada de vale postal ou cheque, em nome da Editora Clube do Livro Ltda., São Paulo, S.P., na importância de NCr\$ 22,00 para receber, sem outra despesa, SEIS LIVROS consecutivos à razão de um por mês, além de um livro-Brinde, grátis. Nesse preço, estão incluídos a jóia de inscrição, a despesa com o porte e o registro postal. As assinaturas começam em qualquer mês. Nas cidades, onde mantemos representação, não deve o interessado fazer assinatura semestral, porquanto o nosso representante se incumba, mensalmente, de entregar-lhe o volume. Na renovação da assinatura, não há mais pagamento da jóia.

6.º — Se o associado transferir a sua residência para qualquer cidade do Brasil, o livro continuará a ser-lhe entregue pelo nosso representante, se na localidade existir, ou pelo serviço de assinatura semestral, na forma do item 5.º, ou por Reembolso Postal, pedindo-o ao CLUBE DO LIVRO, Caixa Postal, 38, São Paulo, S.P. — Brasil.

EDITORA CLUBE DO LIVRO LTDA.

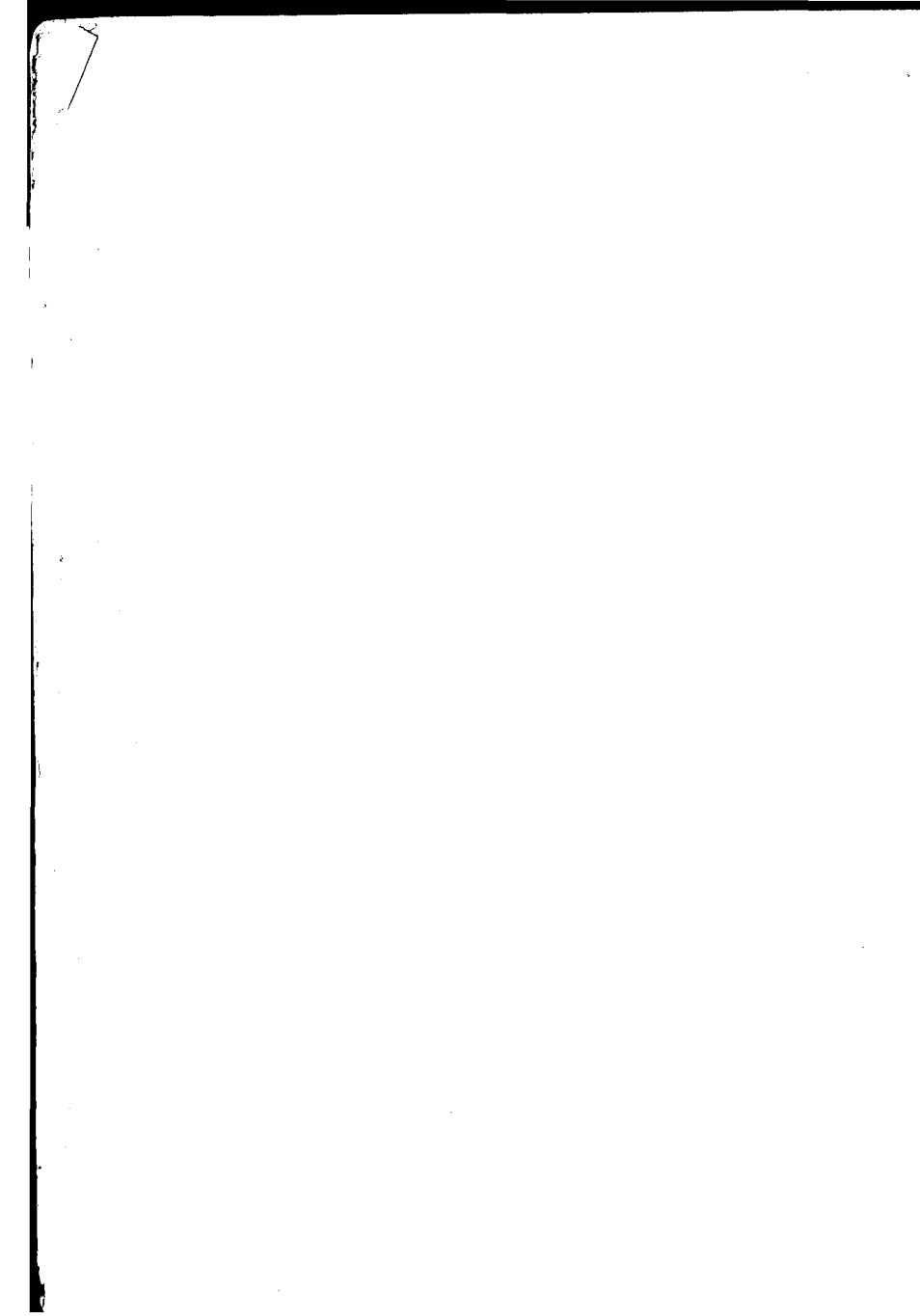
(A Câmara Brasileira do Livro concedeu o «Prêmio Jabuti de 1960» a Mário Gracioti, considerando-o o «Editor do Ano»)

(Filiada ao Sindicato Nacional das Empresas Editoras de Livros e Publicações Culturais e à Câmara Brasileira do Livro)

Rua Beneficência Portuguesa, 44 — Salas 104 e 105 — Fones: 34-3621 e 36-5769
Caixas Postais, 38 e 8153 — SÃO PAULO, S.P. — República Federativa do Brasil

O SACRIFÍCIO

UNICAMP
BIBLIOTECA IEL



FRANKLIN TÁVORA

O SACRIFÍCIO

Compilação e Nota Explicativa de HENRIQUE L. ALVES

Capa de VICENTE DI GRADO

UNICAMP
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
BIBLIOTECA

CLUBE DO LIVRO
Rua Beneficência Portuguesa, 44
SÃO PAULO — BRASIL

1969

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Classif.

B213.214.4

Autor

1.1.1.1

1.

Ex.

Tombo

BC/208004

Tombo

IEL/21689

Bib ID 345644

Como as nossas edições, desde 1943, na condição de livro a preço mínimo, circulam, livremente, em todos os lares e vêm sendo adotadas, pela sua linguagem correta, por inúmeros estabelecimentos de ensino, procuramos, sempre que a ocasião se nos oferece, através de prefácios, introduções e notas ao pé das páginas, respeitado o caráter de nossa linha editorial, comentar e explicar o texto, a fim de que a literatura cedida aos nossos distintos associados e leitores de todo o País tenha o triplice objetivo: recrear-lhes o espírito, ilustrá-lo e, quando possível, elevá-lo. (Nota da direção do "Clube do Livro".)

NOTA EXPLICATIVA

FRANKLIN TAVORA, O CRIADOR DA LITERATURA DO NORTE

Franklin Távora foi o criador da literatura denominada Literatura do Norte, ao escrever uma série de livros com temas versando sobre o cangaço (1). No prefácio de "O Cabeleira" (1876), o escritor exprime o desejo de criar uma literatura típica do Norte, libertando-se do

(1) No excelente trabalho, espécie de biografia romanceada, de Nelly Cordes, escritora brasileira, natural de Sergipe, que editamos em abril de 1954, com o título, "O Rei dos Cangaceiros", com prefácio do saudoso Afonso Schmidt, transferimos, intencionalmente, todas as passagens da interessante biografia para o tempo de verbo pretérito imperfeito, a fim de eliminar do presente qualquer resquício daquilo que, outrora, sob o nome de cangaço, tinha de horror alguns dos capítulos de nossa organização social em marcha. O cangaço, assim, "era" um episódio, comum, aliás, às incipientes coletividades de todos os quadrantes, em sua imaturidade e crescimento. Um ou outro fato isolado que, aqui ou ali, se registra, pode ser atribuído a essa área da delinquência, cujas complexas matrizes, às vezes, fogem às especulações dos sociólogos, mas, assinalam, sem nenhum erro, o quão urgente é a disseminação de escolas e livros, instrumentos positivos de civilização... Inda há pouco tempo, no romance do escritor Jarbas G. Passarinho, "Terra Encharcada", nossa seleção de novembro de 1968, com prefácio do escritor Israel Dias Novaes, ao enfrentar o autor o tema cangaço, assim se exprime: "O título de capitão fazia-o meditar sobre o cangaço, que infestara a sua terra. O cangaço era volante. Passava como uma peste, é fato, mas sempre passava, e permitia um repouso pequeno, por períodos mais ou menos longos. Por outro lado, ele compreendia haver no cangaço a explicação cabal de que procedia da ignorância, gerava-se nas trevas da incultura, servido por homens impulsivos, sendo quando decorria, inicialmente, de um desejo primário de vingança". O vocábulo cangaço, poderia provir de canga, jugo, peça de madeira, que une, pelo pescoço, dois a dois, os bois de um carro; de canga, teria nascido cangaço, que é forquilha, ancinho, gancho, o que faculta o jugo, a opressão, o domínio, exercidos por indivíduos, chamados cangaceiros, frutos daquela ignorância, acima apontada. (Nota do "Clube do Livro").

jugo literário sulista, onde campeiam os escritores de renome, entre outros: José de Alencar, Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida, Bernardo Guimarães, Joaquim Manuel de Macedo, etc.

O escritor cearense revela numa de suas cartas o pensamento acêrca da criação de uma literatura regional, emitindo o seguinte conceito: "Início esta série de composições literárias, para não dizer estudos históricos, com O Cabeleira, que pertence a Pernambuco, objeto de legítimo orgulho, e de profunda admiração para todos os que têm a fortuna de conhecer essa refulgente estrêla da constelação brasileira. Tais estudos, meu amigo, não se limitarão sòmente aos tipos notáveis e aos costumes da grande e gloriosa província, onde tiveste o berço."

João Franklin da Silveira Távora nasceu a 13 de janeiro de 1842, num sítio na serra do Baturité, província do Ceará. Em 1844, sua família transfere-se para Recife, onde passa a infância, aprende as primeiras letras, após frequentar o curso durante onze meses. Nessas paragens "em que levando a vida entre a vila e os engenhos, entre a casa paterna e os painéis que a natureza expõe gratuitamente aos que para ela têm os seus principais afetos e a sua primeira admiração" vivia e adejava como "os sanhaços e os bem-te-vis por sôbre as folhagens mergulhado alternativamente já em luzes, já em sombras, mas sempre enleado e passado de inocente contentamento..."

Após uma infância despreocupada, o garôto estudou francês com o Padre Antônio Dias e aprendeu latim. Realizados os preparatórios exigidos para o ingresso na carreira de bacharel, matriculou-se com dezesseis anos no primeiro ano da Faculdade de Recife. Surgem os primeiros trabalhos literários nos principais jornais da cidade. Terminando um curso brilhante, recebeu o diploma de doutor em ciências sociais e jurídicas, no qual se escreve: "Eu, o Visconde de Camaragibe, Grande do Império, do Conselho de Sua Majestade, o Imperador e

Diretor da Faculdade de Direito de Recife, tendo presente o termo de aptidão ao Grau de Bacharel, obtido pelo senhor João Franklin da Silveira Távora, filho de Camilo da Silveira Borges Távora, nascido em 13 de janeiro de 1842, na Província do Ceará e de lhe haver sido conferido o dito grau no dia 20 de fevereiro de 1863..."

Interesses familiares e a chamado paterno permaneceu por mais de dois anos em Pôrto Carlo (Alagoas), regressando posteriormente a Recife. Com o falecimento de seu progenitor, o jovem advogado e escritor potencial assume a direção da família, composta por sua mãe e três irmãos. José de Vasconcelos, conhecedor do seu talento literário, empregou-o como revisor de provas do "Jornal do Recife", com um ordenado, naquele tempo, de cinquenta mil réis. No ano seguinte, foi nomeado Diretor Geral da Instrução Pública, por ato do Conselheiro Francisco de Paula Silveira Lôbo. Com a queda do partido progressista, o chefe do Partido Conservador exonerou-o. Exerceu a função pública de Curador-Geral dos Órfãos. Estabelece-se com um escritório de advocacia até ao ano de 1873, quando parte como Secretário do Governo da Província do Pará. Em 1874, transfere-se definitivamente para a Côrte. No mesmo ano, foi nomeado para a Secretaria do Império, chegando a servir como oficial de gabinete. No ano de 1879, funda a "Revista Brasileira", que desaparece em dezembro de 1881.

Em sessão de 11 de agosto de 1882, foi admitido como membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. O falecimento de sua esposa, vítima de tuberculose, é de fevereiro de 1884. No ano seguinte (7 de março de 1885), contrai segundas núpcias, vivendo poucos anos ao lado da segunda companheira. Às seis e meia da tarde, o "criador da Literatura do Norte", expirava em sua residência, à Rua do Paissandu, 64,

vítima da ruptura de um aneurisma. Faleceu com quarenta e seis anos de idade, no dia 18 de agosto de 1888.

Ao esboçar estas considerações acêrca de Franklin Távora, ressaltamos a personalidade do escritor em luta contra tudo e contra todos, impondo-se com a coragem de seus livros, expressões de uma literatura marcante na área do Nordeste, e conquistando o título de ser o verdadeiro criador da Literatura do Norte.

"O Sacrificio", entregue aos leitores através da chancela do CLUBE DO LIVRO, em primeira edição em volume, é um romance de lutas sentimentais, onde o amor se curva ante as injunções do ambiente. Clóvis Bevilacqua traçou em linhas gerais uma crítica acêrca de "O Sacrificio", um romance ignorado pelos editores e que saiu a lume na "Revista Brasileira", no ano de 1879, considerando-o um dos melhores de nossa literatura.

A edição destas páginas, em pioneirismo editorial, como relevante serviço prestado às nossas letras pelo "CLUBE DO LIVRO", vem enriquecer, sobremaneira, o conhecimento da chamada Literatura do Norte, e relembrar um escritor que, em suas obras, "O Cabeleira" e "O Matuto", revela a força expressiva, que caracteriza o ciclo do cangaço nas letras; os livros, "A Trindade Maldita" e "Um casamento no arrabalde" marcam o seu lirismo teatral; "Lendas e Tradições Populares" anunciam o alvorecer do folclore, pois Franklin Távora é considerado um de seus magníficos precursores.

HENRIQUE L. ALVES

*

Devemos ao nosso distinto amigo, historiador Henrique L. Alves, a valiosa colaboração que presta à nossa programação de obras expressivas das letras nacionais com o presente trabalho, extraído das páginas da Revista Brasileira, Tomos I e II, editada no Rio de Janeiro, em junho e dezembro de 1879, trabalho inédito em livro. As obras completas de Franklin Távora podem ser dispostas na seguinte ordem: "A Trindade Maldita" — contos de

botoquim — 1861; “Um mistério de família” — drama — (representado) — 1ª edição em 1862; 2ª edição em 1877; “Os Índios do Jaguaribe” — romance histórico — 1ª edição — 1862; “A Casa de Pulha” — romance — 1866 — Jornal do Recife; “Um Casamento no Arrabalde” — história em estilo de casa — 1ª edição em 1869; 2ª em 1881; “Três Lágrimas” — drama — representado — 1ª edição — 1870; “Cartas a Cincinato” — estudos críticos — 1872; “O Cabeleira” — narrativa pernambucana — 1876; “O Matuto” — crônica pernambucana — 1878; “Lendas e Tradições populares” — 1878 — Ilustração Brasileira; “O Sacrifício” — romance — 1879 — Revista Brasileira; “Lourenço” — crônica pernambucana — Revista Brasileira — 1881.

•

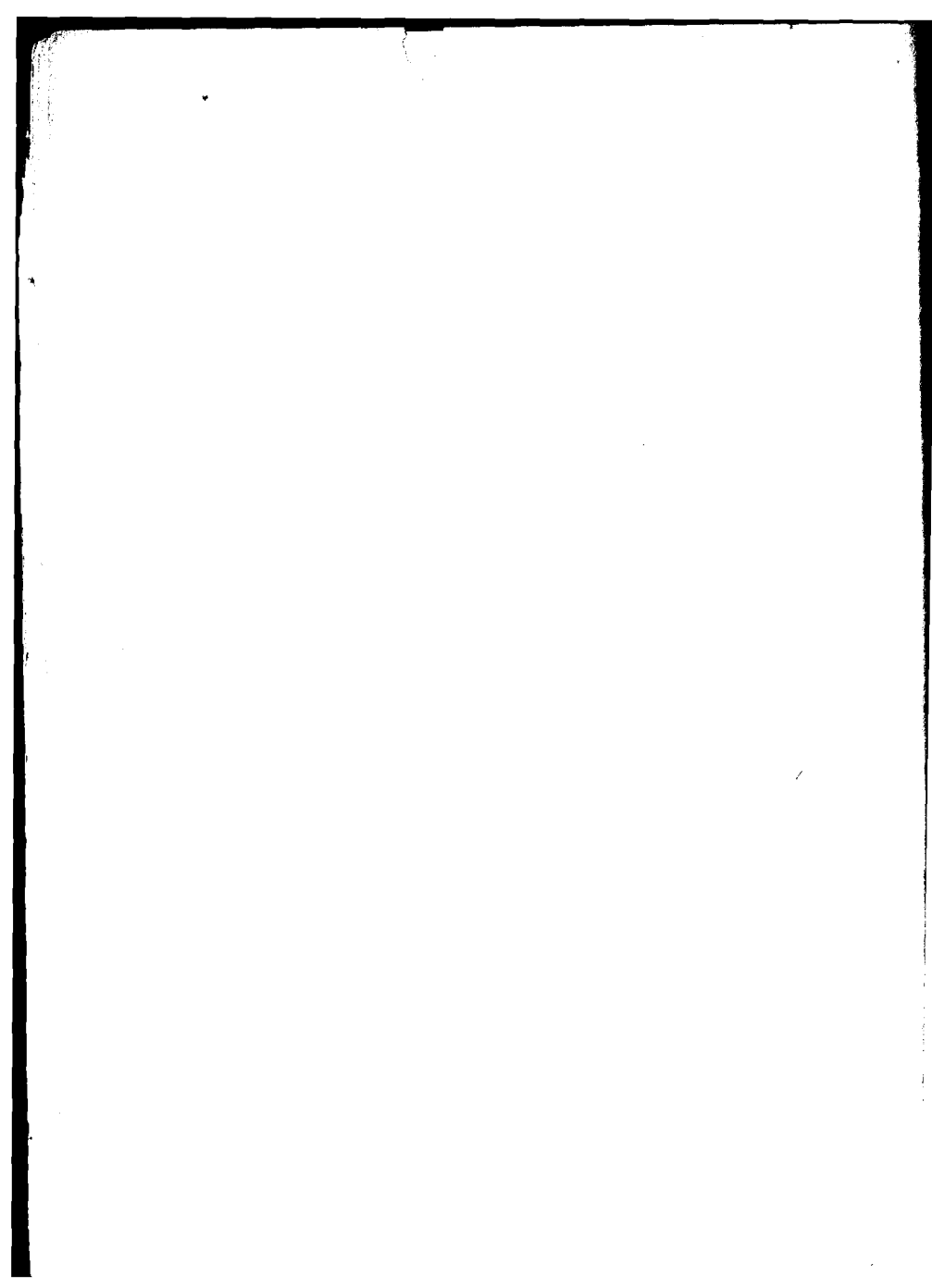
Com o presente lançamento, o «Clube do Livro» entra no seu 37º ano de vida editorial, com 320 títulos editados, dos quais 10 edições-extras, numa tiragem global, em números oficiais, de 6 milhões, 555 mil e 421 exemplares, que se encontram nas escolas, nas bibliotecas, nas oficinas, nos quartéis e nos lares brasileiros.

Temos procurado, mesmo na faixa do artesanato do livro, honrar a confiança de nossos distintos associados de todo o País, para os quais, com auxílio e colaboração de tantos amigos e companheiros de Norte a Sul, continua esta editôra no seu ininterrupto e leal trabalho de favorecer o gosto pela leitura e contribuir, assim, para o aumento do nosso mercado leitor. Esse trabalho, desde as primeiras edições, tem recebido a imprescindível e valiosa cooperação de toda a eficiente equipe da Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, de cuja direção fazem parte o escritor Nelson Palma Travassos e o economista Carlos Henrique de Carvalho.

Aos caros sócios, leitores e amigos o nosso agradecimento pelo apoio que nos têm dado. Asseguramo-lhes que tudo faremos para dignificá-lo, mantendo as mesmas linhas editoriais com que nos apresentamos, em julho de 1943, a serviço do livro limpo, bom e barato, no Brasil.

São Paulo, 1º de julho de 1969.

CLUBE DO LIVRO



I

Tôdas as vêzes que passo pela estrada de João de Barros, no Recife, acode-me à memória o vale de Santarém, onde Charret deu vida e movimento à “Menina dos Rouxinóis”, que “refletiam o viço do prado, a frescura e animação do bosque, a flutuação e a transparência do mar”.

Em lugar do álamo, do freixo e da faia, que “entrelaçam os ramos amigos”; em lugar da “congossa e dos brotos que vestem e alcatifam o chão”, no vale descrito pelo poeta, as mangueiras formam na estrada com as suas abóbadas de folhagens sombras amenas e deleitosas; as cajazeiras, cujos troncos se colrem de naturais relevos, erguem ao céu os galhos finos, guarnecidos de fôlhas miúdas, que se assemelham às verdes franjas dos templos; o jatobá solitário abre os galhos, como abriria os braços um gigante para lutar. Há na estrada, como no vale, a madressilva, malva-rosa do valado. Há moitas de cinamomos, touças de manjeriões e alecrins, que matizam o vasto chão. Há os formosíssimos risos do prado, que penduram dos portões ou dos muros dos sítios ao longas ramadas com flôres, escarlates pela manhã, arroxeadas de tarde, aveludadas sempre e a modo de resplandecente, como se a mão de artista insigne as houvesse polido e esmaltado com os reflexos da aurora e as cores do sol poente.

Não deitam por ali rouxinóis desgarradas toadas em regular desafio; os xexéus e os sabiás, porém, com os seus cantos trazem a solidão em permanente festa; o cajueiral tem harmonias, o laranjal intermitentes rumôres saudosos; a paisagem, horizontes verdes e ondulantes.

Para mais realçar a suavidade do quadro, em vez da casa antiga, onde cantavam os tais pássaros, vê-se nos fins da estrada a graciosa capela de Nossa Senhora da Conceição, que é

o principal ornamento daquele primoroso Éden. Através das janelas da sagrada habitação, vozes inspiradas de elegantes e inocentes virgens vão ressoar no vasto arvoredo por ocasião das novenas, que os devotos e vizinhos da Santa celebram em dezembro, época em que a estrada aumenta de delícias, porque os cajueiros e as jaqueiras embalsamam com os seus aromas o ambiente, e é tudo ali alegria, florido, e tudo fala de paixões moderadas sem desejos desonestos.

Mas não é somente nos mimos da Natureza que a estrada pitoresca rivaliza com o ameno vale. Também ali se gerou um drama terníssimo, também nela se passou uma história de gentil suavidade e triste harmonia, que convém se ponha por escritura nas letras do nosso idioma.

Num dos mais aprazíveis sítios, que a espaços ornam de um e de outro lado a estrada, morava, há coisa de seis anos, uma senhora, viúva, idosa, sem filhos mas com alguns meios que lhe davam para viver, tendo em sua companhia uma irmã solteirona e duas ou três crias de casa. No tempo em que se passa esta verídica história, ao número dos que em casa de D. Rosalina viviam à conta de filhos era preciso ajuntar um moço de vinte e dois anos de idade, seu sobrinho, por nome de Ângelo.

Depois de graduado em Direito, deixando todo o curso escolar, transportara-se para uma povoação da beira-mar, ao sul da província. Morava aí o seu pai pobre e cansado de fazer sacrifícios para ajudar na aquisição do pergaminho, seu encantado sonho. Ângelo tinha talento e na Faculdade pudera ganhar nomeada de estudioso e morigerado. Ainda me lembram as circunstâncias em que o vi pela primeira vez. Foi por ocasião de prestarmos os nossos primeiros exames. Ângelo acertou de se sentar junto de mim. Era louro. Tinha os olhos tão verdes como a muiraquitã das amazonas (2). A jaqueta de pano azul já um tanto usada, as calças de brim pardo com algumas escoriações na altura dos joelhos, os sapatos, e, por

(2) Termo folclórico amazonense, artefato trabalhado em jade, nefritas, com várias formas, às vezes, de batráquios, peixes, tartarugas, etc. Atribuem-se-lhe qualidades de amuleto, o que dá sorte. Sinônimos: pedra-verde, pedra-das-amazonas. (Nota do "Clube do Livro".)

cimma trajó humilde, o gesto triste, pôsto que resignado, ao lado do porte grave, mas parecendo prêso, estavam indicando que no jovem estudante havia menos um filho do que um enteado da fortuna.

O pai de Ângelo chamara-o para junto de si, animado das mais risonhas esperanças, que não deixavam de ter legítimo fundamento. Sendo a povoação, que ficava perto da sede da comarca, cercada de engenhos e tendo os proprietários rurais quase particular paixão pelos litígios sôbre terras, os quais, para assim escrevermos, constituem o principal fôro matuto, não andarâ longe de acertar com o caminho da fortuna o pai do jovem bacharel, conjeturando que muito faria êste ali pela advocacia. Mas todos os brilhantes cálculos falharam. Quando estamos em luta com o infortúnio, os semblantes risonhos não máscaras traiçoeiras, que encobrem hórridos carões; a sorte, algumas vêzes, parece sorrir para nós; mas o que se nos afigura Morrisso lisonjeiro, não é senão riso escarninho.

Inteiramente desiludido, o bacharel voltara ao Recife, resolutamente a tentar o que na povoação não surtira efeito — a advocacia, já sumamente explorada.

A casa da tia tinha para êle as portas abertas como tinha ela o coração, e à mesa estava ainda vazio o lugar que ocupara o estudante.

Com o pé direito, entrou Ângelo novamente no Recife, porque dentro de pouco tempo teve clientes, e entreviu no futuro castelos esplêndidos. Nos primeiros meses, depois da sua chegada, ganhou uma causa importante, de cuja defesa o incumbira a generosidade de um colega. Ângelo, mostrando as notas do Banco, que recebera em pagamento, dizia à D. Rosalina estas palavras:

— Matei o dragão, minha tia! Vou agora tomar conta do pomar das Hespérides (3).

Tal era Ângelo no comêço desta história.

Morava também na estrada, para lá da Conceiçãozinha (nome com que designam a capela os habitantes dos arredos

(3) Hespérides, ninfas filhas da noite, viviam num jardim maravilhoso, cheios de pomos de ouro (pátria das laranjas, segundo os antigos), protegidas por um dragão de cem cabeças, chamado Ladon.

res), um moço que fôra colega de Ângelo nos preparatórios. Circunstâncias particulares tinham apartado Martins da carreira das letras. Casara-se, indo morar naquele canto, onde uma pequena indústria, que exercia, lhe dera meios para viver com sua mulher e filhos. Mas, como os hábitos que se casam com as vocações naturais dificilmente se perdem, Martins, com ser agora pai de família e homem de negócios, não esquecia as musas, que quando estudante cultivara com frequência e fervor. Não podendo tratar de letras e versos todos os dias, instituíra, para trazer sempre alentado o fogo do antigo culto, uma espécie de retiro literário aos domingos em sua casa. Os suaves momentos que se passavam na aprazível estrada; as distintas prendas que, com o engenho poético, Martins tivera em dote da natureza e a educação aumentara e polira; as graças, as virtudes, o gênio essencialmente serviçal e hospitaleiro de D. Eugênia, sua mulher; a convivência íntima, nas condições de respeitosa, mas franca e fraternal cordialidade, que constituíam a base principal do retiro literário dava a esta diversão semanal tão particulares atrativos que dos escolhidos para tomarem parte nêle, raros eram os que se poderiam acusar de inobservantes do primeiro preceito da comunhão — a pontualidade.

Sem as donzelas das vizinhanças, elegantes criaturas que são os gênios protetores daquele encantado êrmo, que sorte teria o retiro literário, com ser atrativo por outras muitas circunstâncias? A mesma que entre nós tem dado sepultura a inumeráveis associações depois de alguns meses de fundadas. Aquela inspiração, porém, preveniu a ruína da companhia. Não era esta numerosa, mas distinta. Durante a reunião, serviam-se frutas da estação, que abundavam no sítio; raras vêzes se davam a beber bebidas espirituosas. Depois das discussões, sempre em família, ou das leituras, ou das frutas, tocava-se piano; algumas vêzes, cantava-se. Quase sempre o ajuntamen-

As Ilhas Hespérides confundem-se, no Atlântico, com as Ilhas Canárias, limite do Ocidente, antes da Epopéia dos Descobrimentos, realizada pelos portugueses, no século XV. As Ilhas de Cabo Verde, também, ao sul do Atlântico, eram conhecidas pelo nome de Hespérides. (Nota do "Cluge do Livro".)

to acabava em passeios que se prolongavam até às estradas de João Fernandes, Vieira e de Belém, as quais em seus mimos naturais se aproximavam da de João de Barros.

II

Um domingo em que a estrada como se adivinhasse a importância especial do dia amanhecera arreada com suas mais belas e frescas louçanias, recebeu Ângelo, ainda na cama, um bilhete de Martins:

Eis o que escrevera êste:

“Não há hoje retiro, mas peço-te que não faltes por coisa nenhuma. Temos mangabas excelentes, mangas insignes, e para o jantar feijoadada sem rival.

Melhor será que venhas passar o dia conosco, principiando pelo almôço.

Não quero ocultar-te uma circunstância que talvez ignores. Eugênia faz anos.”

A casa de Martins nunca oferecera aos que costumavam frequentá-la tão grata hospitalidade.

Nesse dia, a casa oferecia ainda melhores aconchegos e comodidades do que nos outros, sem contudo ostentar custosas galas. Havia profusão de flôres e frutos pelas mesas. O piano surgia dentre moitas de alecrim, hàbilmente formadas e entrelaçadas com ramos de pitangueira e resedá. Grinaldas de madressilva, em que se entremeavam rosas, pendiam das janelas e das portas. Um salgueiro que ficava na entrada da casa, e junto do qual era costume reunir-se ao anoitecer, nos dias de reunião, a alegre companhia, êste mostrava-se enastrado, em todo o diâmetro da copa, de saudades, malmequeres e malvarosa. Tudo isto era obra das mãos de Martins, para ser agradável à sua mulher, providência daquele remediado e feliz lar.

Mas não era nos arranjos quase gratuitos da mesa que primava, no feliz aniversário de D. Eugênia, a encantadora vida da estrada; a sua primazia estava na sociedade que, sem ser numerosa, brilhava aí, mais do que nunca, pelo talento, pelas graças e pela suave elegância, compatível com o campo.

Entre as gentis senhoras que eram presentes, quando Ângelo entrou na sala, apontavam-se D. Maurícia e sua filha

D. Virgínia, as quais tinham chegado de Caxangá. D. Maurícia era a irmã mais moça de D. Eugênia, e tão querida desta que, divertimento em que a caçula não entrasse, não tinha sabor para a primogênita, por mais alto que estivesse êle na ordem de tais manjares. Procedendo dêste modo, D. Eugênia não era senão justa, porque na irmã se encontraram reunidos superiores dotes cuja descrição, pelo menor, demandaria largas páginas.

De há muito, desejava Ângelo conhecer de perto êste portento, que êle de longe admirava. Todavia nunca o seu desejo pudera ser satisfeito, pelas circunstâncias da vida de D. Maurícia, das quais informaremos o leitor, pelo maior, oportunamente.

Martins apressou-se a apresentar o amigo à cunhada.

— Ninguém me disse quem era V. Exa., mas eu quase dispensava que mo dissessem; porque, por uma como intuição, V. Exa. se me revelou ao espírito logo que entrei.

Esta amabilidade de Ângelo foi recebida com rápido sorriso por Maurícia, e não despertou nas outras senhoras ressentimentos, porque fôra dita a meia voz.

Maurícia retorquiu:

— Não há que admirar. Pôsto seja esta a primeira vez que nos vemos, há muito que o senhor é meu conhecido. Martins e Eugênia concorreram para que, antes de lhe falar, já eu lhe rendesse a estima que se deve ao mérito distinto. Deram-me a ler trabalhos seus, que eu não conhecia ainda, e falaram-me sobre suas qualidades com tamanho alvoroço que chegou para que eu compartisse dêle sem os dois sentirem diminuição na sua parte. Eu não tenho competência para ajuizar de produções tão elevadas como o poema marítimo, que o senhor compôs, tendo diante dos olhos o Atlântico revólto e o Céu em fogo; mas, a julgar pela impressão que a leitura me deixou, há no senhor um engenho poético de primeira grandeza.

Esta linguagem não se podia estranhar em Maurícia, cujo espírito fôra enriquecido pelas jóias do estudo e da melhor educação literária. Seus pais, de costumes severos e de irre-

preensível moralidade. Tais costumes e moralidades não haviam desaparecido com eles da família, antes se viam reproduzidos nas duas irmãs; e se a Eugênia parecia ter cabido, em partilha, o maior quinhão desta honrada e preciosa herança, era porque, casando-se muito moça, sua vida tomara direção diferente da de Maurícia, segundo havemos de ver. Esta era mais hábil, incomparavelmente mais ilustrada, sem ser menos digna do que a irmã. O centro social, porém, onde se haviam polido os dotes do seu espírito, comunicara-lhe parte das suas propriedades como o vaso novo transmite o perfume de que é formado à água límpida que contém por algumas horas. Maurícia era, por isso, sonhadora, às vêzes, arrebatada e irrefletida. Aceitava mais do coração do que do espírito a direção para as suas ações. Uma vez, perdia; outras, ganhava por sua franqueza. Mas a honestidade, que deve ser a base do caráter da mulher, que não é a cortesã sedutora, ou a barregã desprezível, Maurícia guardava-a intacta, inatacável no fundo de sua alma, como o primeiro dos seus afetos.

As palavras de Maurícia, por inesperadas e quase violentas, deixaram o bacharel um momento silencioso e, para assim dizermos extático. Mas esta impressão cedeu logo o lugar ao espírito, que resgataria a perdida energia.

Ângelo acudiu, então, em resposta:

— Minha senhora, êste juízo, sobremodo benévolo, fornece-me antes a medida do seu coração do que a do meu engenho poético.

Nessa ocasião, Virgínia aproximou-se dos dois.

— Apresento-lhe minha filha — disse Maurícia ao bacharel. Não é feia e já é uma moça casadoira. Não cores, Virgínia! O Sr. Dr. Ângelo não te quer para noiva. Demais já estás comprometida com Paulo.

— Como! — disse Ângelo. Repete-se agora aqui o inocente idílio da ilha da França?

Maurícia voltou-se para Ângelo:

— É singular o que lhe vou referir — disse.

— Mamãe! — advertiu Virgínia, mostrando as côres do pejo nas faces.

— Não sabia que o noivo de Virgínia se chamava Paulo? O acaso tem caprichos como se pertencesse ao sexo feminino. Mas a verdade é que êstes novos namorados não desdizem os outros. O senhor não imagina quanto êle se amam, nem em que consistem as demonstrações dos seus afetos.

— Mamãe, se a senhora continua a falar nisso, eu vou-me embora.

E Virgínia voltou ao seu lugar.

— Dão para um poema — prosseguiu Maurícia — os inocentes amôres destas crianças. São duas crianças como nunca vi outras tão ingênuas e tolinhas. Havemos de conversar sôbre êste assunto, porque preciso de aconselhar-me com um advogado. O senhor está definitivamente morando em Recife?

— Sim, minha senhora; trato até de ir buscar minha família.

— Desejo que me dê parte de sua chegada.

— Meu pai tem muito bom coração, e minha mãe é uma excelente amiga. Terei o maior prazer em aproximá-los de V. Exa.

— Havemos de estreitar as nossas relações, Dr. Ângelo. Os nossos sentimentos parecem irmãos.

— Há simpatias irresistíveis, quase fatais.

— É certo; há. Eu posso dar testemunho disto.

— Quando Martins e D. Eugênia, prosseguiu o advogado, desafogando em meu peito a sua mágoa, me contaram pela rama os padecimentos de V. Exa., senti, não piedade, minha senhora, porque está muito acima dêste sentimento, mas uma como ternura, uma como suavidade afetiva, que me deixou no coração menos a comoção do pesar, que a da partilha na mesma dor.

— Agradecida. E todavia êles não lhe contaram um quarto dos meus padecimentos — redarguiu Maurícia.

E ficou por um instante pensativa.

O contentamento, porém, reinava em todos tão largamente em casa de Martins que, se a garra adunca de uma recordação penosa imprudentemente arranhara o coração de Maurícia, depressa a aura saudável que enchia aquêlo risonho mundo reparou o estrago com o bálsamo que trazia do ar ambiente.

Chegara a hora do almôço.

Ângelo deu o braço a Maurícia e encaminhou-se com ela para a sala interior. Aí já estavam D. Sofia com sua filha Sinhazinha, e D. Rosa com sua sobrinha Iaiá, que moravam nos primeiros sítios, à direita do de Martins.

Chegaram depois Artur e Meirelles, estudantes da Faculdade e tomaram assento entre Salustiano, empregado público, e Azevedo, rapaz rico, que chegara de Lisboa seis meses atrás, e devia seguir para a Bahia, a fim de matricular-se na Faculdade de Medicina.

Ângelo sentou-se defronte de Maurícia.

Seus olhares trocavam-se magnéticamente, e sem inteligência se entendiam.

Mas por que se entendiam êles? Ângelo e Maurícia não eram amigos.

Viam-se pela primeira vez. Maurícia não tinha o direito de amar a nenhum homem, porque era escrava de um dobrado dever o de espôsa e mãe.

Entremos no exame do dever.

III

Maurícia fôra educada em Paris, onde os talentos com que a natureza a brindara se revelaram logo nos primeiros exercícios escolares com tanto brilho e pujança que dentro de pouco tempo foi ela objeto de espanto para os mestres, e de inveja para as condiscípulas. A diretora do colégio, por dar talvez às pessoas que a visitavam idéia aproximada do merecimento da menina, designava-a com êste apelido — *Petit Brésil*.

— “Voulex — vous voir mon petit Brésil? — perguntava ela aos visitantes. Elle est le premier talent de mon college. Elle fait mon orgueil. C’est un prodige. Elle est en soi même toute la fulguration et toute le vie de la nature intertropicale.” (4).

(4) Em francês: “quereis ver o meu pequeno Brasil? É o meu orgulho. É o primeiro talento de meu colégio. É um prodígio. Ela em si mesma contém tôda a fulguração e tôda a vida da natureza intertropical.” (Nota do “Clube do Livro”).

Não estava ainda moça, quando já lhe saíam casamentos vantajosos; um chegara a ser brilhante. Maurícia recusou todos a pés juntos. Quando a consultavam em assunto de casamento, costumava dizer em resposta:

— Quero levar para o Brasil o meu coração inteiro ainda. Meus pais têm o direito de o possuir exclusivamente por algum tempo, depois de minha volta a seus braços.

Se insistiam em resolvê-la a aceitar o partido que se lhe apresentava, dizia Maurícia graciosamente:

— Esta é boa. Dizem que os brasileiros são selvagens, e querem ter uma brasileira não para mandarem para o Jardim das Plantas, mas para ficarem com ela no seio de uma família. Pois estão livres disso. A selvagem há de tornar às suas florestas, a fim de viver como dantes, com as cobras e as maracajás...

Maurícia dizia isto por pirraça, não por ódio ou rancor aos franceses, aos quais votava grande afeto. Em seu conceito, o povo francês era o primeiro da Europa, e seria o primeiro do mundo, se não houvera o americano, para o qual ela possuía a mais entranhável admiração. Seu espírito era livre, quase republicano. Quando alguma vez a conversação caía sobre política, objeto que parecia merecer-lhe a mais viva simpatia, não deixava sem algumas rajadas Napoleão III, então no zênite do seu poder. Maurícia concluía sempre com estas palavras:

— Êste tirano, êste inimigo das liberdades francesas, não há de acabar no trono da França.

Palavras proféticas, que eram então as de quase todo o mundo e tiveram a mais estrondosa confirmação.

Quando chegou ao Brasil, poder-se-ia comparar com o diamante por nome de Regente, que brilha na coroa da França ou a Estrêla do Sul, de que é o dono o joalheiro Halphen; não tinha preço; seus dotes constituíam um tesouro inestimável.

Suas formas eram corretas e esplêndidas. Os cabelos pretos faziam realçar a alvura da pele fresca e radiante. O olhar e o sorriso, que traziam todos os feitiços da graça, tinham suavidade e paixão, meiguice e fogo.

Mas o encanto mágico dessa fúlgida criatura estava na voz branda, harmoniosa, incomparável. Tinha havido capricho na

educação desta prenda natural da menina. Quem a ouvia uma vez, desejava passar o restante da vida junto dela para a ouvir sempre.

Um dia, a sorte virou, e tornou-se madrastra daquela para quem tivera todos os afetos e liberalidades matinais.

Os pais de Maurícia empobreceram da noite para o dia, e faleceram dentro de breve tempo. Com êstes dois desastres irreparáveis, um dos quais sucedera pouco depois do outro, chegaram para Maurícia os dias nefastos. Leis fatais decidiram do seu destino cruamente. O jardim da sua existência mudou-se em região desolada. Enfim — encurtemos esta história — o brilhante inapreciável foi parar no poder de um senhor grosseiro e mau; e porque o espírito que teve a sua liberdade raras vêzes se deixa tyrannizar, a não ser por um processo lento e artificioso que estava acima da capacidade do marido de Maurícia, fugiu esta do Pará, onde morava, para o Recife, trazendo consigo a pequena Virgínia. Depois de muitos incidentes inteiramente estranhos ao nosso caso, aceitou ela o partido, que lhe fizera um senhor de engenho de Caxangá, para que ensinasse francês e música às suas filhas.

Tornemos à casa de Martins.

O almôço passou sem coisa de maior. Recitativos, então muito em uso, um pouco de canto, um pouco de piano, alguns trocadilhos de Azevedo, insigne neste gênero, e até charadas em que ninguém levava a melhor a Martins encheram as horas que medearam entre a primeira e a segunda refeição.

As quatro da tarde, Martins convidou os hóspedes a uma digressão pelo sítio.

Pouco adiante da casa, começava uma galeria de mangueiras seculares, cujas folhagens, por densas de si mesmas, e por emaranhadas de cipós, não deixavam passar um raio de sol. Era debaixo da abóbada formada por essa vasta coberta de verdura, que estava a mesa. Na extremidade anterior da galeria, ajeitando os galhos, as fôlhas, os cipós, tinha feito Martins uma como gruta natural de aprazível aspecto. Estavam ali o cozido, os assados e as demais comidas. Na extremidade posterior, via-se outra gruta mais perfeita e de maior âmbito. Aí

a Natureza procedera à fantasia. A última mangueira, porventura a primeira em idade e proporções gigantescas, tinha no tronco uma abertura, que vinha do chão até à altura de um homem. Três pessoas emparelhadas caberiam no bôjo, que do lado da mesa era inteiramente aberto. Ali dentro, sôbre pedras que imitavam as saliências de uma rocha subterrânea, viam-se vinhos, frutas e doces graciosamente dispostos.

— À proverbial hospedagem e ao fino gôsto de Martins devemos êste jantar bucólico, digno de ser decantado pela musa de Mantuano — disse Artur, tanto que seus olhos deram com aquela risonha maravilha.

— Isto está soberbo — esplêndido! — acrescentou Salustiano.

— Esplêndido, não — observou Azevedo. Nem um raiozinho de sol penetra aqui.

— Digo esplêndido no sentido moral — retorquiu Salustiano.

— No sentido moral! — exclamou Azevedo. Tudo isto é muito belo, mas pertence à matéria.

— Não te aborreça, senhor. O que eu quero dizer — e todos os homens de talento por certo me entenderão — é que o Martins confirmou com esta obra...

— Que obra? — inquiriu Artur.

— Cobra! Pois aqui há cobra? — perguntou Azevedo.

— Deixem que eu acabe — tornou Salustiano. Quero dizer que Martins é o primeiro poeta desta estrada.

— Ainda as senhoras não viram a melhor — ajuntou Eugênia, a quem muito aprazia o caminho que levava a festa dos seus anos.

— Mostre-nos o melhor, o melhor, D. Eugênia — disse o futuro estudante de Medicina.

— O melhor está nas duas grutas — disse ingênuamente D. Rosa.

— Nas duas grutas! — repetiu Azevedo. Sim, nas grutas é que costuma haver o melhor.

— Aproximem-se — prosseguiu D. Rosa — venha ver, D. Maurícia chegue para cá, Sr. Dr. Ângelo. Que linda coisa não é?

E a anciã indicava o trabalho de Martins.

— É verdade. Tem mãos êste Martins — disse Salustiano.

— E pés, também — acrescentou Azevedo.

— Uma destas grutas — disse Martins — é mitológica; a outra, pode-se dizer, cristã ou antes católica.

— A gruta de Calipso está insigne — observou Ângelo.

— É a dos vinhos, não? — perguntou Sinházinha.

— Pudera, não! — respondeu Azevedo. — A gruta de Calipso! — exclamou Artur, aproximando-se. Grande Martins! Eu logo vi que, andando pela Ilha de Chipre, não havias de perder o modêlo da morada da deusa. Em que tempo andaste por lá?

— Mas, qual é a outra? — o interrogou Maurícia com ares de curiosa.

— É a do padre Aubry — respondeu Martins. É a gruta que vem apontada em Átala.

— Muito bem, muito bem — tornou Maurícia. Dou-te os parabéns, Eugênia, pela festa original que o teu natalício inspirou a teu marido.

— E dizem que os poetas não servem para maridos — observou Artur.

— Qual será dentre as senhoras presentes que deverá ocupar esta cabeceira da mesa? — perguntou Azevedo.

— É Maurícia — disse Eugênia.

— Eu?

— Ótima escolha.

— Muito bem. Não podia ser melhor.

— Mas quem há de ser o Telêmaco? — observou Salustiano.

— Olhem como se inculca o freguês — disse Azevedo a meia voz, que todos ouviram.

— O Telêmaco há de ser...

— Pois isto ainda é objeto de dúvida? O Telêmaco é Ângelo — disse Artur, revelando curto despeito.

— E quem será Átala?

Eugênia acudiu logo:

— É Sinházinha.

- Eu, não — disse esta. Átala deve ser Virgínia.
- Eu já sou Virgínia — retorquiu esta com toda a graça.
- Bravo! — clamou Salustiano.
- Pois a Senhora não quer ser Átala? — perguntou Azevedo a Sinhazinha. Teve tão boa vida!...
- E até uma boa morte.
- E você mesma há de ser, Sinhazinha — disse Eugênia.
- Não quero.
- Perdão, minhas senhoras. Átala não era feia, nem velha para que alguma de V. Exas. se julgue desdouro em representá-la.
- Mas morreu sem casar — observou Azevedo.
- E acabemos logo com isto, que a sopa está esfriando.
- Se me concedem autoridade para cortar a contenda, isto acaba já.
- Tem toda a autoridade para isso, D. Maurícia — disseram os homens.
- Vá sentar-se defronte de mim, Sinhazinha.
- Muito bem.
- Quando Sinhazinha se encaminhou para a outra cabeceira da mesa, ouviu-se a voz de Salustiano:
- Mas o Chactas, o Chactas é que eu quero saber quem será.
- O Chactas não aparece. Está no mato — disse Azevedo. Sentemo-nos, e vamos à sopa antes que ela chegue, que era capaz de engolir mangueiras e tudo.
- E nós o que ficamos sendo? — perguntou ingenuamente D. Rosa, que a todo transe queria o seu papel na representação.
- As senhoras ficam sendo as ninfas da gruta — disse Azevedo rindo-se.
- E nesse riso foi acompanhado por quase todos os que estavam presentes. D. Rosa, suspeitando segunda intenção no que dissera Azevedo, contrariou o gracejo como se se tratasse de ir para o inferno.
- Credo! Antes uma boa morte.
- E nós, nós homens? — perguntou Salustiano.

— Vocês são os selvagens, os Moscovogulgas — acudiu incontinenti Azevedo.

A hilaridade foi geral.

IV

As grutas, as ninfas, os selvagens, a deusa fabulosa, a jovem cristã, foram tema durante todo o jantar a mil gracejos, que não concorreram pouco para aumentar a animação da festa natalícia, belíssima pintura a que a Natureza, ajudada de um pouco de fantasia, servia de quadro encantador.

Quando finalizou o jantar, Martins propôs o passeio de costume pelo sítio, mas pediu que o dispensassem dêle, por ter de ir à Encruzilhada a fala com dois músicos. A festa não podia acabar senão em dança.

— É quase sol pôsto, mas antes de anoitecer estarei de volta.

A companhia dividiu-se, sendo Ângelo, Maurícia, Eugênia, D. Rosa e D. Sofia os que menos apressados se mostraram em deixar a entrada da galeria, onde haviam ficado, enquanto as outras senhoras e os rapazes se dirigiam para a estrada.

— Onde é que fica a cajazeira — perguntou Ângelo — em que o ano passado Martins entalhou a canivete, em honra de seu aniversário, um verso de Virgílio, D. Eugênia?

— Daquele lado, já ao chegar ao Beco das Almas. É a última árvore do sítio, e está encostada à cêrca. Virgínia sabe onde é.

Maurícia chamou, então, pela filha, que ia com Sinhazinha nas pisadas dos outros em direitura para a estrada.

— Ora, mamãe — disse Virgínia — Sinhazinha está ali esperando por mim para irmos à Conceiçãozinha, onde há, aqui a pouco, um casamento.

— Pois vá, vá, minha filha. Iremos com Eugênia.

— Vá nesta direção e tome depois para a direita, que há de dar com a cajazeira — disse a menina. — Olhe: de lá se vê a capelinha. Nós podemos ver-nos dos nossos lugares; e se mamãe não me vir é que fomos à casa de D. Teodora saber se Terezinha já chegou de Boa Viagem.

A menina foi juntar-se à amiga, enquanto Maurícia se voltava para convidar Eugênia a servir-lhe de companhia. Mas já a não encontrou; tinha desaparecido pelo outro lado da galeria com as duas senhoras a quem fôra mostrar uma leira onde o coentro pululava cheio de viço, não obstante ser sêca a estação.

— Deixaram-nos sós — disse Maurícia — mas não importa. Podemos ir, que havemos de acertar com a árvore.

— Não deve ficar muito distante — disse Ângelo.

— Mas o sítio é tão largo que daqui não vemos a cêrca.

— Pelas pontas da árvore, podemos orientar-nos,

Ângelo assim falando e andando, pôs-se a procurar com a vista os ramos superiores da cajazeira, mas foi-lhe impossível o que um momento antes lhe parecera fácil. Cajueiros ramalhudos, mangueiras copadas interpunham-se entre êles e a árvore desejada.

Seguiram, entretanto, na direção que a menina indicara.

— Como eu invejo a felicidade de Martins, D. Maurícia — disse Ângelo.

— E eu a de Eugênia — acrescentou Maurícia.

— É verdade. Vivem exclusivamente um para outro. Parece que nos laços que os estreitam nunca se deu o menor estremecimento.

— Para ser agradável à mulher, Martins anda sempre inventando festas em que a sua fantasia tem grande e feliz intervenção, como acaba de ver.

— Quando o casamento traz êste resultado, não há dúvida que é uma delícia. Se eu encontrasse uma mulher, que por suas grandes qualidades tão valiosa prova oferecesse em favor do casamento, decididamente casava-me por que já me vai parecendo triste de mais a solidão que reina em minha alma desde os primeiros anos da juventude.

— Na sua idade, é realmente para admitir que o coração ainda esteja sem o ídolo de que precisa para ser o verdadeiro templo da vida.

— Pois é verdade. Tenho ainda inteiro e virgem o meu amor; e conjecturo que será fácil àquela que se tornar digna

dêle exercer sôbre mim a maior das tiranias; porque o meu amor tem em si todos os meus afetos, tôda a minha alma.

Comprendendo os perigos desta conversação, Maurícia, que ia sentindo pelo bacharel afeição que a assustava, disse-lhe como para dissuadi-lo de prosseguir o caminho que haviam encetado.

— Parece que já não chegaremos com luz do dia à cajazeira. Está escurecendo rapidamente.

— Pois então voltemos, D. Maurícia — respondeu Ângelo.

— A estrada está pertô, não?

— Está aqui, a nossa direita, obra de cem passos. Parece-nos estar mais longe, pelas sombras das árvores, que não nos deixam ver com exatidão a distância.

— Vamos a Conceiçãozinha. Talvez já encontremos os noivos.

— Podemos atalhar o caminho por êstes cajueiros. A cêrca ali adiante está quebrada, e oferece fácil saída.

Ângelo não se enganara. Em poucos minutos, chegaram ao boqueirão. Na largura de uma braça, a cêrca estava de feito aberta; mas a vara inferior, na altura dos joelhos de um homem, mostrava-se ainda suspensa pelos cipós, que a traziam prêsa às estacas. Ângelo, apoiando-se sôbre a vara, atravessou da outra banda, e daí ofereceu a mão à Maurícia para a ajudar a transpor a cêrca. Mal tinha ela pôsto o pé na travessa, quando deu um grito, que não parecia arrancado sômente pelo susto, mas também pelo terror; e, em vez de passar para o outro lado, recuou amedrontada e meteu-se por trás do tronco de um cajueiro próximo, como quem queria ocultar-se.

Ângelo, assustado, acudiu logo:

— Meu Deus? Que é que tem, D. Maurícia?

Esta respondeu, como quem cobrava os espíritos que um momento a tinham desamparado:

— Desculpe-me, Sr. Dr. Ângelo. Não tenho nada, não foi nada.

— Mas por que deu êste grito?

Ângelo já estava ao pé de Maurícia, e ambos quase ocultos pela folhagem do cajueiro.

— Eu poderia dizer-lhe que tinha sentido uma cobra passar por cima dos meus pés, e tudo estaria explicado; mas não seria esta a verdade.

— Diga, diga então o que foi.

Ângelo estava profundamente impressionado. Tinha ainda na sua a mão de Maurícia, e lhe sentia o frio e o tremor, consequências da violenta impressão.

— Estou deveras assustada, Sr. Dr. Ângelo. Veja como me bate o coração. Não vi uma cobra, vi um demônio.

Assim falando, ela levou a mão do bacharel ao seu peito e a apertou contra êle. Ângelo, através da onda de cambraia e rendas, sentiu as pulsações violentas dêsse coração que êle desejara pulsasse, não de susto, mas de amor por êle.

— Mas o que foi que lhe ocasionou tamanho susto?

— Quando o senhor me estendia a mão para me ajudar a sair, não senti passar pela estrada um homem?

— Sim, sim; êle ainda ali vai.

— Nunca vi em homem algum tamanha semelhança com meu marido.

— Com seu marido! exclamou o bacharel sentindo fel nos lábios. Meu Deus! Tal não diga, por quem é. Seria a maior das desgraças.

— Para mim não há dúvida que seria isso o maior dos infortúnios.

— E para mim também — acrescentou o bacharel; porque... Oh, eu não devia dizê-lo, mas não está em mim prender no coração, como se prende uma cobra dentro de um frasco, o sentimento que a senhora veio despertar nesta morada de solidão e trevas.

— Saíamos já, Sr. Dr. Ângelo, disse Maurícia, como quem não tinha ouvido aquela perigosa revelação. E voltamos antes para casa; já não quero ir com as meninas da capela.

Do lado de fora, a estrada estava deserta como dentro do sítio.

— Havia de ser ilusão sua, minha senhora, disse Ângelo, oferecendo o braço a Maurícia. O homem que passou pareceu-me ser um que mora aqui diante.

— Talvez; mas, então, é a cópia fiel de Bezerra. Depois de três anos de liberdade e tranquilidade, ser-me-ia por extremo penoso pensar, ainda que fôsse um momento, em voltar à antiga vida de humilhação e martírio, porque eu detesto êsse homem, que não era para mim, que foi meu algoz por uma dúzia de anos, que hoje só me merece compaixão ou esquecimento. Como não há quem nos ouça, quero contar-lhe um episódio da minha escravidão conjugal; por êle, poderá o senhor ajuizar do baixo drama em que a mim me coube o papel de vítima, e a êle o de tirano sanguinário. Depois de proibir que eu conversasse em francês com as minhas amigas, impôs-me que não tocasse mais piano. Perguntei-lhe o porquê; respondeu-me que ouvira na tarde anterior, por ocasião de estar eu tocando umas melodias de Schubert, um vizinho dizer que eu não devia ter casado com êle. Sabedora do quanto Bezerra era capaz, fechei imediatamente o meu piano, que assim tomava parte no meu infortúnio e martírio.

— Vejo que o seu sofrimento foi na verdade original.

— Oh! o senhor que tem espírito elevado, e no coração dotes surpreendentes, não imagina até aonde pode descer um homem de curto entendimento, sem educação, sem alma. Ouça. Não podendo resignar-me inteiramente à privação daquelas vozes sublimes, que eram o meu único conforto, que desde criança não se separavam de mim, que eram as irmãs da minha voz, espiei qualquer momento em que o meu tirano se dirigisse a algum arrabalde, deixando-me livre algumas horas. Êsse momento ofereceu-se uma tarde em que Bezerra teve de entender-se com certo sujeito sôbre negócios que lhes eram comuns. Logo que o vi montar a cavalo, corri como louca ao meu piano. Havia quase três meses que estava muda como túmulo aquela arca dos meus particulares afetos. Sôbre as teclas caíram e correram meus dedos desvairados e febricitantes. O prazer que senti, ouvindo os primeiros acordes, desceu tão intensamente ao fundo do meu sistema nervoso que de meus olhos saltaram lágrimas, como contas de cristal, sôbre a face de marfim insensível e fria, mas aniga. Irresistivelmente, a voz saiu-me da garganta, com a ternura apaixonada que nesse momento me transbordava do coração, ninho de sentimentos muito diferentes

dos de Bezerra. Nunca a musa da harmonia, ao que me parece, havia socorrido tanto o meu canto com a sua paixão.

— Muito bem — disse Ângelo comovido.

— De repente, uma voz ressoou no âmbito da sala.
— “Bravo! Bravo!” — dizia a voz.

— Era a de seu marido?

— Não, era a do tal meu vizinho, a quem meu marido ouvira dizer que eu não devia ter casado com êle. Este vizinho era um solteirão inofensivo e algum tanto parvo. Tinha chegado à varanda e daí alongara o pescoço para dentro da minha casa. — Estou de longe mesmo apreciando os seus dotes — continuou êle, e mal tinha acabado de proferir estas palavras, senti sôbre as mãos, que ainda percorriam o teclado, uma pancada violenta: o piano fora rudemente fechado contra os meus dedos. Bezerra estava de pé junto de mim, fingira que ia para longe para pegar-me em culpa.

— Adivinho o resto — disse Ângelo.

— No mesmo instante — prosseguiu Maurícia — Bezerra corre à varanda com o intento talvez de pegar o solteirão pelas goelas e sufocá-lo; mas já o não encontrou; tinha fugido. Todo o seu furor se voltou, então, contra mim. Ergueu o chicote, que mal tocava a anca do seu cavalo. Eu estava de pé, e olhava para êle, horrorizada; nem me ocorrera fugir para um quarto e trancar-me por dentro. Mas quando, para que eu representasse todo o papel de escrava, só me faltava receber o golpe infamante, o braço de Bezerra descaiu, e êle empalideceu. Acovardara-se, vendo algumas gôtas de sangue que tinham caído dos meus dedos sôbre o meu vestido e aí deixavam escrita em caracteres vermelhos a história do seu crime. Foi esta brutal afronta que trouxe a nossa separação, pela minha fuga com minha filha para o Recife.

— A senhora tinha razão, hoje, quando me dizia que eu não sabia uma quarta parte dos seus padecimentos — disse Ângelo.

— Tenho ou não motivos de temer qualquer encontro com semelhante homem? Ah! Sr. Dr. Ângelo, se os maldizentes soubessem tôdas as particularidades da vida daqueles em quem

aferram o dente envenenado, talvez recusassem praticar o seu torpe ofício.

Estas palavras foram proferidas alguns passos antes da entrada da casa de Martins.

Fizeram aí uma pequena parada. Pelas portas abertas, via-se de fora a sala ao clarão das luzes.

— Meu Deus! exclamou Maurícia. Veja quem está ali. E apontou pra a sala.

A um lado da mesa, três pessoas estavam sentadas, Martins, Eugênia e Bezerra.

Maurícia sentiu-se enfraquecer, e inclinou-se, para não cair, sôbre o braço de Ângelo.

V

Albuquerque, senhor de engenho com quem Maurícia contratara os seus serviços, pertencia, segundo o está atestando o próprio apelido, a uma das primeiras famílias de Pernambuco. Em muitos pontos adiantado pela natural influência das idéias modernas, mostrava-se sumamente aquém do seu tempo no tocante às antigas regalias de sangue. Revia-se com vaidade que para assim dizermos trouxera do berço, nos pergaminhos da família. Esta vaidade era nêle uma como intuição inata e irresistível. A educação, que se ajustara a êsse molde tôsko, dera-lhe novos acrescentamentos.

De seu natural, era brando e benévolo, não obstante serem rudes os sentimentos e algum tanto carregadas as tradições que herdara dos seus maiores.

Quando se sentia pisado na dignidade por pé, movido pela audácia, elevava-se a tôda à altura do passado, e no vasto arsenal da família encontrava, senão armas de aço fino e cortante com que rebater o agressor, as armas da soberba, do desdém, da altivez, e, às vêzes, até as da ameaça e da hostilidade moral.

Estações desfavoráveis e contratempos privados tiveram-no por alguns anos em embaraços e atribulações, que o assoberbaram.

Chegou a ver quase todos os seus bens arriscados. Mas os tempos melhoraram e pôde desempenhar-se dos seus compromissos. A paz e a fortuna vieram ocupar de novo no lar,

onde um eclipse se demorara não sem grande desânimos e desgostos, o lugar que lhes pertencia antes das adversidades agora de todo desaparecidas.

Foi por êsse tempo que os serviços de Maurícia foram aceitos. Alice, última filha de Albuquerque, entrava no seu décimo ano de idade; urgia ter educação. Quanto ao primogênito, por nome de Paulo, êste não inspirava cuidados a Albuquerque; tinha dezessete para dezoito anos e não dava mostras de vocação para as letras. Muito cedo, deixara a escola, para dedicar-se de corpo e alma à agricultura, que era a carreira de sua predileção. Fôsse que a vocação o inclinasse fortemente para a vida do campo, onde o contato com a natureza despertava em seu espírito novas simpatias pelos prazeres inocentes que aí encontram; fôsse que o seu gesto procedesse dos hábitos a que desde a primeira idade se entregara de coração, certo é que Paulo era, ao tempo desta narrativa, o tipo do agricultor, e nêle tinha seu pai as melhores esperanças. A capacidade do rapaz em regular o serviço de engenho; a sua discrição em tratar com os trabalhadores e os interesses da grande propriedade que haviam tornado objeto de tão larga confiança que Albuquerque só tinha olhos para o que constituía a administração exterior; das porteiras para dentro, Paulo superintendia em tudo. Quando alguém procurava o senhor do engenho, a fim de lhe pedir qualquer favor, ou colocação, Albuquerque dizia:

— Entenda-se com o Sr. Paulo, que é quem sabe o que precisa, ou o que se pode fazer. O que êle decidir está decidido.

Paulo experimentava precisamente por aquêlê tempo a necessidade de completar-se. As cenas da Natureza, seus painéis, suas belezas, suas maravilhas, provocavam-lhe o espírito de risonhas visões; mas no fundo dessas visões o que suas mãos encontravam, quando êle buscava verificar se aí havia o que a imaginação gerava e coloria, era a ausência da realidade; as proporções desta mediam-se pelas terras do engenho.

Quando voltava do serviço diário, tinha bom apetite, e depois da última refeição o corpo, que requeria repouso, achava na cama novas fôrças, trazidas pelo sono para recomençar no dia seguinte a tarefa interrompida na véspera. Mas esta fase

de apetite, que se satisfazia com os alimentos, e de fadiga que desaparecia com o sono reparador, tinha de ser profundamente alterada; o coração devia dar sinais do termo de seu repouso e da aproximação do seu despertar; a imaginação devia exigir visões e sonhos diferentes dos que inspirava o espetáculo dos campos, dos rios e das matas.

Paulo sentira nos últimos tempos acender-se no intrínseco de seu peito fogo desconhecido, que, por ser tal, não deixava de o abrasar. Sentiu anelos teimosos, prazer e tristeza, crença e dúvida, que não sabia explicar e mal conhecia, porque a essência de sua vida assentava na inocência, que o campo alenta. Um mestre particular ensinara-lhe as primeiras letras. Não se tendo achado em contato com a meninice trêfega, ou com a juventude viciosa de certos colégios, quase tôdas as pequenas corrupções que se devem a tais centros, e que são, muitas vêzes, a origem das grandes corrupções sociais, lhe eram inteiramente desconhecidas. O seu espírito podia considerar-se estreme, o seu coração podia reputar-se um modelo digno de ser estudado e seguido (5).

Quando de volta do trabalho, Paulo achou uma tarde em casa a menina de fisionomia triste, olhar meigo mas melancólico, adivinhou, por lúcida previsão, que a sorte lhe trouxera, enfim, aquela delicada forma do espírito, da bondade, da dedicação, do amor que êle, apenas, conhecia como deleitosas abstrações ou vagas fantasias.

Virgínia era tão fraca de compleição que, à primeira vista, todos sentiam apreensões pela sua existência.

Olhando-se para aquêle corpo franzino, delicado, pôsto que não desgracioso, antes cheio de modesta elegância, pensava-se que há formas que não resistem senão por muito pouco tempo ao trabalho das intempéries e dos climas. Tinha-se pena de pegar em sua mão, porque parecia que com qualquer movimento menos brando poderiam sentir-se os dedos finos, a palminha delicada, o bracinho delgado da encantadora menina.

A Maurícia atribui-se êste conceito a respeito da filha.

(5) Estreme, que não tem mistura, puro, genuíno. (Nota do "Clube do Livro".)

— Virgínia parece ter nascido de um respiro, e estar destinada a morrer de um sôpro!

Uma vez, conversando com D. Carolina, mulher de Albuquerque, sôbre a fraca organização da menina, dissera Maurícia:

— Quando de minha janela vejo Virgínia passeando ao sol pôsto, pelo cercado, e trazendo soltos sôbre o roupãozinho branco os cabelos louros, só se me afigura ter diante dos olhos uma nuvenzinha que caiu das alturas sôbre a terra.

A natureza caprichosa na distribuição dos seus favores dera a Virgínia, como se fizera para resgatar a fragilidade do corpo, o mais vigoroso espírito que já se viu em tão verdes anos.

Em casa, quando a viam vencer ao piano alguma das grandes dificuldades que as óperas oferecem, diziam:

— Não nega que é filha de quem é!

Não andava longe da verdade a gente do engenho, quando se exprimia a respeito de Virgínia, nesse desataviado modo por que o povo traduz os seus conceitos. A verdade, porém, a verdade completa era que a menina trouxera do berço, com o talento, outros muitos tesouros, a saber, juízo, porque, cada uma destas virtudes é uma grandeza, capaz por si só de caracterizar, não dizemos tudo, de encher uma existência.

Quando Maurícia chegou ao engenho, Virgínia, com ser muito nova, tinha já quase completa a sua educação. As qualidades insignes que brilhavam em sua mãe, por uma como reprodução mágica, se tinham continuado nela porventura mais vivas e adoráveis.

Paulo ficou extasiado diante daquela criaturinha que escrevia e falava corretamente o francês, tocava graciosamente piano, entendia de geografia e desenho, cosia, bordava; Virgínia pagou igual tributo de admiração: achou em Paulo tanta candura, tanta conveniência nas ações, tanta compostura no dizer, no olhar, no falar, no sorrir, que não pôde deixar de comunicar a Maurícia a sua impressão; e o fêz nestes termos:

— Que bonitos modos tem o filho do Sr. Albuquerque, mamãe!

Estas duas admirações tão irmãs, tão naturais, tão espontâneas, de duas organizações virgens, de diferente sexo, só podiam trazer um resultado — a enamoração mútua, o que queria indicar um sentimento comum — o amor. Mas êste amor nasceu sem fogo, sem veemência, sem estridor; nasceu límpido e brando, como nasce no deserto, por sob a folhagens, cristalina fonte, cujas águas o sol não queima e a tempestade não revolve. Foi um relâmpago que fulgiu ao longe: todos viram o seu clarão, mas êle não deslumbrou ninguém, e não foi seguido de medonho estrondo.

Testemunhemos uma das manifestações dêsse amor.

Uma tarde, Albuquerque, de passagem para o cercado, ouviu o rumor das vozes dos dois jovens em colóquio no oitão da casa. Estavam sentados sôbre uma viga de sucupira, que ali esperava, ao tempo, o verão para ir substituir uma trave podre da cobertura.

Era longe dêles o pensamento de ocultar-se às vistas da família. Encontraram-se por ali casualmente, Paulo por ocasião de ir verificar quantas fôrmas havia na casa de purgar. Virgínia de caminho para a choupana de uma moradora a quem devia encomendar umas varas de rendas de que precisava Maurícia. Sentaram-se um momento, e entraram a conversar, sem lhes ocorrer nenhum pensamento de que semelhante passo poderia dar causa a reparos.

A tarde estava deliciosa. Namorados de outra esfera, namorados da cidade, trocariam entre si, apartados como estavam êles do centro da família, frases de sentido duvidoso, e talvez amplexos e beijos, que arriscassem as canduras que velam as primeiras paixões, como as neblinas occultam os abismos. Aquêles dois pintassilvos, porém, meigos e inocentes, tinham suaves confidências que eram mais gorjeios do que palavras.

Eis o que êles diziam:

— Caiu? E por meu respeito! Quem o mandou a árvore?

— Queria trazer-lhe êstes ingás. O galho, onde pus os pés estava podre, e vim ao chão, antes de tirar as frutas.

— Podia ter-lhe sucedido alguma coisa pior, Paulo. Para que faz isso?

— Como não tinha uma lembrança que lhe trazer, corri às frutas logo que as vi. Eu quero que você saiba, Virgínia, que não me esqueço nunca de você.

— Eu bem sei que você me quer bem. Não é preciso que se exponha a perigos. Não caia em outra, Paulo.

Outra vez foi D. Carolina que deu com eles conversando depois do almôço.

— Volte cedo hoje — dizia Virgínia. Quando você chega eu já estou cansada de esperar; tenho curtido uma saudade imensa. Assim que me parecem horas, subo ao quarto de mamãe, e da janela olho ao longe; nada de você aparecer! Vejo somente as árvores, os canaviais, os caminhos sem gente. As horas custam a passar. O sol fica prêso no céu, e não anda.

— Que hei de fazer? disse Paulo em resposta. Não sabe que sem mim os negros não trabalham?

— Se mamãe não se agastasse, eu era capaz de ir fazer-lhe companhia ao serviço. Que é que tinha? Levava a minha costura, e tendo-o por junto de mim sentiria grande prazer no meu trabalho.

Para êste rasgo de amor singelo e inocente, Paulo teve uma resposta muda: passou o braço pela cintura de Virgínia e apertou-o contra o peito. A menina inclinou os olhos ao chão e pela primeira vez, sentiu, por um gesto de Paulo, o sangue subir-lhe às faces.

D. Carolina julgou prudente referir o que vira ao marido, acrescentando algumas reflexões.

— Já uma vez — disse Albuquerque — achei-os conversando do lado do alpendre. Sua conversação era inocente, mas indicava que eles se amam.

— Não será tempo de atalhar êste sentimento? Paulo, se as coisas continuarem como vão, virá a perder o casamento com Iaiázinha, e isto seria muito desagradável porque há tôda a conveniência em que se case com a prima.

— E é verdade — tornou Albuquerque; são parentes muito chegados; o sangue é o mesmo. Quanto à fortuna de Iaiázinha pode calcular-se em cem contos de réis. Mas qual o meio de impedir, sem risco de desagradar a D. Maurícia o desenvolvimento destas inclinações? Se Alice não precisasse hoje,

mais do que nunca, dos serviços de D. Maurícia, a dispensa dêstes serviços remediava o mal, e podia realizar-se sem o menor indício do seu principal motivo; mas devemos acaso arriscar-nos com alguma providência de rigor a perder tão boa mestra? Demais, o que não sucederia nesta casa com semelhante separação? Alice, como você sabe, tem para D. Maurícia afeição de filha; Paulo pelo mesmo. Por aí, calcule quanta tristeza não entraria aqui com a ausência dela. D. Maurícia é muito digna, é até respeitável; e se não fôsse viver separada do marido, estou quase a dizer-lhe que não haveria desdouro em Paulo casar-se com Virgínia, porque o que verdadeiramente se deve exigir na união conjugal — o amor, êste os liga e promete ser indissolúvel. Ora, eu quero a felicidade de meus filhos, e não estou ainda deliberado a aprovar o casamento de Paulo com a prima, cuja educação não me parece boa. Esta é a verdade.

Esta linguagem na bôca de Albuquerque era a maior das contradições, e só indicava que os merecimentos de Maurícia e Virgínia tinham dado golpe profundo no preconceito que fôra até então a primeira lei moral do senhor de engenho.

— Eu também não estou longe de pensar com você neste ponto. Mas então, vejo lá aonde irá isso ter, porque a afeição dêles, com a docilidade que há, irá aumentando de dia em dia, e D. Maurícia não cessa de dizer que nunca mais voltará para a companhia do marido. Veja, então, o que se há de fazer, concluiu D. Carolina.

Assim como aos olhos dos pais de Paulo os colóquios entre êste e Virgínia pareceram depressa adverti-los que deviam velar sôbre o futuro do filho, assim também aos de Maurícia êles indicaram os perigos que cercavam sua filha, não obstante a pureza e a grandeza do grande afeto dos dois jovens. Desde que conheceu a inclinação de Virgínia, começou a ter cuidados, vigilância, estremecimentos e apreensões pela menina. “Hoje são puros, ingênuos, infantis” dizia consigo no fundo do aposento, que se lhe havia destinado no sobrado da casa de vivenda. Mas quem me assegura que há de ser sempre um inocente égloga o amor dêles? E se Virgínia, ainda quando seja sempre digna do seu nome, viesse

Paulo a preferir outra mulher, sua prima por exemplo, quem lhe resgataria o dano que, depois de conhecidas as relações dêles dois atualmente, semelhante acontecimento deveria trazer? Que imputações cruéis as línguas viperinas não se julgariam com o direito de irrogar a minha querida filha? Isso não pode continuar assim."

Maurícia tomou uma resolução súbita, e desceu à sala de visitas, onde Albuquerque estava lendo os jornais daquele dia.

— Sr. Albuquerque — disse ela, não sem rápidos toques de palidez nas faces, e ligeiro tremor da voz — desculpe que ainda tão cedo venha tomar-lhe o tempo.

— Alguma novidade, D. Maurícia? — inquiriu quase sobressaltado o senhor do engenho.

— Tenho por grave e por da maior conta para mim o assunto desta entrevista.

— Sente-se aqui ao pé de mim.

E Albuquerque ofereceu-lhe uma cadeira.

Maurícia não se demorou em falar-lhe nos termos seguintes:

— O Sr. já deve ter conhecido que Paulo e Virgínia se amam, e que o seu amor, ao que parece, é puro e desinteressado.

— A senhora faz-me justiça, quando diz que eu já devia conhecer a afeição comum entre meu filho e sua filha. De feito, essa afeição de há muito me preocupa.

— Tenho perdido noites de sono somente em cuidar nisso. Vivendo eu e minha filha a bem dizer às suas expensas...

— Não, senhora; em minha casa a senhora tem vivido do seu trabalho.

— ... êsse amor — prosseguiu Maurícia — poderá parecer a muitos um cálculo para eu melhorar de sorte, ou uma baixa retribuição da hospitalidade que recebemos.

— Em minha casa, Sra. D. Maurícia, não há ninguém, nem os meus escravos, que seja capaz de semelhante aleivosia.

— Eu assim o penso, Sr. Albuquerque; mas fora da casa e até fora do engenho não há de faltar quem, por maldade, inveja, ou gôsto diabólico se apresse a atirar lama sôbre o

véu cândido de uma menina inocente que é digna de melhor sorte.

— Não tenha êste receio. Os tempos dos falsos testemunhos já passaram, e a virtude resiste a tôdas a agressões da maledicência, e de tôdas triunfa.

— Seja como fôr, tenho como mãe um dever imperioso a preencher neste grave assunto. Venho declarar-lhe positivamente, Sr. Albuquerque, que não há cálculo, nem baixaza da parte de minha filha. Se Paulo tem brasões ilustres, sangue limpo corre pelas veias de Virgínia; se Virgínia é pobre, Paulo não é rico; se hoje eu e ela nos sentamos à mesa do Sr. Albuquerque, hoje mesmo podemos deixar vagos os nossos lugares, para serem ocupados por quem queira prestar os mesmos serviços que estou prestando.

— Conclua, D. Maurícia.

— Concluo, dizendo que preciso de saber do Sr. Albuquerque a sua opinião a respeito das relações que entretém seu filho e minha filha.

Albuquerque tinha Maurícia em grande conta, e consagra-lhe particular estima, que era compartilhada por todos os de casa. Ao princípio, tivera para ela a maior reserva. Terminadas as lições de Alice, Maurícia subia aos seus aposentos, e a família recolhia-se aos que lhe pertenciam. Ficavam as comunicações interrompidas até à hora da refeição, em que Maurícia, descendo com Virgínia, vinham encontrar os donos da casa e a sua discípula silenciosos à mesa, esperando por elas. Estas cerimônias duravam por algum tempo. Albuquerque e D. Carolina estudavam os costumes, os sentimentos, o caráter da mulher a quem tinham dado entrada, por necessidade, no seio da família. Tanto, porém, que reconheceram os largos merecimentos de Maurícia, cortaram o cordão sanitário que os separavam, e foram os primeiros que atraíram à intimidade a hóspede que ainda queria continuar as suas reservas. Então, Maurícia e Virgínia vieram a ser consideradas os primeiros encantos da casa e quase a fazer parte da família. Albuquerque apresentou-as com certo orgulho às pessoas de representação que vinham passar dias no engenho. Neste, começou a reinar outra ordem de alegrias. Dan-

tes, havia aí lautos jantares, mas sem grande animação; agora, já não era assim; com sua voz divina, Maurícia dava às reuniões o tom de verdadeiros saraus. Com ela, entrara ali a musa da harmonia, que deixava extasiados e saudosos os que iam passar os domingos com Albuquerque.

A brilhante sociedade que já concorria semanalmente ao engenho tornou-se mais frequente, e aumentou de brilho e número. Um presidente de província foi passar um domingo em Caxangá somente para ouvi-la cantar.

Ouvindo as suas palavras Albuquerque não se deu por ofendido, antes acudiu a dar-lhes o maior apoio, procurando tranquilizá-la.

— Não tenho sôbre este objeto intenção hostil a Virgínia, que eu considero no caso de dar a Paulo a felicidade que êle deseja. Mas o casamento não se realizará, senão depois de preenchida uma condição, uma condição única.

— Qual, Sr. Albuquerque? inquiriu a inquieta mãe, sentindo lavar-se seu espírito, até àquele momento carregado de dúvidas e temores, no mais suave contentamento.

— Estão bem moços ainda; são duas crianças — prosseguiu Albuquerque. No govêrno da vida, Paulo é um homem perfeito; eu não sei se poderia em caso algum dirigir tão discretamente as minhas ações, e trazer tão bem velados os meus interêsses. Mas Paulo, segundo a senhora reconhece, não tem fortuna; agora é que trata de formar pecúlio. Êle desmentiria o seu conhecido juízo, se tomasse família sem os meios de a manter decente e dignamente. Talvez que já tenha êstes meios, quando se preencher a condição de que lhe falei. Então, sim, D. Maurícia; o casamento, que nós e êles desejamos, se realizará com satisfação de todos.

— Mas não poderei saber qual é a condição a que o Sr. se refere?

— Permita que por ora a não revele. Em ocasião oportuna, a senhora será sabedora; mas dependendo a condição da sua vontade, ou do tempo, não há razão para supor que prometo o que é impossível. Está satisfeita, minha senhora?

— Estou tranquila; satisfeita, ainda não, respondeu Maurícia graciosamente.

— Esperemos pelo tempo — disse Albuquerque.

E levantou-se.

Maurícia imitou-o, e subiu. Levava um demônio no espírito.

— Que condição será essa? perguntava inquieta a si mesma, e não achava resposta que lançasse um raio de luz sobre este mistério impenetrável.

Nesse mesmo dia, Albuquerque, dando parte a sua mulher do que se passara entre elle e Maurícia, disse estas palavras:

— Daqui até que Alice esteja de todo educada, hei de ter conseguido conciliar D. Maurícia com o marido, e então darei a Paulo a felicidade que mais deseja. Talvez, não seja preciso promover-se esta conciliação, à vista das circunstâncias em que ficava o marido de D. Maurícia por ocasião das últimas indagações a que mandei proceder no Pará. Estava pobre e enfermo. Conjeturo que a esta hora o infeliz já não existe.

Não chegou a contar-se uma semana que Albuquerque teve a prova de que era mentirosa a sua conjetura.

VI

Na mesma sala em que Albuquerque e Maurícia tinham conferenciado sobre o grave assunto que vimos, foi introduzido, seriam nove horas da manhã, no dia da festa em honra de Eugênia, um homem que poderia ter quarenta anos de idade. Era alto, magro, pálido. Tinha a fisionomia desfigurada. Trajava de preto. Trazia os cabelos e a barba crescidos, a camisa enxovalhada.

— Queira ter a bondade de dizer o que o trouxe a esta casa, disse-lhe Albuquerque.

— Senhor, disse o sujeito, estava eu no leito da morte, quando um amigo, com o intento de reanimar-me, deu-me a ler uma carta em que uma pessoa desta cidade recomendava a outra, moradora na em que eu agonizava, que lhe desse informações minuciosas acerca do meu estado moral, sobre os meus meios de vida, etc.

— Estou falando com o Sr. Bezerra? — inquiriu Albuquerque.

— Sim, senhor; tornou o sujeito.

— Sente-se.

Depois de um minuto de silêncio, Bezerra prosseguiu:

— V. S. terá bem presente na memória tudo o que disse nessa carta?

— Lembra-me por alto o que escrevi.

— Falo-lhe nestes termos porque eu a tenho de cor, o que não deve causar espanto, visto ser ela a minha salvação. Posso assegurar a V. S. que as suas letras me arrancaram das garras da morte.

— Eu tudo ignoro a seu respeito, porque a pessoa a quem pedi informações, nenhuma me deu ainda.

— Essa pessoa julgou-se dispensada de o fazer, quando soube que eu vinha a Pernambuco. Procurou-me para me pedir que entregasse a V. S. a presente carta.

Assim falando, Bezerra punha nas mãos de Albuquerque a carta a que se referira.

— É uma carta de apresentação.

Albuquerque, depois de lê-la, disse a Bezerra:

— Antes de passarmos adiante, julgo do meu dever declarar-lhe que nenhuma parte teve no passo que dei para obter informações a seu respeito a Sra. D. Maurícia.

— Minha mulher... disse Bezerra.

— Andei nisso por exclusiva inspiração minha, e até a este momento ela tudo ignora a semelhante respeito.

A estas palavras, Bezerra tornou-se mais pálido do que era.

— Ah! disse. Eu cuidava que tudo se havia feito por indicação dela.

— Não, senhor.

— Sei, prosseguiu Bezerra, que minha mulher não encontrou em V. S. somente um cavalheiro, encontrou também um irmão.

— Não lhe tenho feito senão aquilo a que tem direito, por suas qualidades pessoais.

— V. S. diz a verdade nestas últimas palavras, minha mulher é uma adorável criatura; e só a cegueira em que vivi nos primeiros anos depois do meu casamento poderia dar origem a cenas fatais que eu hoje recordo com pejo. Mas, senhor, posso assegurar-lhe que a cegueira está agora de todo extinta; e que, ensinado pela experiência, castigado pela sorte, trago para minha mulher o primeiro dos meus afetos, e para minha querida Virgínia todos os extremos de que é capaz o mais terno dos pais.

Albuquerque tinha os olhos fixos em Bezerra, que parecia exprimir-se não com os lábios, mas com a alma.

Bezerra não fôra destituído de graça nas feições, de vivacidade no olhar. Conhecia-se pelas ruínas ainda notáveis destes dotes que eles tinham sido pingues. O senhor de engenho ouvia-o com tôda atenção, e não sem prazer.

Bem depressa, Bezerra conheceu que da parte de seu interlocutor havia tôda a benevolência para êle. Considerou, então, ganha a sua causa.

Continuou:

— Apanhei muito na cabeça, senhor apanhei muito mesmo. Fui negociante, fazendeiro, advogado, jornalista. Tudo o que era meu se foi pela água abaixo; mas o meu primeiro tesouro, a minha única fortuna, que eu julgava para sempre perdidos, a Deus aprouve que tivessem em V. S. um defensor, um protetor, um depositário venerável. Obrigado, senhor, obrigado. Vendido e revendido eu não poderia pagar-lhe êste serviço, esta honra, esta esmola, esta felicidade.

— Sr. Bezerra, atalhou Albuquerque, o senhor está laborando em verdadeira equivocação. Informando-me do estado de sua vida, não foi meu intento chamá-lo a Pernambuco para restituir-lhe a família que o senhor deixou sair pela porta afóra em pranto e desespero. Não tinha e não tenho autoridade para isso. Informei-me por mera curiosidade. Eu queria saber se a mulher que eu recebera no seio de minha família tinha razão de estar separada do marido, até certo ponto pareceu-me até dever meu ter disso conhecimento para minha direção. Se, pelas minhas informações, eu chegasse a convencer-me de que a Sra. D. Maurícia não era digna de viver à

minha sombra, retirar-lhe-ia imediatamente tôda a confiança, e sôbre as suas costas fecharia para sempre as portas de minha casa. Felizmente, senhor, parece-me que não foi ela quem mais concorreu para a separação que lastimo.

— Tôda a responsabilidade dêste deplorável acontecimento me pertence. Minha mulher foi mártir das minhas loucuras. Quero perder-lhe que me perdoe, e que venha dora em diante proporcionar-me a felicidade, a que eu não soube dar o devido valor.

— Neste particular, senhor, tudo correrá por sua conta.

— Mas V. S. há de auxiliar-me na extinção do escândalo e da desgraça que há três anos trazem apartados de mim dois entes que hoje constituem a minha única riqueza.

— Tenho os melhores desejos de que cessem êste escândalo e desgraça; e prometo-lhe que tudo farei para que o senhor e ela voltem a viver em harmonia, respeitados e estimados dos homens de bem. Antes, porém, de chegarmos a qualquer resultado, exijo do senhor um serviço, a que me considero com direito.

— Tenha V. S. a bondade de declarar que serviço é.

— Exijo que o Sr. Bezerra faça ver a sua mulher, em têrmos que metam fé, que a sua vinda a Pernambuco é o resultado de deliberação sua na qual não tive a menor parte. Há três anos que D. Maurícia vive em minha casa, em tão estreita cordialidade que só nos tem proporcionado horas de contentamento. Todos a têm aqui na maior conta. Eu voto-lhe particular estima, porque não vejo nela sômente uma mulher de qualidades distintas, vejo principalmente a educadora carinhosa, a quem minha filha deve prendas de grande preço que constituem o melhor do seu dote. O senhor compreende que em condições tais muito desagradável me seria que, sem fundamento, aliás, tivesse sua mulher motivo para de qualquer modo atribuir-me neste negócio solução que não fôsse de seu agrado.

— A minha defesa e a minha glória estão principalmente na espontaneidade com que resolvi procurá-la. Sem essa espontaneidade, nenhuma segurança daria eu de ser no futuro o reverso do que fui no passado.

Quando Bezerra soube que a mulher e a filha não estavam no engenho, grande foi a sua contrariedade. Compreende-se que elle tivesse pressa em ver decidida tão importante questão.

Bezerra dissera, não a verdade inteira, mas só meia verdade a Albuquerque relativamente às diferentes fases de sua vida. Elle, no Pará, fôra quase tudo o que pode ser um homem que se deixa resvalar no plano escorregadio do desmando, principiando o escorrêgo pelo lar doméstico. Vendera tudo o que lhe restava dos poucos bens que a mulher lhe levava em dote, para consumir o seu valor na dissipação, no jôgo, na malandragem. Tivera várias aventuras, e por uma delas chegara a ir à prisão pública. Quando ficou livre, meteu-se a rábula. Elle não era inteiramente inábil, e porque as necessidades urgentes, chegou, pelo esforço, fazer aquisição dos conhecimentos que no fôro se exigem. Por algum tempo se manteve nesta carreira; mas tendo-se sumido dos autos de uma questão importante o documento em que a parte contrária fundava o seu direito, jurou ela vingar-se extrajudicialmente. De feito, uma noite em que Bezerra, ao lado de uma das últimas companheiras lia uma novela, quatro sujeitos mascarados tomaram-lhe as portas da entrada e saída, e dentro de sua própria casa deram-lhe tamanha surra que por morto o deixaram. A companheira desamparou-o nessa hora de suprema agonia, e se não fôsse um caridoso vizinho, que dêle se condoeu, não sairia da cama senão para a sepultura. Estava elle nesse estado, quando a carta de Albuquerque chegou ao Pará. A pessoa mostrava-lhe; elle cria alma nova. Lembra-se da mulher e da filha, e em voltar à vida conjugal, por tanto tempo desamparada, julga estar a sua salvação; considera-se arrependido; pede a Deus que lhe conserve a vida para que elle tenha, ao menos, ensejo de dar até aos fins dela prova pública de sua emenda. Seus desejos foram cumpridos.

Mas era tamanho o seu empenho em ver Maurícia, que não se resignou a esperar que ela voltasse a Caxangá. Tendo ficado de voltar no dia seguinte, depois de jantar no engenho, regressa a Recife e encaminha-se para a casa de Martins.

Entretanto, Albuquerque dava-se os parabéns do desfecho feliz que o triste drama parecia ter.

Ficara tôda a tarde no aterrado do engenho com sua mulher. Alice tinha ido passar o domingo em casa de uma parenta; e, como se a sorte julgasse necessário todo o tempo a Albuquerque para refletir sôbre a nova situação que se desenhava a seus olhos, nesse dia não appareceu nenhum dos habituais frequentadores da casa.

— Eles ficarão aqui ao pé de nós — dizia Albuquerque a D. Carolina, referindo-se a Bezerra e Maurícia. A casa onde faleceu minha irmã será para elles. É uma boa casa, em que poderão morar o tempo que lhes parecer. Como não tem esse homem nenhum meio de vida por ora, verei o que se há de fazer para que fique arranjado. Se proceder bem, como espero, Paulo casar-se-á, e restar-me-á o prazer de ter chamado ao bom caminho um casal que andava desnorteado, e de ter realizado a felicidade de meu filho.

D. Carolina, depois de algumas reflexões, ou objeções, que Albuquerque destruiu, achou tudo o mais muito bom, e já desejava que todo este castelo fôsse levado a efeito quando uma carruagem do engenho, que voltava, trouxe Maurícia e Virgínia.

Albuquerque e D. Carolina foram ao encontro das duas senhoras.

Pegando da mão de Maurícia, o senhor do engenho, com o sorriso nos lábios, disse-lhe:

— Tenho uma feliz nova que lhe comunicar, D. Maurícia.

— Uma feliz nova! Eu também tenho uma novidade que lhe referir. Mas esta, Sr. Albuquerque, é triste: É a minha desgraça.

Então Maurícia deu alguns passos para D. Carolina.

— Ah! minha boa amiga. A minha tranquilidade, o meu sossego acabaram. Foram-se os dias felizes. Ai de mim!

Assim falando, Maurícia lançou-se nos braços da senhora do engenho, e umedeceu-lhe o seio com suas lágrimas.

VII

Não se pode descrever o assombro de Maurícia, ao dar com as vistas em Bezerra na sala do sítio. A medonha visão, que lhe apparecera no boqueirão e se desvanecera quase inteiramente,

te no trajeto para a casa de Martins, surgiu agora novamente, envenenando-lhe o espírito e repassando-lhe de fel a malfadada existência. Terríveis ameaças vinham com esta visão merencória e truculenta. O passado de que Maurícia desenterrara a página, que lera a Ângelo, ressurgiu a seus olhos com todos os episódios, dando-lhe a feição de uma tragédia.

— Eu logo vi que não havia de enganar-me — disse ela tristemente.

E acrescentou no mesmo instante :

— Que será de mim, se êsse homem me jungir outra vez ao carro de sua tirania?

E porque a êsse tempo tinha passado a primeira impressão do assombro, Maurícia voltou imediatamente sobre seus passos. Ângelo, que tinha ainda prêso ao seu o braço dela, deixou-se arrastar irresistivelmente. O acaso os unira, e a fatalidade parecia não querer soltá-los. O abismo, em que um estêve perto de cair, ameaçava o outro. O pensamento de escapar a êsse abismo era comum a ambos.

— Fugamos daqui, sr. Dr. Ângelo. Deus me livre de ser vista por meu carrasco. Parece-me que para afugentar-se espavorida a minha liberdade, bastaria que êle me cobrisse com seu olhar sinistro.

Foi profundamente abalada que Maurícia disse estas palavras, arrancos de seu ânimo quase exausto. Sentia-se prêsa da febre e do frio ao mesmo tempo. Em sua alma, havia fogo e gêlo — o fogo do desespero, o gêlo do terror.

Deram a andar em demanda do portão, protegidos pelas sombras das árvores a que as da noite aumentavam o vulto e a densidão.

— Há talvez excesso nos seus receios, D. Maurícia — disse Ângelo, depois de um momento de silêncio. Quem a poderás obrigar a viver com êsse homem? A senhora não pertence ao acaso! Não é dona das suas ações?

— Pertenço-me e sou senhora das minhas ações — respondeu ela. Mas a verdade é que êle me aterra como se fôra um duende. Não está em mim deixar de temê-lo. Contra êsse homem só fui forte em um momento da vida — o da minha separação.

— Recobre os ânimos — prosseguiu o bacharel. Voltar à companhia dêle, ou ficar livre como até hoje, são coisas que dependem exclusivamente da sua vontade. Não tem vivido longe dêle durante três anos? Por que o teme? Demais, a senhora não está só. Ao seu lado pulsa um coração virgem e amigo, onde predominam dois sentimentos imensos — o amor e a dedicação. Exija qualquer prova dêstes sentimentos que ela não lhe será recusada, nem retardada.

Ângelo tinha na voz estranhas vibrações. Seu corpo estremecia nervosamente. Fulgiam-lhe no espírito clarões sinistros. Era a terceira vez que o seu amor se revelava. Maurícia, que se considerava de feito ameaçada no que tinha mais caro de seu, não pôde fazer-se desentendida como das outras vezes. Os perigos que se levantaram contra a sua tranquilidade eram maiores do que os que ameaçavam a sua honra.

— Eu preciso realmente de proteção, sr. Dr. Ângelo. Dentre os parentes que tenho só confio em Eugênia e no marido; mas a moral severa em que foram educados talvez não lhes consinta fazerem comigo uma barreira contra as pretensões do meu perseguidor. Não lhe farão a menor resistência, quando êle declarar que pretende restabelecer a moralidade no seu lar, não obstante saberem que êle foi o único perturbador da nossa harmonia, a causa da nossa separação.

— Desculpe-me, D. Maurícia. Isto que prevê parece-me impossível de realizar-se. Não sòmente uma, mas muitas vezes, tenho ouvido Martins e D. Eugênia terem para o Bezerra acerbas censuras.

— É verdade, mas logo que se trate de reconciliar-nos, hão de mudar de parecer, e serão os primeiros a promover o nosso congraçamento. Não é isto o que sucede a tôdas as famílias em casos análogos?

O desânimo entrara no espírito da infeliz senhora.

— Considero-me desamparada. Por que motivo hei de ocultar a minha fraqueza? Se meu marido pretender chamar-me para a sua companhia, terei necessidade de bater à porta de alguém para pedir que me livre das garras do monstro.

Estas revelações íntimas foram arrancadas pela gravidade das circunstâncias. Conhecendo tal gravidade, Maurícia não

teve reservas, nem as podia ter. Demais, o afeto pelo bacharel, ao princípio hesitante e tímido, ia ganhando de instante a instante proporções avultadas em sua alma, que até então fôra uma vasta região desocupada. Os temores, os perigos vieram auxiliar em seu desenvolvimento as inclinações do seu coração. No scio da imensa sombra íntima em que nadava sua alma solitária e vacilante, surdira, como para lhe servir de companhia, pirilampo gentil e namorado, que devia ter em breve o luzeiro de um astro. Por que havia de fugir Maurícia à deleitosa impressão trazida pela primeira luz que rompia suavemente a noite do seu coração?

O amor nascia aí, como nasce semente fecunda em solo feracíssimo; e, com o amor, nascia a confiança inseparável dêste sentimento, às vêzes enganosa, mas quase sempre cega.

Suas últimas palavras adiantaram o jovem bacharel no caminho que sua paixão abrira; nem foram obstáculo ao avanço de Ângelo as cerimônias das relações recentes e o passado dessa mulher que êle conhecia havia poucas horas.

— Eu sempre lhe aconselharia, disse êle, que primeiro procurasse chamar a si o seu cunhado e a sua irmã, minha senhora: mas, se êste recurso não surtir efeito, o outro há de surtir. Não tenho fortuna; obrigações, sim, conto-as em grande número; pobre de meios, sou rico de confiança no futuro, tenho grandes espírito, alguns amigos e muito amor. Porque não lhe hei de dizer tudo o que a senhora me tem feito sentir?

— Esta linguagem aumenta cada vez mais o meu terror, disse Maurícia, sem reserva, trêmula, confusa, dominada de infantis pavores.

— Por quê? Por quê? — inquiriu o bacharel por extremo excitado.

— Porque tais palavras me advertem que, fugindo de um abismo insondável, aproximo-me de outro abismo tão insondável como o primeiro.

— Engana-se, minha senhora, retorquiu o bacharel. A senhora foge de uma região desolada, e penetra em um asilo de paz e concórdia. Ora, escute. Daqui a trinta léguas, existe uma povoação banhada a leste pelo Atlântico, e ao sul por um rio de águas cristalinas e puras; ao norte e ao ocidente, essa região é cercada de vastas florestas, em sua maioria formadas

por cajueirais imensos. Nessa povoação, moram meus pais. A vida aí é obscura, mas tranquila. Dos enredos do mundo, poucos penetram nesse asilo aberto às grandes afeições. A sociedade dos pescadores lembra o trato com a Graziela; quem ali ama não raras vêzes sente em sua alma as grandezas desta concepção de Lamartine. Suponha que, partindo daqui, achasse aí no seio de uma família honesta, hospedeira e afetuosa todos os carinhos e desvelos que tinha no seu lar paterno; suponha que aí, a seu lado, uma alma ardente a acompanharia de manhã e de tarde pelas dunas da praia, ou pelos caminhos que cortam a floresta, sentindo ressoar dentro de si a doce harmonia de sua voz; suponha que algumas economias levadas daqui poderiam assegurar-lhe uma existência não opulenta, mas decente e tranquila; ora, diga-me: se êste sonho pudesse realizar-se; se uma voz amiga chegasse aos seus ouvidos e lhe dissesse à puridade: “esta pintura não é mentirosa; êsse canto feliz existe; essa vida imaginada, êsse sossêgo longínquo, essa floresta cheia de perfumes, essas praias povoadas de jangadas, pertencentes a pescadores que hão de ser nossos amigos, êsse rio de águas cristalinas, êsse Atlântico imenso, essa família hospedeira, enfim, êsse Éden existe, e podes tu existir no seio dêle a senhora teria ânimo para dizer-lhe: “cala-te, que êsse mundo, essa vida é um abismo?”.

Maurícia ouvira estas palavras em profundo silêncio. Enquanto Ângelo as proferia, ela absorta em ouvi-las, esquecera-se da triste realidade, que a cercava. Seu espírito acompanhava a brilhante descrição, feita pelo poeta. Afigurava-se-lhe um paraíso êsse cantinho pequeno na terra, imenso em sua alma, infinito em sua imaginação.

— Se eu pudesse viver aí sem remorso, sem inquietações, sem saudades, como havia de ser feliz! — disse ela insensivelmente arrastada pelo fio de pensamentos íntimos que tinham a força de uma cadeia fatal e ominosa.

— E por que não há de poder? — perguntou o advogado, mais escravo de sua exaltação, do que senhor do seu afeto, na realidade difícil de dominar, porque era aquela a vez primeira que rebentava, tinha a pujança, a impetuosidade das correntes nativas, que se atiram às pedras, se despedaçam contra elas, mas transpondo-as em fios cristalinos, adiante coligem os seus cristais espalhados e prosseguem a sua vertiginosa carreira.

— Não posso, respondeu Maurícia. Se eu desse semelhante passo o mundo cobrir-me-ia de baldões, e o futuro de minha filha correria iminente perigo.

Ângelo sobresteve, sentindo a fôrça destas palavras. Mas o seu repentino amor não lhe consentiu larga reflexão. Êle tornou logo:

— Mas, se o juízo do mundo lhe causa êstes mêdos, como é que a senhora fala em recusar a convivência com o seu marido? Não se engane, minha senhora. Veja que está colocada entre as duas pontas de um dilema terrível. Cuida que há de poder evitar a língua do mundo e ao mesmo tempo a companhia daquele de quem vai fugindo horrorizada? Isto é impossível. Urge escolher um dêstes dois princípios extremos, já que não é possível ambos. É questão de preferência. Pensará acaso que vindo a Pernambuco aquêle a quem a fatalidade a ligou, e procurando a casa de sua irmã tem outro intento que não seja o de chamar a senhora ao seu poder? Cuidará que êle fêz de propósito esta viagem sômente para lhe dizer com o sorriso nos lábios, e brando fulgor nos olhos: “Vim ver-te, porque tinha grandes saudades de ti; porque tuas lindas feições estavam quase de todo apagadas de minha imaginação, e eu queria avivá-las para as levar comigo ao tûmulo como o derradeiro penhor do nosso afeto?” Se tem esta crença, D. Maurícia, permita-me dizer-lhe que ela é enganosa. Os homens, especialmente aquêles a quem o contato com o mundo destruiu tôdas as brandas pudicícias da honra, não alimentam o coração com estas delicadas iguarias. Dêsse homem, que já foi seu algoz, não espere carícias, senão as severidades de uma vingança longamente estudada. Mas, se não lhe parece acertado o que digo, então, voltemos. Bezerra ainda lá está.

Ângelo foi desapiedado. No seu amor, na sua paixão, tornou-se cáustico, mordaz, quase descortês.

São cruéis estas armas quando têm por alvo a mulher adorada; ordinariamente, saem vencedores. Foi o que succedeu então. Maurícia, que tinha aliás fortíssimos ânimos, não pôde resistir a estas considerações, que se pareciam com invectivas, mas vinham saturadas do imenso amor, que inflamava a alma do bacharel. Viu neste uma organização superior, e sentiu

prazer em deixar-se vencer por êle. Foi com certa impressão de volúpia deliciosa, pôsto que triste, que ela respondeu:

— Tem razão, tem razão! Escolherei, e escolha é fácil. Já uma vez não afrontei o mundo, e não saí triunfante? Por que tomaria agora o lado oposto? Fugirei de meu algoz enquanto tiver fôrças para o fazer.

— Mas então, atalhou Ângelo, lembre-se, D. Maurícia, de que há nesta vida um homem de coração puro que estremece de amor pela senhora, e que para lhe poupar o menor desgosto será capaz de tôda sorte de sacrifícios. Por que não assentarmos logo o que devemos fazer? Rogo-lhe que não me poupe na obra da sua tranquilidade. Estou pronto a fazer tudo o que ordenar. Quer a prova? Ordene.

Nesse momento, viram êles ao longe na estrada uns vultos vagos, e logo ouviram rumor de vozes.

— Estou ouvindo Virgínia falar, disse Maurícia. Vamos ao seu encontro. Quero fazê-la voltar. Esperaremos no sítio de D. Rosa pela carruagem do engenho, que não deve tardar. Eu deixei dito que nos mandassem buscar logo que anoitecesse. Demais, tenho ainda que escrever a Eugênia. Meu Deus! que será de mim? Tenho a cabeça em fogo.

— Mas... o que resolve? inquiriu Ângelo com insistência.

Maurícia pareceu refletir um momento, durante o qual o bacharel mal pôde sustentar a sua impaciência.

— Se precisar dos seus serviços, respondeu Maurícia, escrever-lhe-ei.

Ângelo, agradecido, tomou-lhe uma das mãos, e beijou-a com frenesi de louco.

— Obrigado, obrigado, disse como quem acabava de entrar em um mundo de delicias, longamente esperadas. Lembre-se de mim. Não sou de todo inútil.

— Olhe, tornou Maurícia. Não me enganei. Aí vem Virgínia com Sinhazinha.

— Para onde vai, mamãe? perguntou Virgínia tanto que por entre as árvores e as sombras reconheceu Maurícia.

— Eu ia à tu procura. Voltemos, voltemos.

— Que é que diz, D. Maurícia? interrogou Sinhazinha admirada. Voltar para onde?

— Peço-lhe um obséquio, Sr. Dr. Ângelo, disse Maurícia, dirigindo-se ao bacharel. Dê o braço a Sinhazinha, e diga a Eugênia que um súbito mal-estar nos obriga a voltarmos inopinadamente. Eu estou realmente em termos de cair. Não, não lhe diga nada — acudiu logo. Vou já escrever-lhe.

Sinhazinha não sabia o que pensar do que via e ouvia: e quando ia a fazer novas interrogações, Maurícia abraçou-a, e, dando o braço a Virgínia, arrastou esta como quem fugia a um flagelo iminente.

— Tornemos à casa de Martins, disse Ângelo à filha de D. Sofia.

— Mas o que é isto? Que foi que houve?

Ângelo nada respondeu. O que fêz foi volver sôbre seus passos sem demora.

Maurícia e Virgínia tinham já desaparecido nas sombras da estrada.

VIII

Eugênia, vendo Sinhazinha entrar, levantou-se, foi ao seu encontro e, tomando-lhe o braço, encaminhou-se com ela para junto do salgueiro.

Aí estavam a conversar à meia voz, quando uma escrava de D. Rosa lhe entregou um papel. Era a carta de Maurícia.

Eugênia, na porta da casa, leu, à luz que da sala se projectava até ao pátio, as palavras seguintes:

“Minha querida irmã,

Mal sabia eu que no meio da maior ventura que ainda encontrei na terra, reapareceu o dragão que já devorou os meus últimos bens e agora se propõe devorar a minha existência.

Fujo dêle como quem foge de um mal mortífero. Não te canses em comunicar-me a sua chegada. Eu já sei que êle está na terra. Fui eu a primeira que o vi; não; foi meu coração atemorizado, que adivinhou.

Mas defende a minha causa como se fôsse tua.

Estas palavras vão ser-te entregues agora mesmo. Naturalmente, hás de lê-las, tendo o meu algoz a olhar para ti.

Rogo-lhe digas que eu o detesto hoje mais do que nunca.

Tem coragem, minha irmã e amiga, para arrastar com o espectro que me persegue, ameaçando empolgar-me com suas garras que já uma vez me puseram as carnes em sangue.

Não lhe digas onde eu moro, e seja teu particular empenho em dissuadi-lo de se aproximar de mim e de tentar uma reconciliação, que tenho por impossível.

Falta-me tempo e espaço para dizer-te tudo o que meu coração sente há um quarto de hora.

Virgínia manda-te um beijo em despedida; eu mando-te lágrimas.

Tua irmã e amiga,

MAURÍCIA"

Quando Eugênia terminou a leitura destas linhas, Bezerra acabava de contar o que se passara entre êle e Albuquerque no engenho.

Martins ouvira-o atento, silencioso, sem mudar a vista. Não o conhecia. Era aquela a primeira vez que lhe falava. Quando recebera o seu retrato, enviado do Pará por Maurícia alguns dias depois do casamento, Martins dissera como fisionomista experiente: "Esta cara não é a de um homem de bem". Agora, ouvindo o original falar com ares de contrito, vendo-lhe no rosto estampada certa expressão de quem sentia mágoa íntima, disse consigo: "Neste homem, há, pelo menos, um grande arrependido".

Ângelo sentara-se em uma cadeira de balanço que ficava afastada da mesa, ao lado da qual os dois homens conferenciavam. Estava pálido, comovido. Ouvira as últimas palavras de Bezerra, tocantes à sua entrevista com Albuquerque, e conheceu que corria risco o sossêgo de Maurícia. Isto o constringeu por extremo. Mas, que fazer?

— O que mais me está custando é não ver minha mulher e minha filha, observou Bezerra.

Martins ia falar, quando Eugênia, penetrando na sala, disse:

— Maurícia, não sabendo que o senhor estava aqui, retirou-se com Virgínia.

— Retirou-se! — exclamou Bezerra com espanto.

E acrescentou logo:

— É singular. Eu tinha que a má fortuna já me havia deixado de mão; mas, enganei-me; vejo agora que ainda conspira contra mim.

Martins interveio:

— Minha cunhada há de voltar. Veio passar com a irmã o dia dos seus anos, e não é natural que se retire, antes de terminado o dia, e sem se despedir de nós.

— Maurícia não volta, acudiu Eugênia. Escreveu-me, dizendo que um súbito mal-estar de Virgínia a obrigara a tonar para o engenho.

Ouvindo estas palavras, não pôde Bezerra ocultar o seu desgosto.

— Vejo, Sr. Martins, que minha mulher foge de mim. Mas... perdão! disse, moderando a voz, ao dar com os olhos em Ângelo e Sinhazinha que entrara. Parece que tudo isso se deve antes atribuir a ser inoportuno o momento de apresentar-me do que à recusa formal de um dever. Eu procurarei ocasião oportuna. A casa está em festa, e eu sou de mais entre os que devem tomar parte nela.

— Não é de mais. Fique, disse Martins.

Volvendo os olhos a Eugênia, que se conservava silenciosa, Bezerra respondeu:

— Preciso falar-lhe, Sr. Martins, quando estivermos desacompanhados de qualquer testemunha. Voltarei, amanhã, e rogo-lhe me indique a hora que lhe parecer mais conveniente para a nossa conferência.

— Venha jantar conosco. Depois do jantar, conversaremos.

No dia seguinte, por ocasião de Martins sentar-se à mesa para almoçar, vieram trazer-lhe uma carta. Era de Maurícia. Dizia:

Sr. Martins,

Passei a noite em claro.

Não sei como ainda tenho fôrças para lhe escrever, tal é a prostração em que estou.

Mas a desgraça não tem piedade, não se condói de suas vítimas.

Estou resolvida a divorciar-me por justiça.

Venho por isso pedir-lhe que se entenda com algum advogado da sua confiança para defender os meus interêsses.

Tôdas as economias que durante êstes três últimos anos pude realizar ficam à sua disposição para qualquer despesa com a causa.

Eugênia que não se esqueça de mim.

Sua cunhada e amiga,

MAURÍCIA”

Martins, passando a carta a sua mulher que estava sentada a seu lado, disse, não sem desgosto:

— Isto não pode ir assim.

Eugênia leu a carta, e não quis almoçar. A tristeza estendia sobre o seu rosto a sombra que a acompanha, destruidora de todo o viço e brilho com que a tranquilidade, que é quase a felicidade, esmalta os semblantes, ainda os menos frescos.

Bezerra não faltou ao prazo dado.

Às quatro horas, sentaram-se êle e Martins ao pé do salgueiro.

— Minha cunhada recusa voltar à vida conjugal, disse-lhe Martins, sem mais preâmbulos.

— O senhor tem fundamento para dizer-me isto? — perguntou Bezerra.

— Ela escreveu-me.

— Eu não podia esperar que ela estivesse em outro ânimo; mas nesta importante questão, Sr. Martins, o que deve merecer maior pêso não é fantasia de minha mulher, são certos interêsses que não podem ficar expostos a graves prejuízos. Eu desejo, antes de tudo, saber qual é a sua opinião sobre este assunto.

— Não tenho ainda juízo formado a semelhante respeito. Meu desejo é o mais natural possível; é, por isso, trivial. Eu quisera que cessasse todo o motivo de repugnância, que traz o senhor e minha cunhada separados; quisera que voltassem a viver como cônjuges de condição distinta. Mas sua mulher insiste em não querer tornar à sua companhia, e dá razões em que assenta a recusa. Foi antes sua vítima do que sua mulher;

antes escrava do que vítima, o que quer dizer que foi vítima duas vezes.

— Não foi tanto assim.

— Ela o diz; eu de nada sei, a não ser o que ela conta.

— O que ela sofreu muitas pessoas que moravam no Pará poderão atestar em qualquer tempo que seja preciso.

Estas palavras foram ditas por Eugênia, que viera tomar parte na conferência.

Em seu rosto, ordinariamente banhado em franca expressão de jovialidade, não se via impressa sòmente a tristeza que de manhã trazia, mas também certos tons de desgosto, que equivaliam às primeiras manifestações do ódio incipiente. Que coração, por grande que seja, não será capaz de acender-se em paixões hostis diante do sacrifício de um dos primeiros dos seus afetos?

Bezerra não se demorou a confutar aquêlê pensamento.

— Há muitos difamadores e intrigantes em tôda parte. Eu não nego o que na família de minha mulher ninguém ignora. Não fui mau nos primeiros tempos depois do meu casamento; o que tive foi pouco juízo. Maurícia era por êsse tempo muito moça, e não tinha mais juízo do que eu.

— Minha irmã — acudiu Eugênia, atalhando a proposição de Bezerra — sempre foi muito ajuizada.

— Em minha companhia — prosseguiu Bezerra — deu provas de caprichosa e tenaz. Contrariou por diversas vezes as minhas determinações; alimentou, em lugar de apagar, o incêndio que as minhas pequeninas loucuras acenderam entre nós. Mas depois de uma separação de três anos, depois do que eu e ela temos sofrido, depois de sua resignação e do meu arrependimento, que razão poderá justificar a sua tenacidade em permanecer fora da única companhia digna da mulher casada a do seu marido?

— Quem é que pode assegurar que a antiga desarmonia não se renove?

— Estou pobre, e já passei da metade da vida. Sinto em mim moderadas, senão extintas, tôdas as paixões que me exaltavam a imaginação, e me incitavam outro do que fui. Demais, tenho uma filha moça, e o dever de tratar do seu futuro.

A vida, que passara nos últimos tempos, cheia de peripécias, variada em episódios, atravessada de dificuldades, curtida de desgostos, desenvolvera em Bezerra o espírito, apurara as suas faculdades, e do que era uma habilidade comum fizera quase um talento.

Bezerra não se apartou mais da conferência. Aduziu várias e abundantes considerações para provar a alta conveniência que o termo do escândalo devia trazer. Falou com tanta fecúndia que chegou a comover Eugênia, e a abalar a opinião que dêle tinha Martins. Foi fatal aquela tarde para Maurícia. No mesmo dia recebeu ela esta carta que Martins ditara e Eugênia escrevera:

Minha irmã do coração

Acaba de sair daqui teu marido, que jantou conosco.

Depois do jantar, sentou-se com Martins junto do salgueiro, e começou a contar a sua história.

Quanto tem sofrido aquêlê pobre homem! Não o avalias.

Não nos ocultou a menor circunstância da sua vida... As faltas, os erros, as culpas tudo nos referiu, pedindo perdões. Coitado! É digno de compaixão.

Eu, que estava muito prevenida contra êle, e que entrei na conversação, sem que êle o esperasse, inteiramente resolvida a combater tudo o que êle dissesse, não pude deixar de mudar de opinião, quando lhe ouvi a relação dos seus infortúnios.

Não te agastes comigo, minha querida irmã, pelo que te vou dizer.

A minha opinião é que teu marido tem padecido muito mais do que tu. Tem padecido doenças, desamparos, desgostos, e até prisões; e, pelo que diz, está inteiramente arrependido dos males que te deu a sofrer, e deliberado a não ter dora em diante senão extremos de amor para ti e tua filha.

Não sou suspeita neste assunto. Bem sabes quanto eu detestava o homem que foi a causa dos maiores desgostos que temos curtido na família, depois da morte de nossos pais.

Mas êle mostrou-se tão contrito, que só merece que o acoilhas de novo ao teu coração.

Por que não hás de viver com teu marido, quando é êle que te procura?

Eu sei que tu estás muito bem aí; que na casa onde estás todos te estimam; mas lá diz o ditado — Casa alheia, brasa no seio.

Tem paciência, Maurícia. Sou mais velha do que tu, posso aconselhar-te.

Torna de novo a ter casa.

Não irás para longe; por isso, hás de ter-nos sempre a teu lado para velarmos pela tua segurança e pelo teu sossêgo.

Se não me sentisse um pouco adoentada desde a noite dos meus anos, metia-me em um carro e ia abraçar-te.

Adeus. Até breve.

Recebe afagos e saudades de

Tua irmã e amiga,

EUGÊNIA.

Ainda bem Maurícia não tinha concluído a leitura destas linhas, quando um moleque lhe anunciava, por parte de Albuquerque, a visita de Bezerra.

Maurícia levantou-se quase louca.

— Dize-lhe que não lhe falo, que não lhe quero falar — disse pálida, trêmula, sentindo-se próxima do desespero.

E trancando-se por dentro, recomeçou a leitura mal concluída da carta que lhe dava tanto que sofrer.

Depois de algum tempo, um pensamento sinistro atravessou-lhe o espírito, já combatido por tantos sopros da tormenta que se desencadeara sobre a sua cabeça.

— E Virgínia?! — exclamou sobressaltada, ligando êste nome querido à ordem de idéias que lhe tumultuavam em confusão e tropel no entendimento. Se êle se lembrar de roubar-me Virgínia, o que será de mim? Nem quero pensar nisso.

Incontinenti correu à porta, abriu-a violentamente, e atirou-se à escada, que ia ter na sala de jantar. Ainda não tinha descido os primeiros degraus, quando ouviu soluçar uma pessoa que subia. Era Virgínia.

— Mamãe! Mamãe! — dizia por entre lágrimas a menina.

Diante dêste inopinado espetáculo, a aflição íntima da desventurada mãe teve tréguas. Maurícia esqueceu tudo o que se referia especialmente a si, para só inquirir a causa ainda ignorada do pranto da filha.

— Que te aconteceu, Virgínia, que te aconteceu? — repetiu uma, duas e mais vezes, como em delírio.

— Está tudo acabado, mamãe! Meu Deus, meu Deus, como poderei viver sem Paulo?

— Sem Paulo? perguntou Maurícia cada vez mais dolorosamente surpreendida. Mas o que foi? Aconteceu-lhe algum desastre? Morreu? Casaram-no com outra?

— Querem privar-me de Paulo.

— Quem? Quem? Oh meu Deus, se alguém se atrevesse a tentar contra a tua felicidade, eu teria para quem o tentasse, fôsse homem, ou mulher, tôdas as armas que o meu esforço e condição podem forjar. Como foi isso, Virgínia! Conta-me tudo.

— Mamãe! Mamãe! Oh, como me custa dizer o que ouvi.

— E que foi que ouviste? Quero saber o que foi. Não sei o que se passou, mas quase o adivinho. Não estêve aí um homem, que diz ser teu pai? Foi êle que te ameaçou com a desgraça, não é verdade? Cedo começa o monstro.

A menina soluçava e as lágrimas teimosas e abundantes embargavam-lhe a voz.

Todavia, pôde, dominando a sua impressão, referir o que se passara na sala de visitas.

— Meu pai abraçou-me, e deu-me depois um beijo na face. Então, o Sr. Albuquerque lhe disse que êle voltasse em outro dia, que havia de ser mais feliz na sua visita. Tanto que meu pai saiu, o Sr. Albuquerque dirigiu-me estas palavras. “Virgínia, se sua mãe não voltar para a companhia de seu pai, Paulo não casará com você. Eu não tenho meu filho para a filha de uma mulher que teima em viver separada do marido e lhe dá as costas, quando êle a procura. Suba, e diga à sua mãe que a sua felicidade, Virgínia, está dependendo dela. Sem o preenchimento desta condição — a de restabelecer a união conjugal, poderá ser ainda por algum tempo a mestra de mi-

nha filha, mas nunca há de ser a sogra do meu filho.” Ele entrou no gabinete, e eu subi, mamãe, para lhe pedir, pela alma dos meus avós, que não seja a causadora de minha desgraça.

Maurícia estêve um instante sem dizer palavra. Era cruel a colisão que se apresentava ao seu espírito — ou a felicidade de sua filha ou a sua felicidade.

— Não tenho ninguém por mim, disse com amargura. Todos conspiram contra o meu sossego. Meu cunhado, meu protetor, minha própria irmã, minha própria filha, parecem dizer-me nas palavras, que me dirigem: “exigimos o teu sacrifício!” Oh, como são cruéis os grilhões que impõem o casamento! Fatal sociedade, em que um há de ser inevitavelmente a vítima do outro!

Ouvindo estas acerbas palavras, que Maurícia proferira por entre lágrimas, Virgínia, abraçando-se com ela, disse-lhe ternamente:

— Perdoe-me, mamãe. Não chore por meu respeito.

Maurícia soluçava com o rosto entre as mãos.

IX

Passados alguns momentos, Maurícia enxugou as lágrimas, ergueu a cabeça e voltou à roda de si um olhar a modo de desvairada; era simplesmente perscrutador. Meiga e triste como sempre, tinha Virgínia agora os olhos postos em sua mãe. Esta compreendeu imediatamente o pensamento daquela. Era uma súplica que ela lhe fazia mudamente, mas do íntimo da alma. A tímida menina não se animava a repetir com os lábios as palavras de há pouco, que tinham suscitada à aflita mãe as acerbas expressões indicativas de sua grande pena.

Mas Maurícia, contra o seu costume, teve bastante ânimo para lhe não deferir a súplica.

— O que quer o Sr. Albuquerque é impossível, Virgínia — disse ella resolutamente. Se a tua felicidade depende de ajuntar-me novamente àquele de quem me separei, sentindo nas faces a impressão de uma ameaça e no coração os espinhos de inumeráveis afrontas, então serás infeliz, pobre filha, porque semelhante sacrifício é superior às minhas fôrças. Não me

separei de teu pai por leviana, caprichosa ou desonesta; separei-me por ter conhecido que maior desgraça seria para mim, e talvez para elle, continuarmos unidos do que separados. O muito que então padeci está constantemente a pôr-me diante dos olhos o muito que deverei padecer se tornar à sua companhia, na qual não tive uma impressão de verdadeiro prazer que resgatasse as humilhações, as contrariedades, os vexames, os desgostos que me causou, sem dar mostras do menor pesar, antes revelando que se comprazia em ver-me representar o papel de vítima. Tem paciência, minha filha. Deixaremos em poucos dias esta casa. Outra há de ter abertas para nós as suas portas. Não tenho vivido até hoje do meu trabalho? Elle não me há de faltar fora daqui. Tenhamos confiança em nós.

Virgínia, como se acabasse de ouvir a sua sentença de morte, mostrou no rosto dobrada expressão de mágoa íntima. Levantou-se e pegou de uma das mãos de sua mãe, que levou aos lábios por certo requinte de ternura.

— E Paulo, mamãe? — interrogou com voz chorosa e comovida.

Nesse momento, bateram à porta do quarto. Virgínia desdeu a volta da chave, e a luz da vela que ardia sobre uma mesa a um dos ângulos do aposento esclareceu a face de um homem. Era Albuquerque.

Maurícia foi ao seu encontro. Elle pegou-lhe da mão e conduziu-a para junto da mesa. Sentaram-se aí, tendo ambos no rosto os tons sombrios do pesar que traziam no espirito. Foi Albuquerque o primeiro que falou.

— Não quis deixar para amanhã o que eu devia dizer-lhe já.

— Estimo muito saber que o senhor dá a devida importância a um acontecimento que parece destinado a influir directamente na minha vida.

— Que é isto, D. Maurícia? — interrogou o senhor de engenho com certos ares de quem estranhava o procedimento dela, que dera causa à sua visita. O que foi que tão inesperadamente a compeliu a praticar um ato contrário a todo o seu passado de há três anos? Todos notamos que a senhora, que sempre deu provas de ajuizada, se recusasse a apparecer a seu

marido, cuja volta à minha casa fora assentada por mim no pressuposto de que lhe mereceria, quando não a satisfação do seu dever logo que eu chamasse para êle a sua atenção, a prática ao menos de uma delicadeza.

— Neste ponto, o senhor tem razão, e eu peço-lhe desculpa, disse Maurícia. Fui descortês para o senhor, mas não podia deixar de ter semelhante descortesia quando o meu sossego exigia que eu destruísse imediatamente no espírito de meu marido qualquer esperança de reconciliação que êle alentasse. Eu devia ser cruel para êsse homem, embora hoje se considere honrado com o título de meu marido, outrora puro objeto de seu desprezo. Eu precisava dar uma demonstração decisiva da minha eterna esquivança a quem só esquivança me merece.

Albuquerque não esperava de sua hóspeda palavras tão positivas.

— Quanto me parece extraordinário o que acabo de ouvir! — disse. É então certo que a Sra. D. Maurícia insiste na sua recusa? É então certo que a senhora de educação distinta, de moralidade até hoje inatacada, que recebi em minha casa, quando as casas dos seus parentes se lhe mostravam fechadas, umas por não quererem êles recebê-la, outras porque o não podiam, está resolvida a deixar-me ficar mal em um empenho em que entrei com a minha honra? Por mais que o diga, não acredito nas suas palavras. Mas não é isto o essencial nesta ponderosa questão. Não é a descortesia, não é o desamor, não é a ingratidão...

— Senhor, atalhou Maurícia, mereço-lhe mais consideração e mais justiça. Sou sua hóspeda, é verdade; devo-lhe atenções e gratidão, é certo; mas não pratiquei, antes do ato que ainda se discute, nenhum outro que lhe dê o direito de magoarme gratuitamente, quando já não tenho em meu coração espaço para novas mágoas.

Albuquerque sobreteve durante um momento a esta justa e elevada represália.

— Não se ofenda, observou com moderação; não vim aqui para ofendê-la. Voto-lhe particular estima. Quero vê-la superior a qualquer juízo menos digno. Mas ponhamos de parte

estas circunstâncias. Quer a senhora saber ao que dou a primeira importância neste assunto? Não é às relações próximas ou remotas que porventura me liguem a elle; não é a parte com que entre nêle a sua pessoa; é ao futuro desta inocente e infeliz menina para quem tenho hoje sentimentos de pai.

Assim falando, o senhor do engenho apontava para Virgínia, que, sem proferir uma só palavra, mas sem perder nenhuma das que se proferiam, tinha os seus lindos e meigos olhos a relancearem inquietos e observadores, ora para Albuquerque, ora para Maurícia; e no que dizia cada um dos dois buscava penetrar o segrêdo da sua duvidosa sorte.

— Agradeço-lhe o interêsse que revela por esta menina, que eu considero órfã de pai, tornou Maurícia; mas, se o Sr. Albuquerque sente o que diz (e eu não tenho razão para pensar que não sente), por que prolonga uma situação que lhe deve trazer dissabor, e que está em suas mãos extinguir neste momento?

— Em minhas mãos! — exclamou o senhor do engenho com manifesta estranheza. O que está em minhas mãos ou eu já o fiz, ou eu o farei oportunamente. Põe em dúvida o empenho que tenho empregado em trazer a harmonia onde ainda reina contra a minha vontade a desinteligência mantida por uma das duas partes? Queira a senhora renunciar agora mesmo ao seu capricho, que verá amanhã mudada de todo esta situação desagradável. Queira-o, que terá em poucos dias casa para morar com seu marido, e elle terá meio de vida pouco rendoso, mas decente. Queira-o, que sua filha dentro em pouco estará amparada e verá o seu futuro inteiramente livre das incertezas que atualmente o escravizam.

— Permita-me franqueza?

— Pode dizer o que quiser.

— Não vejo razão, Sr. Albuquerque, em fazer dependente de um passo que me repugna, porque nêle adivinho o meu acabamento, a sorte de minha filha a quem vota sentimentos paternos de que tem dado manifestos testemunhos.

— Não vê razão!

— Que é que tem, senhor, que eu continue separada de meu marido, para que Virgínia não seja digna de Paulo?

Ouvindo tais palavras, Albuquerque franziu os sobrolhos com evidentes mostras de desagrado. Nesse franzir subira-lhe à face o preconceito de muitos anos. O passado orgulho da família estava aí expresso.

— A senhora teve coragem para me dizer isto? — perguntou êle, inteiramente mudado. Repugna à senhora renunciar a uma opinião pouco justificável e muito prejudicial à sua reputação de discreta e ajuizada; a mim, porém, não deve repugnar, no seu entender, a ligação de meu filho com uma família que, se a alguns pode parecer simplesmente infeliz, pode parecer a outros, por esta mesma infelicidade, inferior a uma aliança sem nota! Vejo que não nos entendemos. Proceda como quiser, minha senhora. Tenha, porém, uma certeza, que Deus queira não lhe seja fatal: se sua filha vier a ser infeliz, não serei eu vítima do remorso que esta eventualidade deve ocasionar.

Albuquerque saiu sem dizer mais uma palavra. Maurícia e Virgínia, também, nada disseram, mas, enquanto a primeira parecia absorta em ocultos e imperscrutáveis pensamentos, a última desafogava em lágrimas e soluços a sua desventura.

Seriam oito horas da noite, quando um novo personagem foi introduzido no aposento de Maurícia. De todos, era o que mais temia. Era Paulo.

Trazia no gesto a expressão de indescritível tormento interior.

Tanto que êle entrou, Virgínia correu a encontrá-lo; abraçou-se com êle; e confundiu com as lágrimas dêle as suas lágrimas.

— É seu pai que quer esta desgraça, Paulo — disse-lhe Maurícia.

— Como tudo se mudou num instante! — respondeu o rapaz. Éramos tão felizes, e de repente a desgraça veio sentar-se entre nós. Meu Deus, eu não hei de ter ânimo para ver esta separação.

— Não havemos de separar-nos, não havemos de separar-nos! — exclamou Virgínia. Paulo, Paulo, eu não posso viver um momento sem você.

— Nem eu sem você, Virgínia.

nossos destinos. Terá coragem o senhor para proceder de modo diferente? Não há de ter. Volte à sua casa. Teremos ocasião de nos entendermos sôbre êste assunto.

— Poderei levar ao menos a certeza de que lhe mereço o seu afeto? — perguntou Ângelo, compreendendo tardiamente que urgia sair de tão arriscada situação.

Maurícia fitou-o com os seus grandes olhos deslumbrantes. O ardente colóquio com o bacharel tinha-lhe trazido um resultado não isento de perigos; as paixões que repousavam silenciosas no fundo de sua alma, ela as sentiu erguerem-se vivazes como nos primeiros anos da mocidade.

— Pode — respondeu com voz tímida.

Ângelo apertou-a contra si e deu-lhe um longo beijo, a que ela não opôs, nenhuma resistência.

As paixões de Maurícia tinha de feito despertado.

XI

Separaram-se alguns passos antes da porteira, Ângelo para volver à povoação imersa no seu habitual silêncio, Maurícia para ocultar no fundo do aposento, tão cuidadosamente que ninguém o suspeitasse, a deleitosa revolução que lhe deixara na alma o beijo do bacharel.

— Meu Deus, que será de mim? — disse ela como quem sentia à roda de si, ameaçando perdê-la, todos os perigos que cercam os amôres ilícitos. Como é violenta a sua paixão por mim! E como eu o amo! Oh! que desgraça, que desgraça, meu Deus!

Maurícia mal podia dominar o esto das suas paixões, acesas de repente, quando ela as julgava cinzas.

— Meu coração ainda vive, por infelicidade minha! E devo eu matá-lo? Devo, sim, a felicidade de Virgínia exige-o. Devo asfixiá-lo com as duas mãos para que depressa expire. Mas qual será o meu estado depois da morte dêste sentimento, que veio revelar-me tesouros de delícia íntima que me eram inteiramente desconhecidos? Que infortúnio não foi para mim ver êsse homem!

Dêste solilóquio, meio racional, meio desvariado, despertou-a o estrondo produzido pelo bater da porteira.

Havia já um minuto que ela andava dentro do cercado. Nesse momento, confrontava com uma palhoça abandonada, que pertencera a certo negro velho do engenho, e que ficava entre dois cajueiros ramalhudos à beira do caminho.

Maurícia, voltando-se, reconheceu Bezerra num homem que transpusera a porteira e se encaminhava para a casa-grande. Ainda assustada, ainda comovida, ela não hesitou um momento. Entrou na palhoça com medo de ser alcançada por êle.

No mesmo instante, uma mulher, que saíra de sob uma meia-água coberta de palha cêrca de cem passos antes da casa-grande, encaminhou-se para a porteira. Essa meia-água estava algum tanto afastada do caminho e quase oculta por uma renque de laranjeiras idosas, que iam terminar na casa de purgar. Cobria a cacimba, onde se lavava a roupa do engenho e dos moradores circunvizinhos. Ordinariamente, havia gente aí; quando não, eram escravas, eram mulheres livres dos arredores, que, com permissão de Albuquerque, iam exercer ali, por lhes ser mais fácil, a sua indústria. Às vêzes, entre elas, apareciam rapariguinhas novas, algumas bem parecidas e gentis, a cujo número pertencia uma cachopa côr de canela, de cabelos cacheados ao longe, olhos rasgados, bôca grande, mas engraçada, formas grosseiras e fornidas. O rapazio do povoado andava caído por ela. Falava-se entre o povo na filha da cabocla Januária — a formosa Janoca — como nos salões de Recife se falava na filha do comendador M... na sobrinha do barão de L..., ou na irmã do Dr. F., a saber, com admiração e elogios. Januária morava perto do engenho, mas do lado de fora do cercado. Passava vida desregrada, dando maus exemplos a filha, para a qual não tinha cuidados de que ela precisava pelos seus verdes anos. Muitas vêzes, ia ao Recife, deixando a rapariga a lavar roupa na palhoça, entregue a Deus e à aventura. Nesse dia, com ser domingo, Janoca voltava ao lusco-fusco da meia água para casa. Sobraçava uma trouxa de roupa lavada. Vinha distraída, ou pensando em oculto obieto. Nem ela, nem Bezerra viram Maurícia, porque encontrando-se bem defronte da choupana arruinada, alimentaram

curioso diálogo, que Bezerra certamente não quisera fôsse ouvido por sua mulher.

A rapariga, com certo disfarce cínico, foi a primeira que o tirou a terreiro.

— Vosmicê bem me podia dar um vestido para o Espírito-Santo.

— Não é a primeira vez que me dizes isto, diabrete! Por que achas de te meter comigo, quando há por aí tanto rapaz que pode corresponder às tuas poucas vergonhas?

— Aqui só há dois rapazes que me caíram em graça; mas um, que podia, não quer e até parece não entender disto; vive sòmente para sua noiva; é o Sr. Paulo. O outro quer, mas não pode. É o caixeiro da venda do canto da rua.

— Pois procura outros, que hás de de achar. Não vês que sou velho, que já tenho cabelos brancos?

Assim falando, Bezerra volveu os olhos à roda de si como quem queria certificar-se de que ninguém o via a conversar com a cachopa.

— Não se assuste. As moças do engenho saíram a passeio com seu Paulo; os negros andam vadiando na povoação. Até mamãe foi ao Recife e me deixou só.

— E eu também te deixo aí.

Bezerra deu o andar para o engenho. Janoca, que ficara em pé defronte da palhoça abandonada, disse com voz lamurirosa: — Por que não me dá o vestido, que peço? É uma coisa tão pequena pra o senhor!

A estas vozes, Bezerra voltou-se. Janoca tinha um pé firme no chão e o outro pôsto sôbre o cotovêlo de um dos cajueiros, o qual ficava na altura dos joelhos de uma pessoa. A saia, já de si curta, lhe descobria, pela atitude em que estava a rapariga, o princípio da perna alentada sôbre a qual ela se derreava sobraçando a trouxa. A cabeça guarneçada de cachos, os seios salientes, o corpo, que parecia não caber no cabeção e na saia escassa, levemente encurvado sôbre o dorso, davam-lhe certos jeitos e certa nudez de ninfa, que o lugar êrmo e a hora crepuscular armavam com mil perigos.

— Que diabo irritante! — disse Bezerra.

E não pôde vencer a provocação. Voltou.

— O senhor sabe onde eu moro? É ali embaixo. Se não quiser ir mesmo, pode mandar para lá o vestido que mamãe recebe. Olhe. A casa é ali à mão direita, depois de passar a porteira.

Janoca deu o andar.

— Se quer ver a casa, venha comigo. Não tenha medo, que ninguém nos há de ver.

— Sempre quero saber onde é que tens o teu inferno, demônio! — disse Bezerra, seguindo atrás da rapariga.

Bezerra tinha a infelicidade de sentir particular predileção por esta espécie de gente. Uma mestiça, quase da mesma idade de Janoca, levava-o a praticar loucuras no Pará alguns meses antes; uma fôra causadora de grandes desastres em sua vida.

Testemunhando estas trivialidades indignas, Maurícia passou da suprema satisfação à suprema pena. A transação foi rápida e cruel. A exaltação em que estava favoreceu êste resultado. Ódio e asco sentia ela pelo marido, que nunca se mostrara digno de sua companhia; mas, nesse momento, pungiu-lhe o coração, além de tais sentimentos, outro que nunca lhe parecera pudesse inspirar-lhe o objeto dêles — um ciúme inexplicável, incompreensível, paixão nova que pela primeira vez penetrou nas carnes do seu coração as aceradas garras.

Através das palhas da casa e por entre as sombras do crepúsculo, Maurícia viu o marido usar adiante um gesto que cada vez aguçou mais a ponta de espinho que já a lacerava. Bezerra, olhando, como quem espreitava, a um e outro lado, passou o braço direito à roda da cintura da mestiça, e cosido com ela lhe segredou ao ouvido palavras que a mulher não pôde ouvir, mas supôs adivinhar.

— É o mesmo homem! — disse Maurícia com entranhável dor no coração. Mas se é o mesmo que dantes, deverei acaso voltar à sua companhia para ser espectadora de mais uma cena destas?

Desejara ouvir tudo; desejara ir atrás dêles, pé ante pé, ainda que isto lhe parecesse pouco digno de si, para não perder uma só palavra dessa conversação indecente; mas semelhante intento era irrealizável demais urgia deixar o esconderijo. Saiu cautelosamente. Estava quase fora de si.

Tanto que se viu do lado de fora, correu tão velozmente como pôde, até alcançar o laranjal. Protegida por êste e estu-gando sempre os passos, chegou dentro em pouco tempo à casa do engenho.

Estava pálida, fria e trêmula. O seu coração tinha servido aquela tarde de campo a muitas batalhas de que ela saíra já vencedora, já vencida.

Pesar e prazer, amor e ódio, ciúme desconhecido e desco-nhecido desejo de vingança, grandes surpresas, grandes espe-ranças e grandes desesperos — eis as encontradas fôrça que a traziam suspensa entre mil incerteza e mil desvarios.

Entrando no aposento, Maurícia tinha inteiramente resol-vida a sua vingança. A suave imagem de Ângelo, que enchia o seu entendimento, incitava-a a pô-la por obra. Era terrível o que concebera o seu espírito. Eis pouco mais ou menos no que consistia. Ela desceria à sala de visitas e, quando Bezerra entrasse, declararia, em presença de todos, que, pôsto tivesse resolvido voltar para sua companhia, adotara opinião contrária. Albuquerque havia de inquirir-lhe a razão desta súbita mudan-ça; então, ela referiria o que acabava de ver o marido praticar; fulminaria êste com a vergonhosa revelação; impossível seria que não tomassem todos o seu partido. Ficaria vingada e salva.

A imagem de Ângelo, que trazia no pensamento como luz benfazeja e consoladora, tinha ficado superior a êste plano; não fôra o amor que lho inspirara, fôra o ódio, o desprezo, a raiva, o despeito, que nas mulheres assume não raras vêzes proporções brutais.

Estava para descer, quando Virgínia entrou no quarto. A menina subira as escadas, correndo satisfeita e feliz. Passara tôda a tarde em companhia de Paulo, e, ao entrar no engenho, alcançara Bezerra.

— Meu pai está aí, mamãe. Venho pedir-lhe que não deixe de lhe aparecer hoje.

— Aparecer-lhe hoje? — inquiriu Maurícia. Sim, hei de aparecer-lhe para lhe dizer que é impossível a minha volta.

— Meu Deus! — exclamou a menina. Para que quer fazer isso? Ou não lhe mêta mais raiva. Êle já vem tão triste, tão pálido, que me parece estar sofrendo alguma dor.

— Enganas-te, Virgínia. É a hipocrisia em pessoa. A vileza inspira-lhe o disfarce para ocultar-se. Vi-o há pouco risonho e... prazenteiro.

— Mas, então, alguma coisa lhe aconteceu depois. Verdade é que êle tinha na mão uma carta, que acabara de ler. E quer saber, mamãe? Êle perguntou se a senhora estava no engenho, se tinha saído, se alguém a procurara.

— Que carta era essa? — disse Maurícia, empalidecendo. E instintivamente levou a mão ao seio mais morta do que viva. Não achou aí a carta que lhe dera Ângelo, debaixo da árvore. Pulara-lhe do seio na carreira da palhoça abandonada para o laranjal.

Pode-se compreender, mas não dizer o tropel de pensamentos que passaram pela cabeça de Maurícia, naquele momento. Que lhe teria escrito Ângelo? Ela não leu a carta; trazia-a fechada ainda; mas calculava que devia ser largo documento contra êles dois. Devia tratar da fugida, dos meios de realizá-la. Bezerra não podia dever ao acaso mais forte arma para atravessar-lhe o coração do que êsse malfadado. Se o mostrasse a Albuquerque, talvez fôsse bastante para que êste retirasse a sua promessa de consentir no casamento de Paulo com Virgínia; se o mostrasse a Martins, êste e a mulher talvez a considerasse indigna de entrar dali por diante em sua casa.

— Oh! que infelicidade! — exclamou Maurícia.

O seu desejo de vingança, há pouco tão cru e exaltado, esfriou inopinadamente; foi substituído pelo terror. Os papéis trocaram-se. Era ela que estava agora nas mãos do marido. Ainda quando Maurícia referisse o que vira, ninguém acreditaria em suas palavras; Bezerra já não estava no mesmo caso; tinha consigo uma prova material da sua culpa; podia esmagá-la, atirando simplesmente o papel sôbre a mesma, como se esmagasse uma cobra, atirando-se-lhe uma pedra sôbre a cabeça.

Passados alguns instantes, disse consigo:

— Mas, quem sabe se não está nisso a minha salvação? Quero crer que esteja. Não é possível que Bezerra, lendo semelhantes revelações de um coração altamente apaixonado, queira ainda que eu vá viver com êle. Virá, talvez, à terra, o formoso castelo, que acabo de erigir para Virgínia; mas o meu

infortúnio terá encontrado o seu termo. Entre mim e o meu indigno marido, ter-se-á levantado uma barreira eterna, que ele não transporá nunca mais. Estarei livre, embora com uma nota, que o tempo há de apagar.

Como se tais idéias lhe ocorressem por intuição sobrenatural, Maurícia sentia-se reanimada. Onde um momento antes estivera a sombra da morte, estava agora suavíssimo bálsamo de consolação tão grande que apagou tôda a sua mágoa.

Chegou ao espelho, alisou o cabelo e encaminhou-se com Virgínia para a porta.

Já a vinham chamar da parte de Albuquerque.

Não foi sem pronunciada palidez que entrou na sala. Estavam aí sentados ao lado de D. Carolina, perto do sofá, Albuquerque e Bezerra, e ao pé de Alice, junto da porta que dava para o terraço, Paulo e Martins. Este havia chegado um minuto antes de Maurícia entrar.

Quando ela apontou na porta, Bezerra levantou-se e foi pressuroso ao seu encontro. Fazia três anos que a não via. Abraçou-a respeitosamente diante de todos. Maurícia sentiu-se, então, enfraquecer novamente. Conheceu que estava ameaçada de dobrada desgraça. A sua prevenção fôra enganosa. O seu tirano não se deu por achado. Isto queria significar aos seus olhos que ela havia de ser inevitavelmente a vítima de duplice vingança.

Bezerra estava pálido, mas mostrava-se satisfeito. Tinha risos que à sua mulher se afiguraram infernais. Raras vêzes a hipocrisia representou melhor o seu papel.

Maurícia, entretanto, no meio do turbilhão de idéias contrárias que lhe enchiam a imaginação, não podia esquecer-se de Ângelo. Quando seu marido a abraçou, entre expansivo e reservado, ela teve desejos de lhe fugir. Pareceu-lhe que o direito de aconchegá-la ao seio já não lhe pertencia, e tinha passado ao homem que se mostrava louco de amor por ela. Aquêlê era indigno do seu corpo; estava ao nível da Janoca da Januária, perdia-se abaixo dos seus pés.

Compreendendo que Bezerra premeditaria contra o seu rival desapiedada vingança, começou a sentir por êste tormentos imaginários. Jurou morrer ao lado de Ângelo, caro objeto do

seu exclusivo amor. A presença do marido, longe de a prender na sala, apartou-a em espírito para fora dêsse estreito âmbito onde mal cabia com as paixões despertas. Ela ia em busca do bacharel, nas asas de uma saudade imensa. Parando no ponto onde uma hora antes se tinham separado, perguntou a si mesma, no deserto, que testemunhara o seu colóquio: "Onde estará êle? Que pensamento o terá agora?"

Ângelo, entretanto, volveu ao Recife, levando em sua alma a vaga impressão da felicidade, que o embriagara com alguns momentos, e que era o resultado das palavras que ouvira de Maurícia, do amplexo que parecia tê-la ainda aconchegado ao corpo, do beijo que êle sentia perfumar-lhe os lábios.

Chegara cedo à estrada, e não saíra mais.

Estava entregue à sua embriaguez, pensando na felicidade que devia trazer-lhe a vida com essa mulher adorável. Êste pensamento não era constante. Em seu espírito, davam-se mutações rápidas. Tão depressa passavam aí cenas felizes, como dramas desgraçados. Bezerra não lhe saía da cabeça. Mais de uma vez, atigurou-se-lhe seu sonho despedaçado entre os dedos dêle, como as nuvens côr de rosa se despedaçam não raro entre as pontas dos altos picos.

Num dêsses momentos, um carro parou à porta do sítio, e logo depois Martins entrou no aposento do advogado.

— Sabes donde venho?

— Julgava-te em casa.

— Fui ao Caxangá. Tinha ajustado com Bezerra encontrarmos-nos no engenho.

Ângelo empalideceu.

— Parece que não gostas de Bezerra. Pois olha, deves mudar de opinião, como eu mudei. Andava prevenido, mas convenci-me da minha sem-razão.

— Estiveste com êle lá?

— Estive. Virgínia casa-se sábado, e Maurícia manda convidar-te para o casamento.

Ângelo mal pôde acreditar nestas palavras.

— Pois não é o melhor. Queres saber o melhor? Maurícia vai viver outra vez com o marido. A separação era uma coisa que me trazia descontente. Eugênia vivia desgostosa e envergonhada. Mas que tens?

Ângelo sentira uma comoção mortal.

— Estás lívido — continuou Martins. Nunca te vi assim.

— É a tua vista que se engana; ou antes tu não contas história verdadeira. Queres fazer experiência *in anima amici*. Perdes o tempo

— Afirmo-te que te estou dizendo a verdade.

— Não é possível.

— Palavra de honra, Ângelo. Mas nisso não há nada singular. Há quase uma semana, segundo te disse, não tenho usado esforço senão para chegar a êste resultado. Maurícia voltou à razão.

— Mas quando foi que se deu isso?

— Quando? Agora mesmo.

Martins entrou numa longa série de particularidades para trazer a convicção ao espírito do amigo. Quando a verdade se tornou evidente, e não foi mais possível recusá-la, Ângelo deixou-se ficar em silêncio. Mais de uma vez, Martins dirigiu-lhe a palavra, mas não conseguiu arrancar-lhe resposta. A sua concentração era invencível.

— Condenas uma ação tão bonita?

— Nada tenho com isso. Mas pode-se deixar de ficar espantado diante de tão rápida mudança?

— Ora, meu amigo; têm sempre curso tortuoso as coisas desta vida. E adeus! Tenho pressa. Quero levar a Eugênia esta agradável nova.

Passemos por cima do sofrimento de Ângelo durante os primeiros dias que se seguiram a esta revelação. Em vão, tentariamos pintá-los. A linguagem humana não tem tintas para pôr em tela as crises em que a insânia roça pela razão, e a morte, espectro medonho nos dias felizes, aparece no curto horizonte do pensamento como a mensageira da única consolação possível.

O juízo que Ângelo fêz de Maurícia depois dêste acontecimento, o que êle entendeu praticar, o curso desta história está encarregado de o dizer.

No dia em que Virgínia devia casar-se, Martins procurou Ângelo, depois do almôço.

— Virgínia casa-se hoje. Vais?

— É impossível! Morreu meu pai. Às duas horas, embarco para ir buscar minha mãe e meus irmãos.

Ângelo dizia a verdade. Aquela semana fôra fecunda em dores para êle.

Martins ficou estatelado. Ignorava êste acontecimento. Exprobrou ao amigo o seu egoísmo na dor.

A hora indicada, o bacharel deixou a estrada.

Seu coração parecia só pulsar pelos entes queridos que a trinta léguas tinham nêle a única esperança.

XII

Não quis Albuquerque que Virgínia saísse da casa-grande, depois de casada, não obstante chegar para duas famílias a casa que êle mandara preparar para os pais da menina. Muitas razões dava, quando queria justificar a resolução de ficar com os noivos em sua companhia; as más línguas, porém, diziam que a predominante, que êle aliás ocultava sempre, era a de não lhe inspirar confiança a harmonia dos esposos reconciliados.

Não quis igualmente que a mudança de Maurícia com o marido para a nova habitação se realizasse, senão na mesma noite do casamento da filha. De feito, quando o último convidado se despediu, Maurícia abraçou Virgínia, abraçou Paulo e tomou o caminho da porta. Tinha nos olhos lágrimas nintentes. Bezerra deu-lhe o braço que ela aceitou sem hesitar. Depois de três anos, era aquela a primeira vez que êstes corpos se tocavam.

Ao passar pela senzala dos prêtos, um dêles disse:

— Sinhá moça Maurícia também teve hoje o seu noivado.

Maurícia viu neste pensamento um epigrama que lhe dirigira a fatalidade.

Em silêncio, atravessaram o pátio do engenho e entraram na habitação, que lhes estava destinada. Ficava distante obra de cem passos da casa-grande. Para que oferecesse cômodos bastantes, mandara Albuquerque que se aumentassem quartos e salas. Noivos amorosos e felizes teriam achado ali modesto e perfumado ninho, onde aqueceriam os seus anelos. Os novos habitantes, porém, estavam longe de achar na convivência mútua o contentamento que só o amor verdadeiro proporciona.

Duas conveniências os tinham levado a ajuntar-se novamente: Maurícia sacrificava-se pela filha; Bezerra, o que queria era um meio de vida e a perspectiva de futuro melhor. Ao princípio, chegara a acreditar na possibilidade de despertar no coração da mulher a afeição que, verdadeiramente falando, aí nunca existira. Mas as frequentes recusas, objeções e lágrimas de Maurícia convenceram-no de que, se a primeira parte de sua esperança não estava longe de realizar-se, a última era de todo o ponto irrealizável. Esta convicção trouxe-lhe certo descontentamento, mas não o levou a considerar-se no todo infeliz. Tal momento houve em que pensou conseguir para o tempo adiante o que atualmente lhe parecia de difícil aquisição, a saber, a graça da mulher. Eram estas as idéias em que se deixava absorver, quando achou no caminho a carta escrita por Ângelo. Houve, então, uma revolução em seu interior, que ocasionou notável mudança no que êle trazia assentado no raciocínio. Nesse documento, viu não só a prova de um crime dela, mas, também, o testemunho irrefragável da desgraça dêle. Teve ímpeto de meter uma bala na cabeça do homem, que armava ciladas à sua honra, e um punhal no coração da mulher que a não sabia guardar devidamente. O seu primeiro impulso foi considerar o dito por não dito, o feito por não feito, desaparecer dos olhos de Albuquerque e tratar de sua vingança exclusivamente.

Pensava em tudo isto ao entrar na casa-grande. Deparando-se-lhe Virgínia, que o fôra receber com afabilidade carinhosa, sentiu-se mais fraco ainda de que estava. Havia de dar um passo que redundasse na desgraça de sua filha? — “Não, não!” — tal foi a resposta que encontrou em si mesmo como revelação do sentimento que atualmente predominava em seu coração.

A primeira demonstração de Bezerra para sua mulher, tanto que se viu sós com ela, não foi de amor, mas de rigor. Maurícia, entretanto, nunca se mostrara tão formosa, pôsto que a tristeza íntima a devesse trazer abatida no exterior. Quando ela fugira da companhia do marido, estava magra, anguloso e feia.

Mas não foi o mesmo esqueleto, a mesma múmia egípcia o que êle veio achar em Pernambuco; foi, sim, uma beleza adorável, que, pelo completo desenvolvimento, parecia ter tocado a meta das proporções que devem ter, no ponto mais elevado das suas graças, as belezas plásticas. Naquela noite trazia ela vestido de escumilha azul côr de céu, apanhado de arregaços das cavas para as ombreiras com tranças e brilhantinas.

— Não sei se sabe — disse êle, pegando-lhe da mão com certas mostras de autoridade ameaçadora, não sei se sabe que tenho em meu poder um terrível documento contra a senhora.

Maurícia, julgando reconhecer no semblante do marido, até àquela hora risonho, a expressão de arrogância, que lhe era habitual nos tempos em que vivera com ela, sentiu coar-lhe pelos membros o frio da morte.

— Contra mim o senhor não pode ter nenhum documento, nenhuma prova que mereça fé.

— Talvez, não houvesse chegado às suas mãos o que eu tenho nas minhas; mas que êle faz grande prova contra a senhora, não há duvidá-lo.

— Sei que alude a uma carta. Eu a tive em minhas mãos, mas a não cheguei a abrir. Joguei-a fora, sem a ler. A sua asseveração é, portanto, inexata.

— A senhora tem um apaixonado. Tratava de fugir com êle, e, se o não o fêz, não foi porque lhe repugnasse êsse passo, mas porque talvez compreendesse quanto êle era falso e perigoso.

— O homem que escreveu tal carta poderá amar-me, mas não é nada meu. Vi-o uma vez em casa de meu cunhado, e outra na povoação. E que culpa tenho eu de que êle escrevesse essa carta? Que mulher pode estar livre de que alguém lhe escreva? Mas o que me espanta em suas palavras é que o senhor as tenha tão cruas e desamorosas para mim depois de três anos de separação, depois de mil esforços empregados ultimamente para que tal separação cessasse.

Dizendo estas palavras, Maurícia soluçava.

— Espanta-se de que eu procure tomar-lhe contas? Não terci este direito? Não me pertence fazer uma interrogação no passado? Vindo novamente para minha companhia, julgaria a senhora que continuava sem um juiz para os seus atos?

— O que eu julguei, acedendo aos votos de minha filha, por bem da sua felicidade, foi coisa diferente, e sempre o disse, porque nunca, depois de separada do senhor, me iludi jamais acêrca dos seus sentimentos; o que eu suspeitava encontrar no senhor, vim encontrar por desgraça minha. Eu quisera ter diante de mim o juiz, severo embora; o que tenho é o mesmo inimigo, o mesmo carrasco dos meus primeiros anos de casada.

Maurícia quis levantar-se, mas Bezerra por um gesto de violência, a reteve na cadeira que ela ocupava ao lado dêle.

— É cedo ainda para se levantar, Maurícia — disse-lhe. Tenho algumas palavras que lhe dizer. É minha vontade que a senhora nunca mais veja êsse homem.

— Quer, então, que eu não ponha mais os pés em casa de minha irmã?

— Quero-o, se fôr isto necessário para que a minha vontade se cumpra.

— Pois eu o farei. Hei de levar ao fim sem pesar o meu sacrifício.

— Não sou tão mau, como já fui — tornou Bezerra, tirando de um dos bolsos das calças um papel dobrado. Olhe. Aqui está a carta que lhe foi dirigida. Vou queimá-la para lhe ser agradável. Isto quer dizer que eu aceito a sua justificação. Certo, nenhuma mulher está isenta de que algum insolente lhe dirija epístolas desonestas. Dou pela sua defesa. É um indulto que lhe quero conceder no meu segundo noivado.

Bezerra chegou a carta à vela que ardia dentro de um candelabro sôbre a mesa do meio da sala e atirou-a inflamada no chão.

— Havia nesse papel palavras tão infames que nunca a senhora as devera saber; tão infames são elas que, se outrem as pudesse vir a ler, talvez fôsse isto motivo para que eu me atirasse no caminho do crime, a fim de desafrontar-me. Façamos agora as pazes, Maurícia.

Bezerra conchegou a mulher com ambos os braços ao seu peito, e deu-lhe um beijo na boca. Quando retirou os lábios, trazia-os úmidos de lágrimas da infeliz.

Dentro de pouco mais de um mês, começou Maurícia a notar a frieza do marido, acompanhada de circunstâncias que

parecia terem com ela a maior ligação. A filha de Januária, que quase nunca passara além da meia-água, atravessava agora o restante do pátio do engenho varias vêzes, durante a semana e passava pela porta da casa, onde ela morava. Um dia, chegou a perguntar a um moleque do serviço doméstico, se Bezerra estava em casa. Mais de uma vez, saindo mais cedo que costumava para ir tomar a lição de Alice, não encontrou Maurícia na casa-grande o marido, que para aí lhe dissera ir. Maurícia não deu mostras de ciúme, e o não sentia. Não se casara com Bezerra por amor, mas por fazer as vontades dos pais. Tinha, então, Bezerra catorze anos menos; dispunha de meios que lhe permitiam aparecer com mais decência na sociedade; não trazia consigo um passado odioso. Mas, não obstante reunir semelhante condições favoráveis, não lhe havia inspirado afeto especial; tinha para êle olhos simplesmente benévolo, palavras corteses e respeitadas. Agora, as circunstâncias o favoreciam ainda menos. Estava pobre, alquebrado e carregava às costas um saco de mazelas. Procurara de novo a sua companhia para ter segura a vida que era sumamente custosa de manter. Quase dependia dela. Perdera grandes partes da antiga arrogância e cultivava a conveniência. Era um homem de corpo aberto. Mas não obstante, mostrava-se magoada, e uma vez chegou a revelar-lhe a cena que um mês antes o tinha visto representar com a mestiça entre a meia-água e a porteira. Bezerra deu pouca importância, ou nenhuma aos ressentimentos da mulher, e não alterou o seu hábito de fazer ausências de noite e de dia.

Por êsse tempo, adoecendo a escrava que Albuquerque encarregara do serviço diário em casa de Bezerra, veio preencher-lhe a falta uma crioula nova, por nome Brígida, que D. Carolina tinha em grande estimação. Com esta rapariga, entraram na casa novos desgostos para Maurícia. Bezerra dirigia-lhe graças a furto, e lançava-lhe olhares de ternura ignóbil. Uma tarde, em que Maurícia voltara mais cedo do engenho, surpreendeu o marido em prática familiar com a cativa. Deu-se por ofendida, e as lágrimas saltaram-lhe dos olhos. Teve ímpeto de ir imediatamente contar à D. Carolina o que vira; mas a vergonha de revelar a vileza reteve-a silenciosa. Ela, porém, não pode acabar consigo que não desse grande demonstração da sua profunda mágoa àquele que era desta causador.

— Senhor — disse — daquela porta para fora, poderemos continuar a ser dois consortes que, depois de várias e cruéis vicissitudes, convieram em encurtar a distância que os trazia afastados, e emendar o rôto laço do combatido afeto; mas, de portas adentro, espero estejamos de hoje em diante tão distantes como se entre nós se interpussem, como já se interpueram, dezenas de léguas de oceano.

Bezerra teve para êste assomo de justo e elevado agravo risos mofadores. Saiu e voltou tarde. A porta da alcova estava trancada por dentro. Bezerra ficou alguns momentos em pé junto dessa porta, que o ameaçava com ares de sentença de desquite.

— Eu podia pôr no chão esta porta e entrar; mas era dar muita importância ao que merece pouca.

Encaminhou-se para o gabinete fronteiro, onde havia uma cama de solteiro, algumas cadeiras, uma mesa e um toucador.

Ao lado da cama, viu os baús que mandara conduzir do Recife no dia de sua mudança para o engenho. Dos ganchos de um cabide de faia, pendiam os seus paletós e calças. Aos pés da cama, estava o seu par de chinelas.

— É um mandado de despejo. Por tão pouco!...

Maurícia praticara êste ato de energia não tanto por ciúme, como por ferida em seus melindres; e estava no ânimo de não retroceder, ainda diante das mais graves consequências.

— Depois disto — dissera ela — só se deve seguir ou a completa emenda dêle, ou a saída de um de nós dois.

Bezerra, que, ao princípio, tomara esta resolução em ar de mofa, caindo em si depois, julgou-se na obrigação de refletir mais maduramente. Tinham mudado muito as suas condições. No Pará, três anos antes, as coisas eram outras, e ainda assim Maurícia triunfara da sua tirania, quanto mais em Pernambuco, estando ela no seio de uma família respeitável, que da sua honra e discrição tinha o melhor documento em vê-la praticar o sacrifício de voltar à companhia dêle. Outras considerações de não inferior tomo lhe ocorreram. Se, por qualquer modo, viesse a desgostar Albuquerque, de que iria viver? No engenho, estava incumbido de fazer a escrituração relativa à venda dos açúcares, do mel, da aguardente e dos demais pro-

dutos da grande propriedade. Por êste trabalho, que Paulo costumava fazer aos domingos, arbitrara-lhe Albuquerque mó-dico vencimento; mas lhe dava de graça casa para morar, carne e farinha para a mesa, escravos para o servirem. Se lhe faltasse tudo isto, de repente, a que ficaria reduzido? A não ter um lugar onde cair morto. Faltava-lhe coragem para tentar novos meios de vida. O cabelo, que começava a alvejar-lhe a testa que mostrava cortada de grandes rugas; os olhos fundos; as faces murchas indicavam que as forças começavam a des-sampará-lo.

Da sua cogitação, veio tirá-lo o relógio que do alto, entre as duas janelas, parecia fitá-lo impassível como a fatalidade. Foram doze as pancadas que deu.

Êle então levantou-se da cama, onde estivera a pensar, e encaminhando-se para a alcova, disse:

— Façamos as pazes, ainda que para isto seja preciso pedir mil perdões!

Bateu na porta devagarinho, depois mais fortemente, chamando por Maurícia, que não lhe deu uma só palavra em resposta. Estêve alguns instantes de pé, a olhar para dentro através da fechadura. De uma das vêzes, abalou a porta com toda a fôrça, quase deliberado a dar com ela em terra por maior que fôsse o ruído que produzisse tal violência; mas julgou prudente variar de conselho, ouvindo ruído de vozes da banda de fora; dois negros do engenho tinham-se sentado no batente da casa, e aí conversavam em sua algaravia ininteligível. Ocorreu-lhe, então, escalar a parede, e êste pensamento veio seguido de outro. Ainda estava encostada ao pé da parede do oitão da casa uma escada do engenho, de que se tinham servido os pedreiros por ocasião das novas obras. Bezerra tomou pela porta que ia dar no interior, e voltou pouco depois com a escada, que colocou de manso na parede. Subiu. Entre a parede e a telha-vã, havia o espaço da altura de um homem; fácil, portanto, se afigurou a Bezerra a sua descida para dentro do quarto com auxílio do mesmo instrumento por onde subira. Maurícia dormia. A vela de uma manga de vidro, colocada sobre uma mesa do lado da cabeceira, tinha chegado ao papel que lhe servia de calço, e ardendo com êle derramava no âmbito

do aposento clarão amarelado, que trazia à imaginação o comêço de um incêndio.

Bezerra, equilibrando-se conforme pôde, pegou da escada e levantou-a; mas quando já a atravessava sôbre o frechal, que corria ao longo da parede, ela, escorregando, caiu quase para o lado da sala e êle para não cair teve de a soltar.

Despertada pelo estrondo, Maurícia sentou-se trêmula, atemorizada, e dando com os olhos no marido, tudo compreendeu.

— Ainda me persegue? — disse, saltando envolta na longa colcha.

— Maurícia, por que foge de mim? — perguntou Bezerra.

Maurícia tinha de feito corrido à porta do aposento e desdado à volta da chave. Bezerra viu-a dirigir-se ao quarto, onde êle estivera, e trancar-se outra vez por dentro.

— Hei de vencê-la, hei de vencê-la, hoje mesmo — disse êle.

Mas como havia de descer? Faltava-lhe ânimo para saltar. A parede tinha talvez cinco metros de alto. Era uma altura suficiente para guardar uma mulher, mas excessiva para a descida de um homem sem outro auxílio que as mãos e os pés. E contudo urgia descer. Na sala de visitas e no aposento, onde Maurícia se refugiara, estava tudo às escuras. Dentro em pouco tempo, na alcova, fariam invasão as trevas. Não deixava êle ser em certo modo aflitivo o momento.

Quase desesperado, Bezerra, calculando que poderia ser vítima de risos mofadores, decidiu-se a saltar, deliberado a deitar por terra a porta que se interpunha entre êle e a mulher. Pôs as mãos sôbre o frechal, onde tinha os pés, e com as pontas dêstes tentou descer ao longo da parede. Mas depressa as mãos fugiram do alto, e êle julgou que ia quebrar-se de encontro ao ladrilho da sala. Quando já se considerava vítima do desastre, sentiu-se com surprêsa cair entre uns braços robustos, que o aparamaram com firmeza descomunal.

Então, ainda aturdido, ouviu à meia voz estas palavras:

— O Sr. queria morrer? Se não fôsse eu, podia estar quebrado.

— Brígida! — exclamou Bezerra, sentido-se apertado entre os braços e os seios resistentes da negrota.

Não tinha dormindo ainda, e, sabendo o que se passara entre Maurícia e Bezerra, quase previra o que acabava de dar-se. Vendo-o entrar com a escada fora de horas, viera pé ante pé, e colocara-se à porta da sala de visitas, que abria comunicação para o corredor. Dali, testemunhara a ascensão de Bezerra, a saída violenta de Maurícia e os embaraços dêle para descer. Enfim, vendo-o tentar a descida, correrá a tempo de o aparar entre os braços.

— Estava aqui há muito tempo? — perguntou-lhe Bezerra.

— Eu vi tudo — respondeu Brígida. O que admiro é a pachorra de vosmicê. Tanta mulher que há no mundo!

— É verdade — retorquiu Bezerra.

E em vez de atirar-se contra a porta fronteira, entrou na alcova, onde a vela agonizante despediu o último clarão e apagou-se.

XIII

Tôda a noite, Maurícia passou em claro, vendo sombras gigantescas atravessar a escuridão do quarto, onde se refugiara. Por extremo excitada, pareceu-lhe mais de uma vez ouvir na sala rumor de passos, e na alcova, que abandonara, ruído de vozes abafadas. De uma vez, levantou-se da cama, abriu devagarinho a porta, e deu alguns passos em direitura da alcova. Foi de encontro ao piano, que com a estremeção teve uma harmonia surda — voz confusa de tôdas as cordas abaladas. No mesmo instante, afigurou-se-lhe que um vulto se afastara da porta da alcova em procura do corredor. Pelas formas êsse vulto parecia-se com Faustino. O mêdo de encontrar-se com o moleque fê-la voltar e trancar novamente.

Muito cedo ainda Bezerra deixou o aposento. Maurícia ouviu-o dizer algumas palavras a Faustino, que lhe dera não sei que recado; ouviu o rumor das pisadas do lado de fora. Então, levantou-se cautelosamente. A sala estava deserta. Do lado da cozinha, o moleque conversava animadamente com Brígida. Entrou no quarto. A cama indicava, pelo desarranjo, que Bezerra se servira dela. Sentou-se do lado da cabeceira.

— Não pôde vencer-me — disse; nem me vencerá jamais. Dissuadido de realizar o seu intento, repousou só.

E repetiu logo êste monossílabo:

— Só!

Depois acudiu:

— Mas terei eu o direito de separar-me dêle assim?

Havia nesta interrogação a ponta de uma dúvida.

Irresistivelmente, Maurícia entrou a pensar. A cabeça pesava-lhe, mas seu espírito buscava solução para aquêlê terrível problema. Não era possível que continuassem a viver assim unidos de direito e divorciados de fato. Maurícia julgou esta primeira prova cruel.

— Ele é meu marido — disse. Quando me sujeitei a viver de novo com êle, não me obriguei acaso a padecer todos os tormentos, sem o direito de lhe resistir? Uma das primeiras virtudes da mulher casada não será, porventura, ocultar, ainda com o sacrifício da sua tranquilidade, as fraquezas e as misérias do marido? Que devia eu esperar de Bezerra? Não fui testemunha do que êle praticou com a filha de Januária, antes da minha última declaração de vivermos juntos? Quem me obrigou a sujeitar-me a esta provação? Ninguém me obrigou a isto; fui eu mesma que aceitei a situação que ora me traz vexame e dor. Qual é, porém, o meu dever? Estar por tudo. Pois bem: estarei de ora em diante. Que hei de fazer, meu Deus? Nem haveria merecimento no passo que dei, se eu não curtisse com silenciosa resignação as cruas dores do martírio.

Maurícia estava arrependida do que praticara na véspera.

— Uma mulher casada não pode ter destas opiniões. Ela não se pertence; pertence ao marido, ou antes à fatalidade do dever, sempre mais cruel para a mulher do que para o homem.

Assim falando, Maurícia tomou as últimas roupas, deliberada a estudar o meio mais natural e eficaz de reconciliar-se, sem evidente humilhação, com Bezerra. Chegou-se ao espelho para arranjar o cabelo que se lhe espalhava pelas espáduas nuas. Tinha o rosto demudado. As côres começavam a fugir-lhe das faces. A cútis, outrora tão limpa, emurchecia agora, e mostrava-se sem a frescura de três meses antes. Aos primeiros raios de sol, ela com espanto viu no fim da testa um cabelo que embranquecia. Era o primeiro indício do seu outono, a primeira fôlha, que ameaçava cair da árvore da sua mocidade.

Ao cabo de mais um ano de padecimentos, não restaria dessa árvore senão o arcabouço. Duas lágrimas deslizaram-se-lhe pelas faces ameaçadas de terem para sempre perdido o lustre que lhe dava o sossêgo.

— Estou ficando velha — disse com amargura. O sofrimento encurta a minha viagem, e, dentro em breve, terei diante dos olhos a sepultura; eu não poderei resistir por muito tempo a semelhantes tormentos. Também o meu papel no teatro do mundo parece tocar o seu termo. Virgínia está casada e amparada, e o meu coração está morto.

Estas últimas palavras trouxeram-lhe à lembrança Ângelo, e não foi preciso mais para que em seu interior se derramasse a impressão de bálsamo suavíssimo.

— Não! O meu coração não está morto! — disse ela de si para si. Por desgraça minha, não posso esquecer-me desse homem, ainda quando a descrença invade a minha alma, como agora, e vejo diante dos olhos o espectro da morte. Ao lado dêle, a mocidade me voltaria, e com ela todos os meus sorrisos, que se mudaram em lágrimas em companhia de meu cruel marido. Meu Deus, meu Deus, não há maior tormento do que este — sofrer assim e amar assim, sofrer sem tréguas e amar sem tréguas ao mesmo tempo, sofrer daquele a que se aborrece, e amar aquêle de quem não se possui senão a efígie querida no seio da fantasia, e cujo nome nem ao menos é lícito proferir de modo que os ouvidos o ouçam!

Maurícia sentou-se a modo de desalentada ao pé do espelho. Após as primeiras, vieram novas lágrimas porventura mais abrasadoras. Dava pena aquela silenciosa aflição.

Uma discórdia entre Faustino e Brígida, cujas vozes, alteando-se gradativamente, vieram ressoar no ambiente da alcova, arrancou Maurícia da prostração mental em que a tinham deixado os encontrados pensamentos do seu último solilóquio.

Levantando-se, disse:

— Deus há de ajudar-me a levar sem covardia ao Calvário a minha cruz. Façamos de conta de uma vez por todas que está para sempre acabado tudo que se passou entre mim e esse homem. Sejamos de ora em diante exclusivamente a mulher casada, escrava de seu dever.

Aproximando-se de uma cadeira para apanhar um lenço que aí deixara, suas vistas caíram casualmente na parte da cama, que ficava do lado da parede. Sôbre o alvo lençol, neste ponto não revolvido, viam-se marcas de pés grosseiros, que indicavam, pelos traços negros, terem andado em chão imundo.

Maurícia mal pôde descobrir esta indigna visão, sem cair ferida de vergonha e dor. Compreendeu tôda a infâmia de Bezerra. Diante de tal testemunho de insólita baixeza, nenhuma mulher se conservaria dentro dos limites da discrição. Abriu a porta arrebatadamente e correu para a cozinha. Que ia fazer? Ela mesma não podia saber. A verdade, porém, é que ela estava desvairada.

Chegando ali, encontrou-se com Faustino.

— Vosmicê vem ralar comigo, sinhá moça Maurícia, por eu estar brigando com Brígida? — perguntou o moleque tanto que reconheceu pelo semblante de Maurícia a cólera que lhe ia na alma.

Maurícia nada disse. Não podia falar. Tinha a voz prêsa por oculta garra.

— Vosmicê me perdoe — continuou o moleque em tom de humildade respeitosa. Eu queria muito bem a essa negra, mas ela me fêz ontem uma que só me deu vontade de a matar. Vosmicê sabe que minha senhora prometeu que Brígida havia de casar comigo. Mas de que serviu esta promessa? A negra botou as mangas de fora, e tem andado sôlta como as bêstas do engenho. Ontem de noite, quando eu cheguei do Recife, onde tinha ido de tarde por mandado de meu senhor, não achei Brígida aqui. A porta do corredor, que vosmicê costuma fechar tôdas as noites, estava aberta. Há muitos dias que eu andava suspeitando uma coisa muito feia. Por isso, deixei-me ficar na sala. De uma vez, ouvi abrir a porta do gabinete e apontar um vulto branco; fugi para o corredor para esperar por êle, supondo que era Brígida; mas assim que fugi, o vulto foi meter-se outra vez no gabinete. Não pude ter-me e corri até lá a ver se dava com a negra; mas achei a porta trancada. Não pude sair da sala. Estive aí até amanhecer. Quando seu Bezerra abriu a porta da rua e saiu, eu, que estava detrás da

porta do corredor, vi a negra tomar da sala para a cozinha. É por isso que eu estava ralhando com Brígida.

— E onde está ela? — perguntou Maurícia.

— Fugiu com medo de mim para a casa-grande.

Não havia que duvidar. Os indícios acabavam de ter a mais cabal confirmação. O torpe segrêdo estava já nos domínios da cozinha. Se houvesse encontrado a negra, Maurícia teria talvez praticado um desatino que não se compadecia com a sua índole e educação; mas, na ausência do objeto do seu ódio, do seu desprezo e da sua vingança, ela não pôde suster o pranto. Nunca se vira tão aviltada aos seus olhos.

— Vosmicê não chore, que aquela negra não há de voltar mais aqui — disse o moleque.

— E que tem que ela volte ou não, se já aqui deixou a infâmia? — respondeu Maurícia. Não te entristeças, Faustino. Vou contar tudo a D. Carolina, a fim de ver se ela põe côbro à ousadia de Brígida.

— Vosmicê pode contar à minha senhora o que se passou, mas eu nada tenho com isso, porque eu não quero mais saber de Brígida. Ela para mim está cortada.

— Que estás dizendo?

— É o que digo a vosmicê. Deus me livre de casar com uma negra tão ruim. Não faltam negras boas no engenho de meu senhor. Eu para mim não a quero nem de graça.

Maurícia encaminhou-se imediatamente para a casa-grande. Antecipando-se, Brígida inutilizara tôda a obra que a infeliz senhora devera levantar, sôbre verdadeiros fundamentos, no espírito da senhora de engenho. Não acreditou esta nas palavras de Maurícia. Atribuiu tudo a ciúme, desculpando a negra, que, em seu conceito, segundo disse, era incapaz de tal procedimento. Sucedeu, então, o que não é raro em tal caso, Maurícia, que antes do casamento de Paulo com Virgínia, era objeto de particulares atenções, tanto que por tal casamento entrou nos laços da família, já não merecia a mesma urbanidade. Descontente, procurou Albuquerque para desaforar no seio dêle as novas aflições e pedir providências e conselhos. Que outros passos poderia dar, sentido-se quase fora de si pela dor que lhe deixara o golpe inesperado e nefando?

Albuquerque, depois de ouvir a sua narrativa sem lhe fazer a menor observação, disse simplesmente em resposta:

— Não direi que a senhora não tem razão, D. Maurícia; mas devo observar-lhe que as minhas crias de casa são muito moralizadas; e que até agora nada me constou ainda de seu marido que o fizesse descer do conceito que formo dêle. A senhora pede-me providências, mas que providências posso dar, a não ser a de não consentir mais na continuação de minha escrava em sua casa? Esta providência tenha por certa, ainda que me pese privá-la de quem lhe preste serviços domésticos, que a senhora não está acostumada a praticar. Pelo que respeita aos conselhos, só tenho uma judiciosa sentença que lhe lembrar; é a seguinte: a mulher, que dá o devido valor à sua honra, longe de pôr em praça pública as fraquezas da sua casa, é a primeira que as encobre, ainda que daí lhe resultem danos e desgraças.

Maurícia não pôde dizer uma palavra diante dêste procedimento tão cru, e voltou decidida a não pôr mais os seus pés na casa-grande. Reconheceu, então, que estava só em frente do seu infortúnio; só como não se vira jamais! Muito cara lhe ia saindo a felicidade de sua filha. Teve por instantes o pensamento de acabar com os seus dias, mas faltou-lhe o ânimo que requer êste passo extremo. Quando o funesto pesamento passou de todo, outro veio ocupar o seu lugar na imaginação escaldada na infeliz vítima — o de fugir para a companhia de Ângelo; mas duas razões se opuseram a que tão grave idéia chegasse a realizar-se; em primeiro lugar, Ângelo havia de votar-lhe agora, em vez do amor de outrora, ódio e desprezo, únicos sentimentos, que o procedimento dela, resolvendo-se a voltar à vida conjugal, deveria inspirar-lhe; em segundo lugar, repugnava ao seu caráter e ao seu imenso amor procurar o bacharel como quem fugia covardemente de um grave passo da vida. A ocasião de levar a efeito a fugida tinha passado. Se esta se houvesse realizado no tempo próprio, ela teria chegado à casa de Ângelo, como a primavera chega aos campos desolados, por entre flôres e graças; seria objeto de adoração espontânea e grata; pequena, se fôsse aferida pelo dever, mostrar-se-ia de grandeza descomunal na medida da paixão de que ela era ídolo

sobrenatural, a quem o jovem bacharel queimaria, então, o melhor incenso do seu afeto. Agora, porém, era tudo muito diferente. Ela própria já não tinha no rosto as graças que tanto haviam impôsto a Ângelo o culto da beleza. Os olhos estavam amortecidos, as faces estavam crestadas do continuado pranto. Não eram já os mesmos encantos que davam a sua conservação particular valor. A sua voz desaprendera grande parte dos delicados segredos que traziam o bacharel rendido aos seu pés; havia quase dois meses que ela não vivia para o mundo da arte, que, aliás, tanto a cativara nos tempos da sua maior liberdade. O piano mudo; as músicas debaixo de uma crosta de pó sôbre uma mesa ao canto da sala; os livros trancados na pequena estante, e nenhum ao seu lado, ou ao alcance da sua mão, testemunhavam que lhe entrara na vida outro sistema, outro regime inteiramente oposto ao que dera conveniente educação aos seus dotes naturais, e criara nela o gôsto pelas coisas do espírito, que as suas inclinações tornaram de fácil aquisição.

Maurícia sentou-se numa poltrona no gabinete, onde passara a noite. Combalida de tantas impressões, o cansaço e a luta interior puderam vencê-la, quando ela mais se preparava para refletir sôbre a gravidade da conjuntura atual. Adormeceu ali mesmo.

Uma cena curiosa representava-se nesse momento à beira do rio, que banha a povoação de Caxangá, e Paulo era dela espectador mudo e abalado.

Deixando os negros no serviço, fôra êle tomar banho à sombra de umas árvores copadas, juntos das quais passava o rio. O ponto era inteiramente êrmo. À direita, morriam os canaviais e à esquerda estendia-se um capinzal vasto. Corriam pelo meio as águas, deixando do lado do engenho, entre elas e as últimas touceiras de cana, um pano de área descoberto; lambiam as raízes salientes do arvoredor; e desapareciam obra de cem passos adiante por baixo de uma vegetação aquática muito cruzada e basta, que se confundia no capinzal.

Antes de descobrir a natural banheira formada pelo rio, Paulo ouviu o ruído de vozes e o ressoar de risos esganiçados, que não lhe pareceram de todo estranhos. A natural curiosi-

dade o fez cauteloso. Abaixou-se algum tanto, e por entre as fôlhas das canas descobriu o ponto donde vinham tais rumôres. Eis o que viu. Estavam dentro da água um homem e uma mulher. Brincavam, riam-se mergulhavam e davam cambapés estrepitosos. Quando a mulher gritava com mais fôrça, ou fazia nas águas mais barulho, o homem recomendava-lhe moderação e silêncio; mas não tinham essas recomendações a menor importância para ela, que prosseguia os seus movimentos agitados e aumentava o diapasão das suas vozes.

Do lugar onde estava, não pôde Paulo saber quem eram os desconhecidos. As árvores cobriam com a sombra todo o âmbito das águas onde eles procediam àqueles violentos exercícios; e a distância não era pequena. Paulo, entretanto, começou a sentir maior curiosidade de reconhecê-los. Por ali perto, não se apontavam moradores, e até lhe pareceu digno de nota que tais pessoas, não sendo da redondeza, soubessem que havia essa banheira só conhecida da gente do engenho ou de quem tinha a liberdade de atravessar os canaviais e as lavouras. Mas ao mesmo tempo que desejava conhecer os folgazões, o seu natural pudor vedava-lhe empregar os meios mais prontos para chegar a êste conhecimento. Pensava já em voltar, quando um ruído mais forte e uma gargalhada mais vibrante chamaram novamente a sua atenção para a banheira. Fôra o caso que a mulher corra de dentro das águas para fora em busca do pano de areia, que vinha morrer poucos passos diante do ponto onde êle estava oculto. A mulher, correndo, parando, tornando a correr e olhando para trás, atravessou todo o espaço que havia descoberto. Paulo viu-a, em tôda a nudez natural, de frente para êle; e logo que, saindo da sombra, a luz do sol pôde cair em cheio em cima dela, reconheceu a Janoca. O espanto, a que esta visão deu lugar em seu espírito, subiu de ponto, quando êle ouviu o homem chamar por ela em voz mais elevada. Era a voz de Bezerra.

— Sai daí; volta — disse Bezerra. Olha que pode vir gente.

— Que é que tem? — retorquiu a mestiça, com disfarce impudente.

— Não quero; não quero que alguém te veja.

— Quero eu.

— Volta, Janoca.

— Venha você buscar-me. Tenho já frio e o sol está muito bom.

E a mestiça estendeu-se a fio comprido na areia.

Paulo teve, então, ocasião de observar formas que êle nem sequer imaginara nunca. A sua primeira impressão, vendo a rapariga correr para a banda dêle, fôra fugir, desaparecer; mas a novidade e o escândalo puderam mais que o escrúpulo do rapaz, pôsto que educado nas lições de sã moralidade.

— Se não vier buscar-me, não voltarei tão cedo — prosseguiu a mestiça.

— Deixa-te disso; vem. Se eu fôr lá, hei de trazer-te arrastada pelos cabelos.

— Não vê! Os meus cabelos são as suas prisões. Sua mulher há de ter inveja dêles. Não tem?

— Vem, diabo! — tornou Bezerra contrariado.

— Que é isto? Está com raiva porque falei em sua mulher? Bonito que você é! A sua mulher sou eu.

— Pois sim, és tu mesma; mas o que eu quero é que saias daí.

— Eu não. Está com ciúmes? Cuidarás que alguém, vendo-me nua, vai tirar-me do seu poder?

— Deixa-te de asneiras, e não me mêtas raiva.

Dizendo estas palavras, Bezerra correu da água para a margem, onde a rapariga se espojava, ora encolhendo, ora estirando as pernas. Vinha resoluta a levá-la por fôrça, mas quando entre êle e ela não se interpunham mais de dez passos, Janoca, por diabrura, encheu a mão de areia e atirou-lhe sôbre a cara, acompanhado êste movimento de cínica e estrepitosa risada. Bezerra deu um grito, sobresteve um momento com as mãos no rosto, e depois voltou ao rio. A areia caíra-lhe nos olhos.

Então, Janoca levantou-se rapidamente e correu após êle.

— Caiu-lhe nos olhos a areia, meu benzinho? — perguntou com voz sentida. Coitado do meu marido!

E foi ela que arrastou Bezerra para dentro da água, onde, abraçando-o e dando-lhe beijos, começou a banhar-lhe o rosto e a pedir-lhe perdões ao mesmo tempo.

Paulo aproveitou-se dêste incidente para retirar-se do lugar, onde o acaso acabava de dar-lhe tão nojento e infame espetáculo. Estava maravilhado. A impudência e a nudez haviam deixado em seu espírito estranha impressão de assombro. Pensou logo em Maurícia, que êle tinha em conta de sua segunda mãe. “Quanto não deve ter ela padecido? — disse êle consigo. Agora acredito em tôdas as suas palavras; quem pratica o que acaba de praticar êsse homem é capaz de tôdas as vilezas”. Paulo sentiu tamanha pena que, dados alguns passos, parou de novo e pôs-se a pensar no que testemunhara. A estranha visão apresentou-se-lhe outra vez diante dos olhos escandalizados, em tintas tão vivas como a realidade. “Oh, nunca supus que êle tivesse coragem para semelhante procedimento!”

Voltou êsse dia mais cedo do serviço. Tinha pressa de ver Maurícia. Quanto mais reconhecia a sua desgraça, mais se sentia na obrigação de ir em socorro da infeliz senhora. Nada lhe revelaria do que vira, mas trataria de cortar as relações criminosas que Bezerra e a mestiça mantinham. “Ela se sacrificou por mim; eu tenho o dever de lhe tornar o mais suave que puder o sacrifício. Essa infame rapariga não pode continuar neste lugar. Há de sair daqui dentro do mais breve tempo que fôr possível”. E formou logo a sua resolução.

Chegando ao engenho, antes da hora costumada, Virgínia fêz-lhe mil indagações para saber a causa dessa alteração; Paulo respondeu-lhe que se sentira indisposto. Deixando a mulher em seu aposento, dirigiu-se à sala onde D. Carolina se demorava a maior parte do dia. Queria contar o que vira à sua mãe e pedir-lhe para que o aconselhasse; mas antes de fazer qualquer revelação, D. Carolina começou a relatar-lhe o que se passara aquela manhã entre ela e Maurícia. Em sua opinião, Maurícia criava fantasmas para desacreditar o marido, que não era tão mau como dizia. Então, Paulo referiu tudo: Maurícia tinha carradas de razão. Êle próprio fôra testemunha da cena mais aviltante que se pode imaginar para um homem casado. D. Carolina, ouvindo estas atrozes revelações, mostrou-se ao princípio incrédula; mas, depois, forçoso lhe foi ter por certas as palavras do filho. Paulo estava triste e indignado e os seus sentimentos eram comunicativos. Sabendo que Maurícia voltara

desgostosa, convidou sua mãe para ir com êle e Virgínia aquela tarde buscá-la para tomar chá no engenho. Conhecía quanto Maurícia era melindrosa. “Se minha mãe não fôr lá, D. Maurícia nunca mais tornará a esta casa.”

Ficou assentado que haviam de ir depois do jantar.

XIV

Maurícia despertou, seriam cinco horas da tarde, ao estrondo produzido por fortes pancadas na porta do gabinete. Olhando por aí, viu Bezerra, que arrancava a fechadura, tendo em uma das mãos um escopro e na outra um martelo. Lançando as vistas à alcova fronteira, viu mais que à porta se substituiria um reposteiro de pano verde, em cujo centro se mostrava a palavra — *Toilette* — feita de letras amarelas.

— Que quer dizer isso? — inquiriu, espantada, apontando de pé para a alcova.

— Quer dizer, Maurícia, que eu resolvi dar a minha casa o tom de uma casa de baile. Isto não lhe pode ser desagradável, visto que ninguém ainda teve mais do que a senhora o gôsto delicado, que se aprende em Paris.

Passada a primeira impressão que lhe deixara o remoque do marido, Maurícia sentou-se e disse-lhe:

— O senhor fêz isso para se vingar do que eu pratiquei, ontem?

Bezerra aproximou-se da mulher, e tornou-lhe em resposta:

— E julga a senhora ter praticado uma bonita ação para o seu marido?

— Ao homem que fôsse verdadeiramente o meu marido eu certo não faria o que fiz; mas o senhor, não obstante dizer-se tal, pode acaso julgar-se com direito a procedimento diverso?

Bezerra sentou-se ao lado de Maurícia e respondeu-lhe com voz moderada:

— Maurícia, você anda iludida. Supõe que os homens se devem equiparar às mulheres. Entende que os deveres e os direitos da mulher são idênticos aos do marido. Ignora que o pecado mortal para a mulher não é senão culpa venial para o homem. Estranha que os maridos tenham liberdade ampla em suas ações, e as mulheres só a tenham muito reduzida. Ora,

tudo isto são erros, Maurícia! Aceite a sociedade, Maurícia, como é. Se não lhe agrada esta constituição social, tenha paciência, resigne-se. Nenhuma outra será possível, senão passados muitos tempos, e revolvida a atual sociedade desde as suas raízes. Que prejuízo lhe causo com os meus pequeninos passatempos?

— A mim não me causa nenhum prejuízo, senhor, o que me causa é vergonha. Este sentimento é inseparável de toda mulher que, pôsto educada em Paris, de pequena se afez a ver a maior moralidade no lar dos seus pais, e receber dos seus mestres lições inspiradas em tal sentimento, base da família nos tempos felizes, e o seu esteio, que a impede de vir à terra, quando sopra o furacão dos contratempos. A vergonha é inseparável dos meus olhos, porque eu nunca vi na casa paterna, nunca vi na casa do meu protetor as lastimosas e indignas cenas que o senhor representou em minha casa nos primeiros anos do meu casamento, e agora reproduz depois de empregar os maiores esforços a fim de que eu voltasse para a sua companhia. Priva-me da porta do meu quarto, único meio, que me restava, de cobrir-me contra os seus insultos grosseiros, de resguardar os meus melindres ofendidos por seus ignominiosos amôres de palhoça e de cozinha!

Espantado, senão atemorizado desta rápida síntese das suas vilezas, que Maurícia fizera com a mesma mobilidade meridional, onde a sua linguagem afetiva deparava raros atavios e encantos, Bezerra, que, ao princípio julgara esmagá-la com a sua hostilidade cínica, sobresteve entre o receio de perder a vasa e a dificuldade de a não fazer brava. Quis interromper Maurícia com algumas palavras de dureza, mas ela, ou porque estava cheia de razão, ou porque a sua exaltação lhe não dava lugar a atender senão à sua grande dor, prosseguiu com a mesma veemência que tivera até aí:

— Cumpre absolutamente que de uma vez nos entendamos sobre o melhor modo de carregar a pesada cruz de um casamento desigual. Estou por tudo, menos pelo aviltamento. Por que procede tão vilmente para comigo?

Bezerra sorriu cínicamente, e respondeu em termos ignóbeis.

Então, Maurícia ergueu-se arrebatadamente, mostrando no gesto indícios de entranhada indignação.

— Se o senhor tem êste direito, igual devo ter eu. Mas não! — acudiu imediatamente. Ainda que mo assegurassem...

Maurícia não pôde concluir a frase. Bezerra, de pé ao lado dela, ameaçava despedaçar-lhe a cabeça com o martelo que tinha na mão.

— A senhora não sabe o que disse. Quer fazer de mim um assassino?

Maurícia retorquiu sem se acovardar:

— Assassino já é o senhor, assassino do meu modesto e inofensivo sossêgo; pode bem assassinar-me, agora.

As lágrimas saltaram com veemência dos olhos de Maurícia que se sentara novamente.

Bezerra ainda estava de pé em posição hostil, quando se ouviu na sala ruído de passos na banda de fora. Não passou um minuto que a voz de Virgínia ecoou da porta:

— Dá licença, mamãe? Aqui está Sinhazinha, que vem passar com a senhora esta semana.

Maurícia enxugou as lágrimas rapidamente, enquanto Bezerra, sentindo-se enfraquecer, não deu um passo, não disse uma palavra sequer.

Após Virgínia, entraram Sinhazinha, D. Carolina e Paulo. Sinhazinha correu para Maurícia, abraçou-a e cobriu-lhe as faces de beijos. Havia alguns meses que a não via, e estava muito saudosa.

Dando com os olhos no resposteiro, Virgínia não pôde suster um gracejo:

— Bravo, mamãe! Em honra de quem é a partida?

— Em honra de Sinhazinha, Virgínia — respondeu Maurícia, tentando sorrir-se, mas em vão. Tinha a noite no espírito.

Entretanto, Paulo chegara-se a Bezerra, que se encaminhara para o quarto.

— Há que tempos não nos vemos, D. Maurícia! — disse Sinhazinha. E como está mudada a senhora!

— Acha-me muito mudada? Há de ser assim mesmo. Por que não veio ao casamento de Virgínia? — perguntou-lhe.

— Não pude, mas aqui estou para lhe dar os parabéns e mil beijos.

E as duas moças abraçaram-se e beijaram-se graciosa e ternamente.

— Passará comigo não uma semana, Sinhazinha, mas um mês, disse Maurícia.

E, como quem tivera um pensamento repentino, chamou Paulo.

— Eu estava mesmo precisando de você, Paulo. Olhe: pergunte a meu marido onde pôs a porta que êle tirou de meu quarto, e coloque-a outra vez no seu lugar. Fica o reposteiro assim como está. Quero que você trate disso sem demora, que Sinhazinha dormirá nessa alcova comigo.

Estava neste ponto a conversação, quando se apresentou um moleque que viera chamar Bezerra de parte de Albuquerque. Eis a causa do chamado.

Ouvindo grande vozerio na meia água, Albuquerque puseira o chapéu de palha do Chile na cabeça, pegara do varapau de quiri, que nunca o acompanhava em suas digressões pelas lavouras, e encaminhara-se para o lugar, onde se estava dando o barulho.

Fôra êste travado entre Brigida e Januária. Havia outras lavadeiras presentes, assim escravas, como moradores do engenho; mas umas continuaram a bater sua roupa sem volver as vistas às brigosas.

— Quero saber o motivo desta briga — inquiriu o senhor de engenho em tom senhoril e arrogante.

E porque o silêncio foi a única resposta que ainda teve desta vez, Albuquerque ameaçou Brígida de a mandar açoitár no carro, e Januária de expulsá-la das suas terras depois de lhe por a casa abaixo.

A esta voz, e cabocla aproximou-se de Albuquerque e contou-lhe tudo em poucas palavras, que a decência ordena não sejam reproduzidas.

Albuquerque voltou possuído de estranha comoção. Os olhos se lhe encovaram dentro de poucos momento, as côres fugiram-lhe das faces que ordinariamente pareciam verter sangue.

No mesmo instante, mandou chamar Bezerra.

— Acabo de ter uma prova — disse Albuquerque logo que Bezerra penetrou na sala — de que o senhor é indigno, já não digo do interesse que tomei em melhorar as suas condições, mas de transpor aquela porta, a não ser para sair e não voltar mais. Arranquei-o do leito da morte, ou antes da enxerga da miséria. Restituí-lhe a família, que nunca mais o senhor havia de ter. Dei-lhe um emprêgo em minha casa. Enfim, fiz do senhor gente. Vejo agora que empreguei mal o meu tempo, os meus esforços e a minha proteção. D. Maurícia — acredito-o agora — foi uma vítima das suas baixezas. Está justificada aos meus olhos. Eu, porém, considero-me agora na obrigação de lhe dar plena satisfação, e de lhe provar que fazia do senhor juízo muito superior as suas qualidades. Por isso, exijo que se retire do meu engenho dentro de vinte e quatro horas. Tem aqui um dinheiro à sua disposição. Saia inesperadamente, como inesperadamente entrou por aqui adentro. Com êste procedimento me dará plena quitação do que me deve.

Albuquerque tirou de uma gaveta algumas cédulas que pôs sobre a mesa do lado de Bezerra. Êste não acusou ninguém. Longe de negar o que lhe fôra imputado, pediu perdão a Albuquerque, que não lhe respondeu senão com o desprezo. Então, Bezerra, passados alguns instantes, fêz a Albuquerque um cumprimento e saiu. Grande preocupação o tomava. À noite, não apareceu para o chá. Virgínia, que tudo ignorava, estranhando a ausência do pai, mostrou-se muito sobressaltada. Pela manhã bem cedo, mandou saber se lhe acontecera qualquer desastre. Maurícia estava, em certo modo, aflita. Bezerra não foi encontrado em parte nenhuma. Seus baús tinham desaparecido. Dias depois, soube-se de tudo pelo menor. Êle fugira, levando em sua companhia a mestiça.

XV

Sinhazinha viera do Recife com um irmão que voltou logo depois de a deixar na casa-grande. Não podendo assistir ao casamento de Virgínia, sua particular amiga, resolvera, tanto que lhe foi possível visitá-la, passar com ela oito dias, segundo

dissera a menina por ocasião de entrar em casa de Maurícia. Este fim ostensivo da sua vinda era acompanhado de outro fim oculto que particularmente lhe dizia respeito, e que a continuação desta narrativa há de pôr patente aos olhos do leitor.

Com a ausência de Bezerra, vieram Paulo e Virgínia fazer companhia a Maurícia. Foi esta uma das melhores fases da sua vida e ela não o ocultava. Paulo saía para o serviço, e as três senhoras entremeavam a sua costura com toques e cantos. O piano abriu-se de novo, sacudiu-se o pó das músicas. Às vêzes era a leitura de um livro importante, já conhecido de Maurícia e Virgínia, mas não da sua hóspeda que as reunia no gabinete, durante a primeira parte do dia. Ordinariamente era Virgínia a encarregada de proceder à leitura, encargo que ela preenchia com a habilidade de graça que lhe davam lugar tão distinto no seio da família. Depois de jantar, saíam a passeio pelo cercado e não paravam senão na casa-grande, onde Paulo se lhes ia juntar, e com elas se demorava até tomarem chá.

Fazia já doze dias que Bezerra se ausentara, quando Sinhazinha entendeu que era chegada a ocasião de dizer a Maurícia o que especialmente a tinha levado ao engenho. Para realisar este pensamento, aproveitou-se de uma manhã em que Virgínia fôra à casa-grande a chamado de D. Carlina a fim de lhe cortar uns vestidos. Sinhazinha amanhecera nesse dia mais pesarosa do que ordinariamente se mostrava tôdas as manhãs. Chegou-se para junto de Maurícia, que nesse momento tinha um papel de música na mão e se encaminhava para o piano.

— Faz tanto tempo que estou aqui — disse ela — e ainda a senhora não se lembrou de pedir notícias do Dr. Angelo, que era tão amigo desta casa.

Ouvindo estas palavras que lhe desceram improvisas aos coração, Maurícia sobresteve inopinadamente. O nome do bacharel soava sempre aos seus ouvidos como uma nota de harmonia misteriosa e terrível que primeiro lhe penetrava na alma do que nos sentidos.

— É verdade, Sinhazinha — respondeu. Que novas me dá dêle?

E foi sentar-se ao lado da amiga no sofá, atraída pelo assunto que lhe oferecia indizível encanto.

Sinhàzinha que, como todos, ignorava as relações que Ângelo e Maurícia tinham por alguns dias sustentado com a maior das lutas para esta e o maior dos prazeres para aquêle. não guardou a menor reserva nas suas revelações. Era muito jovem ainda e tinha a maior confiança na mãe de Virgínia à qual se sentia prêsa por laços de irresistível simpatia e admiração.

Contou que Ângelo estava morando com a mãe e os irmãos em casa da tia; que nos primeiros tempos depois da chegada andara triste e desalentado; que cobrara tédio, à vida, segundo lhe parecia a ela, e emagrecera e se tornara pensativo e reservado; que raras vêzes surdia pela casa de Martins.

— Nunca se lhe ofereceu a você ocasião de lhe falar, Sinhàzinha? — perguntou Maurícia.

— Isto foi nos primeiros tempos depois que chegou da povoação como já disse. Uma tarde, estava eu no portão sem mamãe, quando vi o Dr. Ângelo apontar na estrada. Quando eu cuidava que êle ia entrar no sítio do Sr. Martins, encaminhou-se para o ponto, onde me vira. Falou-me, perguntou por mamãe e seguiu logo depois. Estava melancólico. O luto, que trazia pela morte do pai, contrastava com a sua palidez. Na tarde seguinte, êle passou outra vez à mesma hora e falou comigo. Quis entrar, mas depois desculpou-se, dizendo que se equivocara, e tomou para a casa de D. Eugênia. À noite, eu e mamãe nos reunimos aí. O Dr. Ângelo ainda lá estava. Seriam onze horas quando saímos. Não pude dormir. A imagem do Dr. Ângelo ocupava todo o meu entendimento. Eu notara da parte dêle certa inclinação para mim que se casava com a que eu sentia por êle desde que comecei a conhecê-lo.

Maurícia não pôde sustener uma interrogação, metade exprobração, metade surpresa que lhe viera da alma:

— Que está dizendo, Sinhàzinha?!

E com o olhar inflamado cobriu o rosto da menina, como quem queria de um jato de luz iluminar-lhe, não o rosto, mas sim os recantos de seu coração, e descobrir-lhe os segredos que a inocência e a pudicícia da primeira mocidade não permitiam

subir aos lábios dela para se revelarem ainda que fôsse a uma amiga.

Sinhazinha prosseguiu:

— Eu não me enganara, D. Maurícia.

— Não se enganara! — exclamou Maurícia.

— Não, não, D. Maurícia. O Dr. Ângelo começava a amar-me, e eu... eu de há muito que o amava.

Maurícia estêve um momento sem saber o que dizer. Faltou-lhe a voz. Seus olhos fixos sobre o rosto da moça tinham a imobilidade dos olhos dos finados; mas, quando era esta a expressão exterior do seu rosto, sentia ela no cérebro o torvelinho e o fogo precusores da loucura.

— Oh! Não imagina como eu fui feliz durante os dois primeiros meses do meu malfadado amor!

— Malfadado? — inquiriu Maurícia, respirando como quem apartava de seu peito um pêso que ameaçava sufocá-la.

— Eu lhe contarei tudo. O Dr. Ângelo não faltou mais de tarde em casa de seu cunhado. Aí conversávamos largas horas. Nos domingos o meu prazer não tinha limites. Eu sentia-me orgulhosa de ser a única dentre as demais senhoras que concorriam ao *retiro literário* para a qual o Dr. Ângelo tinha tôdas as atenções. A mãe dêle, que nos últimos tempos já entrara nas relações íntimas de D. Eugênia, acompanhava o filho, e dava particular encanto à reunião. É uma senhora de alta distinção que cativa pela sua benevolência e brandura da alma. Eu já via nela, não sei por que singular favor da minha fantasia, a minha segunda mãe, quando uma circunstância veio privar-me desta deleitosa ilusão. Uma atriz da companhia dramática, que chegou ultimamente, trouxera para o Dr. Ângelo carta de apresentação de um literato de Lisboa. Essa atriz procurou-o no escritório e entregou-lhe a carta. Ela é bonita, D. Maurícia, como poucas mulheres tenho visto tão bonitas entre nós. Por que motivo não hei de prestar êste tributo à verdade?

— Por muito bonita que ela seja — disse Maurícia — não há de exceder a você em boniteza.

— Quando a vi pela primeira vez no teatro, não pude fugir de render certa homenagem ao seu talento e aos seus

encantos; mas o que praticou depois, o modo por que ainda procede dão-me o direito de odiá-la.

Depois de um momento de silêncio, Sinhazinha continuou:

— No domingo que se seguiu à apresentação dela ao Dr. Ângelo, e às primeiras representações teatrais, falou-se muito nela no sítio do Sr. Martins. O Dr. Ângelo fêz-lhe os maiores elogios; o Martins mostrou-se inteiramente de acôrdo com êle neste ponto; os outros moços que estiveram presentes só se ocuparam com ela. Oh! A senhora mal sabe quanto eu comecei logo a sofrer por causa dessa mulher.

E os olhos de Sinhazinha arrasaram-se de lágrimas.

Maurícia sentia mais espanto, mais surpresa do que dor; mas a sua curiosidade e impaciência eram ainda maiores.

— Quantas novidades dentro de pouco mais de três meses! — exclamou com amargura.

— Uma semana depois, comecei a notar grande mudança no Dr. Ângelo. No domingo, faltou ao *retiro*; no sábado anterior, já tinha faltado ao chá em casa do Sr. Martins, onde, havia mais de um mês, era um dos hóspedes mais certos. Então, pelas conversações dos moços que estiveram presentes, eu inferi que êle estava apaixonado pela Júlia (tal é o nome da atriz). Oh! D. Maurícia, quando me convenci que êle me deixava por essa mulher que nunca será capaz de lhe ter o amor que eu sinto por êle, oh! não sei como não me estalou a cabeça! Há mais de um mês que dura o meu tormento. Não vê como estou? O sono fugiu dos meus olhos, o prazer abandonou a minha alma. Com a minha tristeza, mamãe anda aflita. Ela sabe de tudo o que se passou entre mim e êle. Tem procurado consolar-me, mas não há consolação para quem sofre como eu. Entrei nesse amor com tôda a minha existência. Eu via no Dr. Ângelo, não só a minha felicidade, mas a minha nobreza. Considerava-o já uma parte de mim mesma, quando entre mim e essa parte em que estavam concentrados todos os meus afetos se interpôs fundo abismo, e eu fiquei com tôdas as angústias que deixa o ladrão no espírito da pessoa a quem roubou o maior tesouro.

Dizendo estas palavras, Sinhàzinha deu largas ao seu pranto; e Maurícia, que, no comêço da narrativa, a ouvia com intenção reservadamente hostil, não pôde deixar de comover-se. As lágrimas da ingênua moça eram irmãs das suas; vinham do fundo do coração, porque tinham por origem o amor infeliz.

Maurícia pegou de uma das mãos de Sinhàzinha como quem queria animá-la a prosseguir as suas queixas, que pareciam poder mais do que ela. Sinhàzinha continuou:

— Lembrei-me, então, da senhora para me ajudar a tirá-lo do poder dêsse monstro encantador que o traz tão escravizado aos seus mágicos feitiços.

— De mim, Sinhàzinha, lembrou-se de mim? — inquiriu Maurícia, repentinamente.

— Eu sei que o Dr. Ângelo a tem no maior conceito. Não fui testemunha do modo como êle a tratou no domingo em que estivemos todos reunidos por ocasião do aniversário natalício de D. Eugênia?

— Não tenho a menor importância para êle. Atualmente eu me considero objeto do seu ódio.

— Do seu ódio! Não diga isso. Por que é que êle há de ter-lhe ódio?

Compreendendo que se tinha excedido na revelação do seu juízo íntimo, Maurícia acrescentou, imediatamente:

— Ouviu-o falar alguma vez em mim, depois da minha reconciliação com meu marido?

Sinhàzinha guardou silêncio por alguns momentos, parecendo procurar na lembrança a resposta que aí não podia achar.

— Êle só tem para mim atualmente ódio, desprezo, ou, pelo menos, indiferença, concluiu Maurícia.

— Por quê? — insistiu Sinhàzinha.

— Porque vendo-me tornar à companhia do homem, que me infligira as maiores humilhações, inferiu talvez ou que eu me não sinto, ou que tudo quanto me ouvira dizer a respeito dêsse homem era pura invenção. O Dr. Ângelo, Sinhàzinha, não há de formar ainda de mim o juízo que já formou. Aos seus olhos, eu devo ser hoje uma mulher vulgar, senão desprezível. Quantas vêzes não terá dito consigo: “Como me

enganei com ela!” E, demais, não poderia eu fazer para dissuadi-la de prosseguir no caminho escolhido pelos seus sentidos ou pela sua alucinação? O seu apêlo a mim, Sinhazinha, é de todo o ponto inútil. Em nome de que sentimento deveria eu falar-lhe a seu favor? Que autoridade tenho? Que armas poderia empregar?

Sinhazinha, corando de pudor, pôs um dos braços à roda do pescoço de Maurícia, e em voz branda e tímida respondeu como quem lhe segredava ao ouvido grave revelação:

— A senhora tem a autoridade do seu talento, tem as armas das suas graças a que ninguém resiste.

— Quanto você é ingênua! — exclamou Maurícia.

— Que quer que eu lhe diga? — respondeu a jovem lacrimosa. Tôda a minha confiança, tôda a minha esperança está posta na senhora. Diz-me o coração que se a senhora tomar a si a minha causa, ela triunfará. Condoa-se de mim, minha querida amiga. Este amor é hoje a minha existência; sem êle, que será de mim? Olhe, eu tenho refletido muito no meu estado e nos meios de conjurar os males que sôbre êle pesam. Há mais de um mês que o Dr. Ângelo não aparece em casa do Sr. Martins; mas se êle souber que a senhora vai passar alguns dias na estrada, êle há de voltar; e talvez com êle volte para mim a felicidade. Seja o meu bom anjo, D. Maurícia. A ocasião é oportuna. Há mais de três meses que a senhora não vai ao Recife.

Maurícia, sem dizer sim, nem não, levantou-se a modo de distraída por oculto pensamento. Entre as músicas que estavam sôbre a mesa, escolheu uma que pôs na estante do piano e entrou a tocar e a cantar. Sua voz tinha particular ternura. Eram graciosas as harmonias, mas tristes, quase dolorosas.

XVI

O que Sinhazinha contou a Maurícia não era senão a verdade. Apenas Ângelo soube, por bôca de Martins, que a cunhada ia unir-se outra vez ao marido, considerou despedaçados os estreitos elos que o tinham tão intimamente ligados aos seus encantos. Ao princípio, só teve para ela indignação

e desprezo; mas posteriormente, refletindo melhor sobre as circunstâncias fatais que seguem de perto o casamento, tratou de esquecer-se dela, julgando-a antes digna de sua compaixão do que do seu rancor. Então, seu coração readquiriu a perda independência. Muitas vezes, meditando em silêncio, concluía a ordem das suas idéias por este conceito: "Ando por entre duas sepulturas — a do meu pai e a do meu amor". Parecia-lhe que nunca mais havia de ressuscitar este em seu coração como aquêle não havia de ressuscitar mais na vida. Considerava estas duas perdas irreparáveis e equiparava a importância de uma à da outra. No meio das suas tristezas, uma única consolação servia-lhe de amparo e impedia que caísse de todo desalentado e vencido — era a de ser útil à mãe e aos irmãos menores. "Esta herança que me deixou meu pai — dizia, referindo-se aos entes queridos que tinha a seu cargo — hei de defendê-la e zelá-la, não só porque desde o momento em que não a tiver comigo, me considerarei desligado inteiramente deste mundo, e só me restará desaparecer do banquete da vida."

Tal era o estado de sua alma, quando uma tarde, passeando pela estrada, se lhe deparou Sinhazinha de pé no portão, suavemente beijada pelos últimos raios do Sol poente. A menina trajava vestido de azul desmaiado como o do céu por noites de luar. Tinha uma saudade entre os cabelos. Os olhos lânguidos e ternos, ela os volvia brandamente para o lado donde êle se encaminhava. Vendo-o, corara ligeiramente. Este excesso de pudor produziu no coração de Ângelo, que êle julgava profundamente adormecido, senão morto, indizível impressão semelhante à que experimenta aquêle que acorda de diuturno sono. Por essa ocasião, afirmando a vista no rosto da menina, descobriu-lhe modestos encantos em que nunca fizera reparo. Não tinha o intento de lhe falar, mas misteriosa fascinação o reteve junto dela por alguns momentos. Ouvindo-lhe a voz, achou-a engraçada. "Onde andava eu — disse consigo, que nunca adverti nesta suave e tímida harmonia?" Dois meses depois deste encontro e destas observações, os dois jovens, entendendo-se, eram como dois espelhos postos um de frente do outro — refletiam-se e iluminavam-se mutuamente.

Foi por esse tempo que Ângelo conheceu Júlia, cujos encantos tinham a vivez dos painéis pintados a fresco. Sinhazinha tinha a beleza correta, mas silenciosa e modesta das gravuras; Júlia trazia no rosto o colorido ardente, nos gestos a majestade que a arte ensina e que senhoreia os espíritos mais altivos.

Júlia, entretanto, não era de todo estranha e indiferente aos sentimentos elevados; seu coração guardava ainda restos de simpatia para as afeições ardentes e irresistíveis; ela era ainda capaz de amar, e chegou até a amar Ângelo. Educada no centro literário, iluminado ainda pelos graciosos talentos de Lopes de Mendonça, Rabelo Silva e tantos outros escritores de que hoje só restam ilustres e saudosas lembranças, ela não podia eximir-se de se sentir arrastada para o bacharel que nas horas vagas escrevia para as primeiras fôlhas do Recife, compunha dramas e romances, e sustentara um periódico literário, que deixou ligado ao seu nome honrado e vantajosa memória. Quando Ângelo finalizou a leitura do seu primeiro drama em presença da companhia, o qual um mês depois passou pelas provas públicas, Júlia foi a primeira que teve para êle palavras de admiração e demonstrações de simpatia. Ângelo começou então a viver exclusivamente para o teatro.

Estava na sua maior intensidade essa paixão, quando Ângelo foi sabedor da fugida de Bezerra. Lembrou-se de Maurícia, e do que se passara meses antes entre ela e êle; mas a lembrança depressa se desvanecera se logo depois êle não tivesse recebido uma carta de Maurícia, acompanhada de uma tradução da *Lélia*, de George Sand, que êle lhe pedira no dia da festa natalícia de Eugênia para publicá-la no periódico que tinha a seu cargo.

Grande foi a surpresa de Ângelo ao receber a carta de Maurícia. Ao princípio, pareceu-lhe que era vítima de alguma conspiração teatral, visto que, na companhia as suas relações com Júlia já tinham suscitado despeito e hostilidades surdas; mas, atentando na letra, reconheceu que a carta era de Maurícia; esta nunca lhe havia escrito nenhuma regra; mas êle conhecia a sua letra de a ver em cartas e em músicas dirigidas a Eugênia. Demais, ali estava a tradução que êle pedira, há

tempos, e o acompanhamento da sua poesia, que Maurícia lhe prometera.

Ângelo, dando a tal episódio a importância que lhe merecia, pôs-se a refletir maduramente; e logo uma multiplicidade de interrogações encheu o seu entendimento. Por que lhe escrevera? Que era lícito inferir de lhe escrever ela depois da fugida do marido? Como se explicava o não se ter esquecido ainda dêle e do pedido que lhe fizera? Ângelo sentiu-se volver ao passado, que já tivera tanta esperança e tanta grandeza para êle. Maurícia foi a pouco e pouco reaparecendo em sua imaginação por entre mil hesitações, temores, promessas vãs, riscos iminentes, ausências repentinas, sorrisos e lágrimas.

Agora, as condições não eram as mesmas. As circunstâncias que cercavam a evasão de Bezerra foram tão singulares, que tornavam impossível nova reconciliação.

Maurícia estava, portanto, livre inteiramente senhora das suas ações. O antigo amor que mostrara por êle tinha ressurgido, e era disto prova evidente aquela carta. No espírito do bacharel a imagem de Maurícia desenhou-se diante da de Júlia. Estabeleceu-se logo muito naturalmente o confronto entre estas duas tentações; Ângelo não hesitou senão por alguns momentos; aquela venceu esta.

Ângelo, porém, enganava-se ainda desta vez. Não era o amor de Maurícia que voltava; era uma nova luta que se ia travar para arrancá-lo do poder da atriz. Uma grande generosidade estava oculta nas demonstrações do ressurgido amor.

A situação de Maurícia nunca se afigurara tão cruel para ela. Apenas livre de um tormento, já caía a infeliz senhora em outro porventura maior. O amor de Sinhazinha assombrou-a como se fôra um espectro. Quando ela, de noite, refletiu sôbre o que a amiga de sua filha lhe revelara pela manhã, mal pôde resignar-se a não lhe disputar a prêsa. Mas esta prêsa já estava nas mãos de outra mulher, e ela não tinha armas apropriadas para combater esta nova inimiga a que o teatro devera ter ensinado a arte de prender as suas vítimas em cadeias de flôres envenenadas, pareceu-lhe arriscada empregar a prêsa. Mas devia cruzar os braços, vendo escravizado aos pés dela o objeto dos seus afetos? O seu amor, e especialmente a

sua vaidade, pela primeira vez estimulada, não lhe aconselham a abstenção, antes a incitaram para a luta, ainda que de duvidoso resultado. Este poderia ser favorável aos seus intuitos, se ao plano precedesse rigoroso exame e se antes do emprêgo das armas ficassem assentados os melhores meios.

— Escrever-lhe-ei, Sinhazinha. Não acha melhor que eu lhe escreva antes de irmos?

— É melhor! É melhor! — disse a menina.

Não obstante a promessa feita à Sinhazinha com grandes veras, Maurícia julgou prudente espaçar a sua ida ao Recife. A menina, cansada já de contar as semanas, os dias, as horas, começava a descrever da amizade e benevolência de Maurícia, quando, por uma tarde de novembro, a carruagem de Albuquerque parou no portão do sítio de Martins, e dela saltou a mãe de Virginia, desacompanhada desta. Sinhazinha criou alma nova. Correu à casa de Eugênia, abraçou-se com Maurícia e umedeceu-lhe o colo com lágrimas de alegria. Eram passados dois meses depois da sua estada no engenho.

No dia seguinte, Martins procurou Ângelo no escritório. Achou aí um sujeito de quarenta e cinco anos, a quem Ângelo dava um tanto para abrir todos os dias a casa, varrer a sala, espanar os móveis e os livros, receber e entregar os autos. Chamava-se Jacinto.

Notando Martins que, sendo onze horas da manhã, Ângelo não estivesse ainda no escritório, o Jacinto respondeu:

— Nem virá tão cedo.

— Demora-se muito?

— Só estará aqui por volta das duas horas.

— Mas isto não acontece todos os dias — advertiu Martins.

— Todos os dias — tornou Jacinto.

— Até agora, quero dizer, há três meses atrás não era assim. Nunca deixei de encontrá-lo no escritório depois de nove e meia.

— Já lá se foi esse tempo. Agora, o doutor vive mais para as atrizes e os espetáculos que para as partes e os autos.

Martins, bom amigo, não quis alentar o diálogo sobre assunto tão escabroso. Demais, êle nada ignorava do que lhe

dizia o ajudante, ou antes o servente de Ângelo. O Jacinto, porém, que tinha o vêzo de dar com a língua nos dentes, prosseguiu sem se importar com a reserva de Martins.

— Isto não vai bem. O doutor não despacha os autos, e não ouve as poucas partes que ainda o procuram. Se o senhor se demorar algum tempo, há de ver protocolistas virem buscar os papéis retardados, e voltarem ainda desta vez sem êles. O doutor está precisando de conselhos. Se o senhor é seu amigo, não deixe de dá-los.

— Voltarei às duas horas — tornou Martins. Se, na minha ausência, Ângelo aparecer, diga-lhe que espere por mim.

— Não tenha susto. O senhor há de vir e há de esperar ainda por êle.

Martins desceu, sentindo longes de tristeza na alma. Era um homem que devia ao menos gratidão a Ângelo que fazia dêle tão boas ausências.

No pé da escada um oficial de justiça estava conversando com um procurador de causas. O primeiro dizia que Ângelo lhe devia ainda umas dezenas de intimações atrasadas; o segundo viera cobrar o restante de um débito, proveniente de trabalhos de que o jovem bacharel o encarregara fora da cidade. O procurador dizia ao oficial:

— O dinheiro que o homem apanha é pouco para comédias, presentes, passeios a carro e outras loucuras.

O oficial respondeu ao procurador:

— Um dia dêstes tive em minhas mãos um requerimento, chamando-o a conciliação por trezentos mil-réis que êle deve ao Pereira, que tem loja de fazendas na Rua do Queimado. Não quis encarregar-me da citação para o doutor não dizer que, se êle não me devesse, eu não me animaria a citá-lo.

Ainda quando Martins não formasse do estado de Ângelo o juízo mais aproximado, êstes esboços feitos a carvão, como os desenhos obscenos dos moleques nas paredes, foram mais que bastantes para que de tal estado não lhe restasse a menor dúvida.

E, dando o devido desconto ao que ouvira, encaminhou-se para o ponto onde exercia a sua indústria, e aí se deixou ficar

até às duas horas; trinta minutos depois, entrou novamente no escritório.

— Estás mal comigo, Ângelo? — perguntou ao entrar.

— É a mim que me cabe fazer-te esta pergunta.

— Estive, ontem, à noite em tua casa. Tinhas ido ao teatro. Tomei chá com tua mãe e tuas tias. Vi teus irmãos. Um dêles pareceu-me estar já perdendo o ano.

— Conheces algum mestre brando, benévolo e paciente? Não quero expor meus irmãos ao desamor de certos professores que tornam odioso aos meninos o mister de aprender.

— Tenho um primo que é um professor exemplar. Falar-lhe-ei, amanhã, sobre a entrada de teu irmão na sua escola; e, na semana vindoura, pode o menino começar o trabalho. Mas — mudando de assunto — qual a razão do teu afastamento de minha casa? Lá ninguém te ofendeu.

— Não tenho aparecido por estar muito sobrecarregado com trabalhos.

— Forenses?

— Na maior parte.

— Queria-me parecer, ao entrar aqui, o contrário do que estás dizendo. Há três para quatro meses que não venho ao teu escritório, e em tão curto espaço de tempo noto agora grande diferença. Então, via-se o escritório ordinariamente cheio de clientes; hoje, vejo-o deserto. Somos três os que estão aqui — eu, tu, e ali o Sr. Jacinto, matando môscas. Como vais com o teu jornal?

— Agoniza. Muitos dos assinantes não renovaram as assinaturas e ver-me-ei na contingência, se não entrarem novos que compensem os que não tornaram, de suspender a publicação.

— Deves à tipografia?

— Estou num pequeno atraso.

— Entretanto, há quatro meses era próspero o estado do jornal. Não se deverá atribuir o resfriamento dos assinantes à publicação quase exclusiva de traduções e transcrições, em vez de artigos originais, em que até certo tempo te mostraste tão fecundo?

— Talvez. De fato, não tenho tido tempo de escrever como já escrevi. Ando a modo de preocupado.

— Andas; e é sobre isto que venho tomar-te alguns minutos.

— Senta-te aqui.

Ângelo e Martins encaminharam-se para um gabinete curto e estreito, que corria paralelo à sala, onde aquêle tinha a sua mesa e estantes. Ângelo recostou-se sobre um sofázinho de vime, que com duas cadeiras de braços adornavam o pequeno aposento. Martins sentou-se em uma das cadeiras, e começou assim:

— Ângelo, venho falar-te sem outra autoridade senão a do amigo sincero que te deseja mil prosperidades e muitas glórias que redundem em proveito dos teus.

— Podes falar com tôda a liberdade. Sou o primeiro a reconhecer que uma das minhas mais urgentes necessidades é a de ter um amigo que me dê saudáveis conselhos.

— Vim resoluta a dá-los. Tua mãe, tão discreta, tão conformada com a sua sorte, teve ontem para mim maternais franquezas e comovedores ressentimentos. Considera-te, não sem razão, afastado do caminho que sempre soubeste trilhar, ainda quando estavas nos teus verdes anos. Êste triste resultado ela o atribui ao teatro, que deve ser, e, quando bem compreendido, certamente escola de bons costumes, edificativa de sã moralidade por exemplos de altas virtudes sociais e domésticas. Sem o afirmar positivamente, deu-me a entender que tudo o que ganhas pela tua profissão das mãos te sai para despesas vãs e inúteis.

Martins ficou aqui. Pousara as vistas no amigo, e pela expressão do semblante parecia ter tôda a alma empenhada em conhecer o efeito das suas reflexões. Êste não tardou muito a revelar-se; Ângelo, deixando o encôsto do sofázinho, sentou-se e respondeu:

— Não obstante chegarem fora de tempo os teus conselhos, ganhaste com eles novo direito à minha gratidão pela boa intenção que os inspirou.

— Chegaram fora de tempo? — inquiriu Martins quase inquieto.

— Estão inteiramente extintas as relações que me prendiam à Júlia.

— Obrigado, obrigado, Ângelo! — disse Martins com efusão de sentimento que não pudera reter em seu coração. Está então tudo acabado?

— Tudo, tudo.

Martins procurava no pensamento uma forma, uma frase mais viva para manifestar o seu contentamento ao amigo de infância, quando viu nos olhos dêste duas lágrimas a bailarem.

Levantou-se comovido e triste. Deu alguns passos em silêncio pelo gabinete. Ângelo, compreendendo o que a sua fraqueza devera ter feito gerar-se no espírito do amigo, passou o lenço pelos olhos e foi ao encontro de Martins.

— Não duvides das minhas palavras. Senti, sinto ainda o golpe, mas definitivamente está tudo acabado entre mim e essa mulher. Onde havia paixão violenta há agora uma barreira ingente, que nem eu transporei, nem ela transporá. Tive por Júlia grande amor, que ela me retribuiu com isenção de ânimo, até pouco tempo. Há duas semanas comecei a notar de sua parte não só resfriamento, mas esquivaça.

Faltou ao prometido, deixando-se ficar na caixa do teatro. Anteontem de tarde, cometi um ato de loucura. Meti-me num carro e mandei tocar para o Monteiro. Ela mora numa casa de terraço com gradil, sobranceira à estrada.

— Sei onde é.

— Júlia estava no terraço, quando apontei na estrada e tanto que me avistou fugiu para dentro. Fiquei indignado. Assaltou-me o pensamento de lhe fazer qualquer manifestação insultuosa; por exemplo, a de lhe atirar uma luva, se ela apparecesse no momento de passar o carro defronte da casa. Ela não appareceu, mas eu estava trêmulo de raiva, e quase não podia governar-me. Mandei parar o carro, meti num dos dedos da luva um anel, que ela me havia dado de presente, e, pondo-me de pé, atirei a luva e o anel por cima do gradil. Não pude dormir. Meu espírito perdeu-se em vãs conjuturas sobre a origem do desdém de Júlia para comigo. Hoje, seriam dez horas da manhã, entrei no teatro. Ela não fôra ao ensaio.

Quando eu saía, o porteiro veio ao meu encontro e entregou-me uma carta que podes ler.

Martins tomou a carta e leu:

“Não pense que sou uma mulher vulgar. Sinto ainda pelo senhor grande paixão, não obstante ter assentado cortar tôdas as relações que existiam entre nós. A explicação do meu procedimento é a que passo a dar. Vieram dizer-me que sua mãe estava sofrendo por meu respeito. Ora, eu venero a mãe de quem quer que seja. Para atalhar os padecimentos de minha mãe, casei-me contra minha vontade. Ela acompanha-me por tôda parte; por ela tenho feito e farei os maiores sacrifícios. Condoí-me, por isso, de sua mãe sem a conhecer. Por que havia eu de prolongar o seu sofrimento? Se eu pudesse aspirar a possuir o senhor até à morte, talvez o egoísmo, sentimento cruel, me desse ânimo para sustentar a luta com o sentimento maternal, e disputar-lhe a vitória; mas poderei acaso, sem dar triste idéia da minha razão, nutrir semelhante esperança? Prêsa pelo destino, falaz e fatal, ao teatro, mundo sombrio sôbre o qual, se alguma vêzes assoma o sol da glória, é mais para mostrar as suas manchas do que para projetar a sua luz, o que me cumpre fazer senão resignar-me ao meu papel e à minha condição? Aceitei por isso a proposta que me fizeram do Maranhão e seguirei para ali no primeiro vapor. Peço-lhe que se esqueça de mim, e que me perdoe esta resolução, como eu perdooi o seu insulto que me lançou fel no mais íntimo da alma.

J.”

— Tens medo dessa mulher, Ângelo — disse Martins, concluída a leitura da carta. E como é possível que ela algum dia volte a repetir a luta com o amor maternal para lhe disputar o seu penhor predileto, não será por demais quebrar esta arma que ela deixa em tuas mãos contra ti mesmo.

Dizendo estas palavras, Martins fêz gesto de rasgar a carta de Júlia. Ângelo correu a tolher que êle levasse a efeito a intenção apenas denunciada.

— Não rasgues a carta.

— Peço-te perdão, Ângelo. O crime está cometido.

Os pedaços, em que Martins pusera o papel, rolaram aos pés dos dois amigos.

— Não me queiras mal por isso. Quebrei uma arma que estava dirigida contra o teu coração.

— Receias que façamos as pazes? É impossível. Depois, Júlia embarcou ontem. Não viste a data da carta? Foi escrita há três dias. Não é uma mulher vulgar. Pode mais que o seu amor.

— É ainda êste o juízo que formas dela? Queres saber por que foi que ela deixou o Recife? É fácil de compreender esta abnegação. Do Maranhão, ofereceram-lhe maiores vencimentos. Mas ou a verdade esteja contigo, ou comigo, dou-te os parabéns, e vou pedir as alvíssaras a tua mãe.

Martins ia a sair, quando voltou imediatamente sôbre os seus passos.

— Tinha-me esquecido de dizer-te que Maurícia chegou ontem à noite a Caxangá, disse.

— Ah!

— Não te admires. Se não andasses tão longe do mundo onde vives, se não tivesses até estas presentes horas o espírito tão perto da luz, já terias acertado com a origem da vinda dela. Ve lá se podes adivinhar.

Ângelo em vão procurou o alvo indicado pelo amigo. Foi para êle um ponto inacessível, invisível, um mistério impenetrável. O que em seu entendimento se desenhou imediatamente com as mais vivas tintas foi a imagem de Maurícia tal qual a vira êle na tarde rica de encantos e ilusões em que fôra com ela do Caxangá até à porteira do engenho. Lembrou-se das cenas vivas, das frases apaixonadas, dos castelos brilhantes que depressa se haviam desvanecido como neblinas. Teve saudades daquela criatura esplêndida, que êle durante os quatro últimos meses odiava e desprezava.

Martins tirou-o do seu enleio com estas palavras:

— Estamos em vésperas de dezembro.

— Quererás dizer que ela vem passar todo o mês, que vai entrar, na estrada de João de Barros?

— Não, Ângelo. Ela vem ensaiar os versos que deve cantar por ocasião das novenas da Conceiçãozinha, as quais prometem êste ano ser esplêndidas. Não hás de faltar.

— Quais são as cantoras?

— As que costumam cantar todos os anos, as nossas vizinhas mais próximas — Iaiá, Sinhazinha e outras. Aposto que não sabes mais quem é Sinhazinha — acrescentou com ares brejeiros.

— Hei de reconhecê-la, hei de reconhê-la — tornou Ângelo, não sem rápida perturbação.

Então, Martins, trocando os ares de há pouco pelos que assumem as pessoas picadas que repelem a palavra ou o gesto ofensivo, redarguiu:

— Pois não hás de reconhecê-la, Ângelo. Tu a puseste a um passo da sepultura.

— Eu?

Martins saiu, deixando o amigo absorto em mil conjecturas, que revoavam entre a forma de Maurícia e a da filha de D. Sofia como bandos de irrequietas aves, mensageiras de próximas tormentas, tão naturais nos corações humanos.

XVIII

Compreendendo Maurícia quando devera custar a Ângelo aproximar-se dela depois dos fatos passados nos últimos meses, tomou a resolução de ser a primeira que fôsse ao seu encontro; e, na mesma tarde da entrevista dos dois amigos no escritório, dirigiu-se à casa de D. Rosalina com o fundamento de visitar D. Matilde, mãe do bacharel.

D. Matilde era um tesouro de afetos e qualidades raras, entre as quais primava a naturalidade nas palavras e ações, que muitas vêzes vale mais que a urbanidade, prenda dos espíritos cultos, mas nem sempre indício de bom coração.

Se na visita houve pretexto, houve também o desejo que Maurícia alimentava, desde que vira Ângelo, de conhecer D. Matilde.

A visita foi motivo de prazer para as duas senhoras. Como se de há muito as ligara forte laço de afetuosa e provada amizade, a maior franqueza e mais larga confiança animaram a conversação. Falaram de si e dos entes que mais estimavam na terra; falaram dos seus infortúnios, da sua descrença e das

suas esperanças; nem foram esquecidos na prática amiga os seus hábitos, os seus desejos, as suas inclinações. Para tão larga expansão não contribuiu pouco estarem sós, visto que D. Rosalina tinha saído com a irmã e as crias a passeio pelo arrabalde.

Quando Ângelo, penetrando na sala, deparou ao lado de D. Matilde a mulher que de novo começava a ter em seu pensamento o primeiro lugar depois de sua mãe, empalideceu e emudeceu um momento com o inesperado abalo. Vendo-o perplexo, Maurícia levantou-se, encaminhou-se para êle e estendeu-lhe a mão, que êle tomou com solicitude.

— Não se admire de me ver aqui, disse ela. Não se lembra de que, conversando comigo em casa do meu cunhado — vai para seis meses — declarou que teria prazer em aproximarmos? Apressei-me em proporcionar-lhe êsse prazer.

A esta amabilidade, que parecia vir do intrínseco da alma de Maurícia, respondeu Ângelo com amabilidade senão tão íntima, certo de não inferior cortesia.

— Assim praticando a senhora acaba de escravizar ainda mais o meu coração; já tão escravo dos seus dotes; e o prazer que havia de experimentar aproximando minha mãe da senhora duplicou-o não só a fineza, mas também a honra da sua visita.

À tardinha, Ângelo e D. Matilde acompanharam Maurícia à casa de Martins, e aí ficara para o chá. Era um dos primeiros dias de dezembro; no seguinte, deviam começar as novenas da Conceiçãozinha. Maurícia tinha sido convidada pelos juizes da festa a cantar uns versos compostos pelo benemérito poeta pernambucano Torres Bandeira.

Por motivo de moléstia, Virgínia não tinha acompanhado sua mãe ao Recife; mas deveria vir logo que melhorasse, a fim de tomar parte na solenidade.

Na casa de Martins, iam repetir-se os suaves regozijos de que era todos os anos, por aquela época, natural estância, visto ficar perto da capelinha e se durante o ano o centro onde se ajuntavam as primeiras famílias das vizinhanças. Havia na sala umas dez ou doze senhoras, entre as quais as nossas conhecidas D. Rosa, D. Sofia, Iáíá, Sinhazinha, D. Teodora e sua filha Teresinha. Não eram muitos os homens. Se levarmos

em conta Ângelo e Martins, mostrava-se o irmão de Sinhàzinha, por nome Alfredo, que tinha especial motivo de estar ali — andava arrastando a asa a Iaiá; um moço empregado em uma das repartições públicas, Honório Lins, que pela segunda vez viera à casa de Martins; e por último o mestre de piano, o Silvério, muito estimado da melhor sociedade do Recife. O Salustiano, de quem os leitores talvez se lembrem ainda, prometera comparecer, mas faltara, receiando acaso as judiarias de algum estudante dos quilates do Azevedo, que seis meses antes tantos risos despertara à custa dêle.

Tinham-se reunido as senhoras para se proceder ao ensaio geral dos versos que deviam ser cantados na noite seguinte. Chegando o momento de dar-se comêço ao piedoso exercício, as moças encaminharam-se para o piano. Já ali estava Silvério, que com mágicos prelúdios abafou o farfalhar das saias ruidosas das cantoras.

Então, Maurícia começou a cantar. Dir-se-ia que na longa ausência a sua voz fizera aquisição de novas harmonias até àquele momento desconhecidas dos ecos da estrada. Essas harmonias tinham sentimento e grandeza. O motivo era religioso, mas os tons de certas profanidades afetiva, a frescura e a vivacidade que não parecem muito compatíveis com os graves acentos e a morna languidez das músicas sacras, estavam traindo de parte dela certo desejo, certo empenho em ser mais agradável ao amor profano do que ao amor divino. Maurícia cantava exclusivamente para Ângelo ouvir; a vaidade tomara o lugar da devoção.

Terminados os versos, ela veio sentar-se ao lado de Ângelo, junto de uma janela, enquanto as outras moças, que se haviam mostrado mal-ensaiadas, ficaram ainda ao pé do piano repetindo o estribilho.

— Por que falou tão friamente com Sinhàzinha? — perguntou Maurícia ao bacharel a meia voz. Há três meses não lhe falava assim.

— Quem lhe disse que eu falava de outro modo?

— De tudo, ando informada. A paixão tem linguagem mais viva ao seu serviço.

— Nunca senti paixão por Sinhàzinha.

— Para que diz isto? Não desça do lugar que já ocupou no altar do seu coração aquêlê delicado ídolo.

— Quem lhe disse o contrário, faltou à verdade, D. Maurícia. Eu só senti uma paixão na vida; essa existe ainda tão veemente, tão profunda como nos primeiros tempos.

Maurícia sorriu tristemente.

— Cuida o senhor que, por eu estar morando duas léguas distante do Recife, não sei dos seus passos? Sinhazinha tem-lhe grande inclinação, que o senhor ainda retribuiria como nas primeiras semanas, se os seus trabalhos dramáticos não lhe tivessem voltado inteiramente a cabeça para o teatro, a ponto de o tornarem esquecido das suas mais íntimas afeições.

— Sei ao que pretende aludir — respondeu Ângelo, algum tanto contrariado. Foi tudo isto um sonho de poucos meses. Está tudo acabado.

— Não diga isto. Não é possível o que está dizendo. As paixões não se desvanecem como os sonhos. Aquelas que assim se desvanecem não são paixões, são pretensões materiais e falazes, são desejos desprezíveis que só podem ter morada em ânímos frívolos, em almas vulgares. Eu não compreendo as paixões dêste modo. Eu as comparo com os incêndios que ordinariamente terminam depois de grandes destruições, não deixando lama, senão cinzas.

Ângelo respondeu: — Nunca senti paixão por essa mulher, nem por Sinhazinha. A maior, a única que ainda me tomou na vida foi a que a senhora me inspirou. Essa existe ainda; existirá sempre.

— O senhor está enganado — disse Maurícia, sorrindo irônicamente.

— Enganado! Pensa que, se não fôra a senhora, eu estaria aqui?

— Mas para que há de ser ingrato e injusto? Veja Sinhazinha como o procura com a vista. Ela tem direito a retribuição diferente desta. Demais, por que há de insistir em avultar um castelo que, se existe na sua imaginação, não tem alicerces no seu coração? Declaro-lhe positivamente, Sr. Dr. Ângelo, que não creio em sua paixão por mim; mas, ainda quando êsse impossível sentimento não fôsse a trivial ilusão, que suponho,

crê o senhor que eu poderia alimentá-lo? Sou escrava do meu dever.

— Pois sim, sim — respondeu Ângelo com maus modos. Não falemos mais nisso, minha senhora.

E levantou-se para pôr a ponta do charuto fora.

Com pouco, concluído o ensaio do côro, Maurícia e as outras senhoras passaram à sala de jantar, onde se serviu o chá. Ângelo não falou mais com Maurícia essa noite. Às dez horas, despediu-se, tomou com sua mãe o caminho da casa.

Nessa mesma noite, Maurícia soube que tinham cessado as relações de Ângelo e Júlia. Martins referiu com demonstrações de satisfação a parte essencial da entrevista no escritório; era meio caminho andado. Esta revelação veio mudar os seus planos de luta para tirar o bacharel do poder da atriz. Tinha vindo mais para entrar nessa luta do que para praticar devoção, visto que tomara à sua conta o futuro de Sinhazinha. Mas, sendo outras as circunstâncias, julgou conveniente aproveitar-se das facilidades que elas ofereciam. A luta devia travar-se agora exclusivamente com o bacharel. Maurícia esperou pela primeira ocasião.

Esta ofereceu-se na noite seguinte, depois da conversa. Havia luar. A temperatura estava fresca e saudável. Maurícia propôs um passeio pela estrada, e a sua proposta foi aceita. Dividiu-se o ajuntamento dêste modo: Alfredo e Iaiá romperam a marcha; duas senhoras do Recife, que tinham ficado por instâncias de Martins e Eugênia, seguiram com êstes após aquêles; Sinhazinha e D. Matilde seguiram, após o segundo grupo; Maurícia e Ângelo iam atrás de todos.

— Está zangado comigo? — perguntou Maurícia ao advogado.

— Queria que não ficasse magoado com os seus cruéis desenganos?

— Mas o que lhe posso eu dizer, Sr. Dr. Ângelo? Que quer o senhor que eu lhe diga?

— Quero que me diga que corresponde e corresponderá ao meu afeto com a veemência que é o primeiro sinal, ou antes a essência do meu. Não lhe mereço êste sentimento? Não

tenho mais nada com mulher nenhuma. Deixe que eu seja franco. Durante alguns dias, senti certa simpatia, inclinação, por Sinhazinha; ela não é feia; é até elegante e tem muito boas qualidades espirituais. Percebi essa inclinação, e cheguei a alimentar, por palavras e obras, no espírito da Sinhazinha a esperança de vir a ser, no futuro, seu marido. Eu estava por esse tempo inteiramente desenganado do seu amor, D. Maurícia. A senhora tinha voltado à vida conjugal; sua filha tinha casado; tive por certo que nunca mais se mudassem estas circunstâncias, que excluía qualquer possibilidade de rearmos as nossas relações violentamente despedaçadas pela sua illusória reconciliação. Descrente, descontente, sentindo dentro em minha alma dobrado vácuo deixado pela morte do seu amor e pela morte de meu pai, era fácil ser atraído por essa gentil menina e ficar algum tempo enleado. Eu achara graça na sua modéstia, na sua timidez e, sobretudo, nas suas idealidades, porque eu estava sem ideal. Depois, conheci outra mulher, que, por seus sentimentos arrebatados, seus talentos artísticos me teve prêso por poucos meses junto dela, numa ilusão confusa e atordoada, humaníssima, no estado em que eu vivia. Quando esse astro desapareceu dos meus olhos, tinha já fugido antes dêle do meu pensamento a imagem da jovem singela, que fôra o meu santelmo nos mares cruzados da vida e — coisa singular! na imensidade do meu espírito, assim desocupado, ressurgiu a sua forma, a sua pessoa, que eu julgava de todo morta. Eis a verdade. Pois bem: quando eu esperava que as suas primeiras palavras para mim fôsem poemas de consolação e idílios de esperança; quando eu supunha que, estando a senhora livre como está — e para sempre, porque seu marido não há de tornar mais nunca — não teria para mim senão a expansão franca e espontânea do amor imenso que é compatível com o seu imenso coração, o que cai dos seus lábios, no entanto, são sentenças cruéis, que vêm aumentar a aridez de minha alma, já queimada pelo fogo de tantos desenganos.

— A sua ilusão, Sr. Dr. Ângelo, tem um falso fundamento. Pensa o senhor que eu estou livre, quando eu sinto ainda pungir-me o pulso a cadeia de ferro, que me prende a meu marido, e não se partirá senão com a morte de um de nós dois.

Eu não estou livre; continuo a ser a escrava infeliz, que, embora na ausência de seu senhor, sente, ao pensar na sua miserável condição, a ponta do azorrague machucar-lhe as carnes. Hoje, é muito mais melindrosa a minha situação do que era antes do casamento de Virgínia; o senhor compreende sem dificuldade que a uma filha casada tem sua mãe muito mais rigoroso dever de dar exemplos de honestidade, do que a uma solteira, do que a uma donzela, que traz em sua condição parte de sua defesa. Não é certo que a corrupção chega muito mais facilmente, porque chega sem deixar vestígios, ao seio da consorta do que ao seio da virgem? Não tenha mais nenhuma ilusão a meu respeito. Estou morta para o amor, a não ser o amor maternal!

Estas palavras levaram o gêlo à alma do bacharel, que estava em fogo um momento antes. Ele parou. O luar cobria-os de suave claridade, que ajudou Maurícia a distinguir no semblante de Ângelo indícios de íntimo desespero.

— Mas, então, disse ele como quem não achava palavras para exprimir com precisão as suas idéias, por que de lá mesmo, onde estava, não cortou com decisivo e rude golpe este amor parasita que me corrói o coração? Por que me escreveu a senhora? Por que teve para mim nessa carta expressões que se parecem com saudáveis confortos e promessas de prazer eterno? Tenho aqui comigo a sua carta. Muitos e ardentes beijos têm meus lábios imprimido nela.

Ângelo tirou do bolso a carta que Maurícia lhe enviara com a tradução do romance de George Sand, e o acompanhamento da poesia d'ele; e, sem poder sustentar o seu destino, beijou várias vezes o papel.

— Meu Deus! — exclamou Maurícia, a modo de assustada. Peço-lhe perdão, mil perdões. Não cuidei que alentaria assim o fogo do seu coração. Deus é testemunha de que, escrevendo-lhe essas letras, a minha intenção foi outra. Julgava todo o seu afeto por mim extinto, inteiramente aniquilado; e tinha razão para pensar assim. Mas, se as minhas palavras foram sementes fatais que vieram viver entre as chamas como as salamandras, não me recuse o seu perdão, porque cometi

êsse crime sem intenção, antes pensando em praticar ação lícita e boa. (7)

E tomando novamente o braço do bacharel, compeliu-o a andar. Pouco adiante, estavam parados os outros.

— Tenho uma coisa que lhe dizer, D. Maurícia, acudiu Sinhàzinha, tanto que pôde ser ouvida pela mãe de Virgínia.

E correu para ela, gentilmente. Ângelo, deixando então as duas amigas juntas, foi dar o braço a D. Matilde. Daí, voltaram.

O que Sinhàzinha queria dizer a Maurícia é fácil adivinhar. Ela soubera naquele momento da ausência da rival. D. Matilde, que votava grandes simpatias à filha de D. Sofia, revelara-lhe a sua satisfação por ver o filho livre do perigo. É fácil compreender o efeito de tal revelação no espírito, para não dizermos no coração da menina. Ela andava triste. Aquelas aventuras tinham-lhe dado muito fel a beber. Durante os dois meses que se seguiram à sua chegada do engenho o seu desgosto, o seu amargor íntimo tinha ido em aumento. Quando Maurícia chegou, mal pôde conhecê-la, porque as carnes pareciam ter fugido do corpo dela e a palidez cobria-lhe o rosto. Era inda êste o seu estado. A notícia dada por D. Matilde mudou súbitamente as condições de seu espírito. Ordinariamente, tímida e modesta, Sinhàzinha não guardou desta vez coerência com sua índole e seus hábitos. Tomando o braço de Maurícia, não a deixou mais senão em casa de Martins. Tornara-se outra. Estava alegre. Mais de uma vez aproximou-se de Ângelo e dirigiu-lhe a palavra; o bacharel notou esta diferença, porque nos encontros que tivera com a moça durante as duas noites últimas, vira-a apenas corresponder aos seus cumprimentos e, em vez de aproximar-se, não perder ocasião de se distanciar dêle. O prazer de Sinhàzinha, porém, durou pouco, porque dentro em breve ela teve a certeza de que Ângelo estava a todo momento a manifestar-lhe esquivança. As im-

(7) Salamandra, réptil da ordem dos batráquios, semelhante ao lagarto. O povo crê que ela pode viver no meio do fogo; o que acontece é que ela, revestida do líquido viscoso, segregado pela pele e enquanto êste durar, pode conservar-se viva, se o fogo não fôr muito intenso. (Nota do "Clube do Livro".)

pressões de Sinhazinha foram a modo de comunicativas: Maurícia, à proporção que os dias se adiantavam, caía também em funda melancolia.

Uma vez, perguntou-lhe Eugênia:

— Que tem você, Maurícia? Todos notam que você anda descontente e preocupada. Parece que não há razão para semelhante tédio à vida.

Virgínia, que já tinha chegado, aproximou-se de Maurícia, e disse-lhe:

— Ora, mamãe, deixe-se de tristeza. Vamos tocar, ou antes, venha cantar. Venha, mamãe.

Por satisfazer à filha, Maurícia pôs-se ao piano. Quando terminou a harmonia de Schubert, que era sua predileta, estava banhada de lágrimas.

Interrogada sobre a causa do seu pranto, dissera que não podia ser outra senão a sua pouca sorte. Todos foram levados a achar a razão dêsse pranto no procedimento de Bezerra. Maurícia não disse sim, nem não, a semelhante respeito. Mas o seu coração e a sua consciência protestaram em silêncio contra o juízo geral.

XIX

O sino da capela deu sinal que ia entrar a festa. As novenas tinham terminado na véspera com grandes elogios às cantoras; mas o concurso de gente que elas haviam atraído não cessara, antes na última noite mostrava-se ainda maior. Muito de indústria, o juiz fizera correr fama que os versos seriam cantados pelas primeiras vozes do Recife e que entre estas se faria ouvir pela primeira vez a mais gentil das de que ali se poderiam jactar até então nas festas das igrejas. Alguns jornais publicaram esta notícia, e não foi preciso mais para que da rêde de arrabaldes, que cerca a estrada, chegassem milhares de pessoas dentre as quais, se muitas eram arrastadas pela devoção, a maioria não tinha outro fim que o de divertir-se como é de costume.

A popularíssima festa de Nossa Senhora da Saúde que se celebra no Poço da Panela; a de Nossa Senhora dos Prazeres de Guararapes, que se celebra na freguesia do Cabo; a de Nossa Senhora do Monte, em Olinda, tiveram aquêlê ano digna

êmula na da Conceiçãozinha da Estrada de João de Barros Nunca festa de arraial foi mais brilhantemente concorrida.

E o espetáculo, sob muitos aspectos importante, pagava a curiosidade das visitas.

Sendo o boqueirão, por onde meses antes Ângelo passeara com Maurícia, o ponto do sítio que ficava mais perto da capela, mandou Martins decotar as árvores próximas e conduzir para ali cadeiras, a fim de que as senhoras pudessem, sem risco, ver dêsse recanto ameno o espetáculo festivo. As sete horas, via-se ali reunida a luzida sociedade, que privava com Martins; e ao lado das jovens elegantes, mostravam-se moços de talento e nomeada que êle tinha a fortuna de saber chamar a sua amizade por seus modos francos e obsequiosos. Dos frequentadores do sítio, só um faltava; era Ângelo. A ausência dêste era sentida por todos, mas especialmente por Maurícia, pôsto que a sua discrição não lhe permitisse revelá-lo. Durante tôda a semana, Maurícia queixara-se de calafrios e rápidas pontas de febre. Dizia sentir dores pelo corpo e peito, mas a sua enfermidade era moral. Ângelo ausentara-se da casa de Martins desde a primeira noite de novena, aquela em que tivera de Maurícia o mais formal desengano e nisso estava a origem do mal dela. Que fizera durante êsse tempo? Não podendo vencer a contrariedade e o desgosto, achou um meio de sair dêsse penoso estado, e de vingar-se ao mesmo tempo da mãe de Virgínia fazendo que ela viesse também a ter o seu quinhão de sofrimento. Demais, êle estava triste e descontente da cidade que meses antes tomara por uma mansão celestial. Não podia ir ao teatro, depois da ausência de Júlia; não podia frequentar Martins, depois do que se passara com a cunhada dêste. Acudiu-lhe, então, o pensamento de deixar o Recife. Em consequência, procurou um amigo político de grande importância para o Presidente da Província, que prometeu nomeá-lo para um dos lugares de promotor que estavam vagos. Inteiramente absorto na promessa, Ângelo, enquanto ela se realizava, fugia da sociedade, que costumava frequentar antes. No dia da festa, meteu-se em um dos carros da linha de ferro do Recife a Apicucos, e, chegando a êste povoado, começou a matar o tempo andando de um lugar para outro, visitando antigos co-

nhecidos, passando horas no hotel entregue à mais cruel monotonia.

Antes de começar a festa, havia ainda em alguns dos hóspedes de Martins a esperança de que Ângelo repararia a longa ausência durante toda a semana, comparecendo, agora. Maurícia, pôsto que, mais competentemente do que ninguém, ajuizasse do despeito e contrariedade de Ângelo, não podia capacitar-se de que êle tivesse ânimo para fugir de assistir a sua despedida. Dentro em breve, porém, teve a prova do quanto se enganava; e quando, terminado o *Te-Deum*, sem que o jovem advogado houvesse ainda aparecido, a sua tristeza aumentou de intensidade e crueldade. Muitas lágrimas silenciosas recebeu em segrêdo o seu lenço perfumado, muitos suspiros ela os abafou cuidadosamente, a fim de que não fôsem suscitar desconfianças que lhe seriam desairosas.

Concluída a cerimônia, não houve instâncias de Martins, não houve rogativas de Eugênia e Sinhazinha que dissuadissem Maurícia de seguir àquela mesma hora para o Caxangá. A todos os pedidos, respondeu dizendo que lhe estavam fazendo mal os ares da estrada, e que devia ter pressa em fugir dêles; os ares nunca tinham sido mais saudáveis; os aromas das flôres dos cajueiros e das mangueiras saturavam a atmosfera de átomos balsâmicos e gratos. Não houve nada que a retivesse no sítio. As onze horas, a porteira do engenho batia sôbre a carruagem que entrara conduzindo Maurícia, Virgínia e Martins.

O afastamento de Ângelo e a tristeza de Maurícia lançaram no espírito de Sinhazinha grandes suspeitas. Aquela retirara-se sem lhe dizer uma só palavra sôbre a sua prometida intervenção. Sômente uma vez dizendo-lhe a filha de D. Sofia que lhe parecia não ter diminuído a indiferença do advogado, visto que nunca mais êle tornara ao sítio, ela lhe respondera:

— Não perca a esperança. O tempo acabará tudo.

Parte dessas suspeitas fôra insuflada por D. Sofia, a quem a filha revelava todas as ocorrências que lhe diziam respeito.

— Tens tanta confiança em D. Maurícia, Sinhazinha, como se ela fôsse tua mãe ou tua irmã. Se pensas que há de fazer mais por ti do que por ela, está enganada.

— Não diga isso, minha mãe. D. Maurícia tem muito boa alma.

— Tôla! Não passas de uma tôla! Eu tudo estou vendo, e pelos domingos vou tirando os dias santos. Já observaste que o Dr. Ângelo só se senta ao pé dela, e que só com ela tira conversa?

— Quem é que não gosta de conversar com D. Maurícia, que é tão instruída e bem educada?

— Não sejas simplória, minha filha. Eles aproximam-se um do outro porque alguma coisa existe entre eles dois. Que quer dizer D. Maurícia compor um acompanhamento para uma poesia do Dr. Ângelo, mandar-lhe traduções feitas por ela, conversar com êle horas inteiras? Não te iludas, Sinhazinha!

A menina começou a atentar nestas traiçoeiras sagacidades do amor maternal e achou que havia fundamento. As suas suspeitas redobram com a intensidade da moléstia espiritual de Maurícia, que lhe parecera ocasionada pelo amuo do ba-charel.

Uma manhã, Martins, passando os olhos por uma das folhas diárias do Recife, teve grande surpresa. Acabara de ler a nomeação de Ângelo para o lugar de promotor de uma comarca do interior. Mas a surpresa não lhe foi inteiramente desagradável; e dando a notícia a Eugênia, acrescentou estas palavras:

— Já era tempo de procurar um emprego e entrar numa carreira séria e decente. Está apodrecendo no Recife.

Igual, senão maior surpresa teve D. Matilde, quando o filho lhe indicou o seu despacho na fôlha. Por pouco, ela não teve uma síncope. Não havia para ela sacrifício maior do que viver separada do filho.

— Que resolução foi esta, Ângelo? E por que não me ouviste antes, meu filho?

— Eu sabia que as suas lágrimas haviam de ter força para dissuadir-me de um pensamento, de um propósito que não pode, aliás, deixar de redundar em benefício de minha mãe e meus irmãos.

D. Matilde começou a chorar.

— Muito me há de custar a separação, minha mãe; mas a lei fatal da necessidade pode mais que as leis do coração. Tenha paciência. Preciso de meios para sustentar a família, e o escritório não os proporciona. Devo ir buscá-lo onde eles se me oferecem, ainda que seja distante daqui.

Dois dias depois, Ângelo seguiu para a comarca. Ia com êle imensa dor. A imagem de Maurícia, impressa no pensamento, não o deixava um instante, no meio das suas fundas cogitações; e ao lado dela, aparecia D. Matilde, chorosa e triste como no momento da despedida. Nunca as saudades tiveram tamanha fôrça em seu coração. Também as longas e desertas solidões, que êle atravessava muito deveriam concorrer para semelhantes impressões.

— Talvez — dizia êle consigo — talvez que, tendo conhecimento dêste meu passo, Maurícia ainda venha a retribuir o meu afeto. Mas quem sabe se eu não ando iludido? Maurícia pensará ainda em mim? Pense ou não, é ela o único objeto dos meus afetos.

Maurícia pensava nêle, e não podia esquecer-se dêle. Quando Virgínia lhe disse que lera no jornal a nomeação de Ângelo, ela correu como louca para verificar com seus olhos essa fatal notícia. Sentiu tôdas as amarguras, todos os tormentos que sentem de perto os namorados com tudo o que pode prolongar a ausência do objeto das suas afeições.

Estava ela ocupando de novo o antigo aposento, na casa-grande para onde se mudara depois da fuga de Bezerra. Concentrou-se aí com a grande dor. Poucas vêzes, descia à sala, onde costumava reunir-se D. Carolina, Virgínia e outras senhoras. Deu em tocar e cantar músicas tristes. Perdia as noites em longas abstrações.

— Foi a fatalidade que pôs em minha alma esta paixão! — dizia algumas vêzes.

E as lágrimas deslizavam-se-lhe pelas faces.

Outras vêzes, advertia:

— Se eu fôsse livre, se eu pudesse dizer-lhe: “posso dar-lhe o meu amor, posso retribuir o seu afeto, podemos viver juntos até à morte” não haveria quem fôsse mais ditosa do que eu!

Mas logo recaia em sua habitual melancolia. E então acrescentava:

— Ai de mim! Esta paixão leva-me à sepultura.

Maurícia tinha-se esquecido quase inteiramente de Sinhazinha. Também esta não lhe aparecera, nem escrevera mais. Quando alguma vez aquela se lembrava da promessa que fizera, acudia como defesa a si própria:

— Fiz por ela o que me foi possível; mas êle não esteve pelas minhas súplicas.

Uma tarde, Virgínia subiu banhada em lágrimas ao aposento de Maurícia. Esta foi ao seu encontro sobressaltada e aflita. A menina trazia na mão um jornal, onde vinha publicada, entre as notícias no Norte, a de ter sido assassinado Bezerra, na Paraíba, num ajuntamento de povo, por ocasião de uma festa de arraial. Dera lugar ao homicídio a represália de Bezerra a uma provocação de parte de um valentão afamado, que bulira com Janoca. Não era duvidosa a notícia. O fato estava narrado pelo miúdo, e os nomes não deixavam a menor incerteza. No fim de um mês, a dor de Virgínia estava curada, e para Maurícia começaram a raiar alegres dias. Quando pela primeira vez depois da lúgubre notícia, ela pôs as mãos ao piano para tocar, foi uma música de escolhidas harmonias, que rebentou, em notas animadas, daquele gigante cofre de suas predileções.

Estava nesse momento presente uma senhora de sua amizade que lhe pediu cantasse. Maurícia cantou um dos mais belos pedaços do seu repertório. A felicidade voltara ao seu espírito; astro risonho começara a surgir acima do horizonte de seu coração, onde tinha reinado até então merencórias sombras. “Eu vos agradeço, meu Deus, a misericórdia que tivestes para mim” dizia ela consigo nos longos solilóquios a que costumava entregar-se no aposento. Mas a felicidade não deveria ficar somente na liberdade. Ela possuía certamente, o amor que lhe consagrava Ângelo. O pensamento de ser venturosa com êle rebentou pujante. Fôra contrariado por suas declarações, que êle tomara a resolução de exilar-se para o centro da província. Tudo, pois, a levava a acreditar no sentimento do bacharel a seu respeito. Por isso, não podendo mais resistir

ao mais que natural desejo de ser feliz, assentou de escrever-lhe para que voltasse ao Recife, onde poderiam realizar o seu sonho de tantos meses.

Estava já com a pena na mão, quando vieram dizer-lhe que duas senhoras queriam falar-lhe. Maurícia desceu, e qual não foi a sua surpresa, deparando-se-lhe Sinhàzinha e D. Sofia, que vinham dar-lhe as suas condolências pela morte de Bezerra!

Sinhàzinha estava pálida, e quase disforme. A dor moral fizera da sua juventude uma ruína. Abraçando-se com Maurícia, a menina não pôde sustar as lágrimas.

— Oh! a amizade na terra é uma ilusão! Não há amizade verdadeira. O que se apresenta com êste nome não passa de vã cortesia que praticam pessoas de educação.

— Não é tanto assim, Sinhàzinha.

D. Sofia deu força ao pensamento da filha, acrescentando algumas palavras acerbas.

Foi curta a visita. Ao sair, Sinhàzinha, por palavras impregnadas em ressentimento, deu a entender que suspeitava o amor de Maurícia, e que êsse amor era o inimigo do seu. Maurícia, sem saber ao princípio o que responder, pôde, enfim, defender-se, dizendo que Sinhàzinha estava enganada; que ela já não era para isso; que só na prosperidade de Virgínia fazia consistir a sua, nem queria outra ainda que lhe fôsse fácil alcançá-la.

Maurícia subiu ao seu aposento, levando inesperadas amarguras na alma. Tinha passado alguns dias nos braços de uma ilusão inefável; algumas manhãs haviam surgido cheias de luzes e visões feiticeiras aos seus olhos; algumas noites tinha levado em claro, enamorada dos castelos, que a esperança lhe levantara na imaginação. Mas tudo caía por terra. A presença da filha de D. Sofia, seu emagrecimento, sua tristeza, seu desânimo, suas queixas, suas lágrimas, tinham destruído, como se fôsem vendavais, as flôres de que essas manhãs se mostraram toucadas, como as jovens de Anacreonte. Por uma singular generosidade de sua alma, Sinhàzinha se lhe afigurou uma segunda filha. O sentimento maternal que lograra alcançar a

felicidade para Virgínia, ela o sentiu despertar no coração para favorecer aquela desconsolada menina, cujas qualidades morais tinha na melhor conta. Doeu-lhe que fôsse ela que concorresse de qualquer modo para destruir o futuro da meiga criatura e aos seus próprios olhos envergonhou-se de pensar em ser feliz à custa do amor dessa mulher que no mais apertado transe procurara a sua proteção. Pareceu-lhe que, se levasse por diante a resolução, nenhuma senhora de sua amizade, ninguém que a conhecesse teria para ela outro epíteto que o de — perversa! Esta ordem de idéias acovardou Maurícia. Há, ainda, pôsto que sejam raros, como era o dela, caracteres que rejeitam riqueza, brilho, prazeres da vida, se para a aquisição de tais bens se exigir que êles se sujeitem a uma imputação menos digna, que seria o seu perpétuo tormento, a sua túnica de Nesso (8).

Quando as suas vistas caíram sôbre o papel, que ainda estava aberto na mesa, ela sentiu que os olhos se lhe arrasavam de lágrimas. Se a visita de Sinhazinha se realizasse no dia seguinte, ou talvez algumas horas depois, a carta teria seguido já o seu destino, e ela lograria, talvez, o que sonhava; mas a fatalidade, que a perseguia de há muito, não se esquecera dela ainda esta vez.

Maurícia sentou-se defronte do papel.

— Que devo fazer? — perguntou a si mesma. Devo escrever, ou devo, ao contrário, renunciar para sempre a espe-

(8) Nesso ou Nessus, um dos centauros (monstro fabuloso, metade homem, metade cavalo) da mitologia grega. A deusa Afrodite inspirou-lhe uma violenta paixão por Djanira. Tentando roubá-la de Hércules, este feriu-o, mortalmente, com uma das flechas molhadas no sangue da hidra de Lerna; o centauro tirou a túnica já tinta do seu sangue envenenado e entregou-a a Djanira. Depois, arrastou-se para um canto da Locrida, onde morreu. O seu corpo infectou de tal maneira o país que daí lhe veio o nome de ozoles (de ozein, ter cheiro) dado àquela região (a ozena, rinite atrófica acompanhada de mau cheiro, do grego *oze*, liga-se ao vocábulo). Mais tarde, quando Djanira viu Hércules abandoná-la, mandou-lhe a túnica de Nesso. Logo que Hércules a vestiu, sentiu que se consumia e, para escapar à dor, queimou-se a si mesmo num vulcão que existia nas montanhas Oeta. A morte de Nesso é muitas vezes representada em monumentos e a sua túnica ficou sendo o símbolo das paixões que despedaçam a alma. (Nota do "Clube do Livro".)

rança de ter completa na terra a mais nobre ambição de minha alma?

Passou alguns momentos em aflitivas hesitações, muda, o olhar gelado sôbre a página branca. Sinhazinha não lhe saía do pensamento.

Quando estava nesta perplexidade, Virgínia entrou e começou a falar-lhe sôbre o depauperamento e a tristeza da amiga.

— Mamãe, sabe por que que é que Sinhazinha está assim?

— Por que é? — interrogou Maurícia por demais.

— São saudades do Dr. Ângelo. Ela tem-lhe muito amor. Não se pode esquecer dêle. Coitada de Sinhazinha!

— Tens pena de Sinhazinha, Virgínia?

— E por que não hei de ter? Mamãe bem sabe que eu gosto muito de Sinhazinha; ela é uma das minhas melhores amigas. Se estivesse em minhas mãos dar-lhe o que mais desejasse, eu não hesitaria um momento. Ela é tão boa, tão meiga, tão sincera.

— Acreditas na sua amizade?

— Acredito, sim. Quantas vêzes ela me consolou nas minhas tristezas, antes do meu casamento, quando me parecia que êle não havia de realizar-se! Quantas vêzes me disse, vendo-me chorar: "Não chore, Virgínia. Tenha confiança em Deus. O Sr. Paulo há de ser seu marido. Que tem que Iaiázinha tenha muitos contos de réis, seja prima do Sr. Paulo, e D. Carolina mostre desejo de que êles se casem? Tudo isto não lhe há de fazer mal nenhum. Não desanime". Quem fazia isto comigo, quem me dava tanta coragem, quando eu sentia meu espírito abatido, quem queria do coração a minha felicidade não me deve merecer muito, muito?

Estas palavras foram agudos punhais desferidos contra o coração de Maurícia, que se sentiu depois disso ainda menos forte para levar a efeito a sua resolução.

— Não escreverei — disse, levantando-se. Custar-me-á, talvez, a vida êste passo, mas hei de ter fôrças para dá-lo.

Sem compreender o que dissera sua mãe, Virgínia olhou para ela atônita e confusa; e no seu rosto, por onde lhe corria em bagas o pranto, buscou em vão ler o natural sentido daquelas palavras.

— Meu Deus! — exclamou a menina ao cabo de um momento, como quem lobrigava muito ao longe nuvem cheia de tempestade no horizonte, por ora sem fogos e sem vulcões destruidores, da vida de Maurícia. — A quem ia escrever, mãe? Se minhas palavras concorreram para que a senhora mudasse de uma resolução que lhe era agradável, não se importe com elas. Faça o que fôr melhor.

Era tarde. Estava resolvido o sacrifício.

XX

Longe de Recife, numa vila de costumes primitivos, de vida quase rudimentar no alto sertão, o amor de Ângelo por Maurícia requintara. Dia e noite, o bacharel trazia na lembrança a bela imagem dessa mulher, umas vêzes a modo assustada, outras mostrando rápidos ciúmes, outras indiferente às suas exaltações. Maurícia de feito passara por todos êstes estados espirituais, que se alternavam e sucediam ao sabor das circunstâncias ou dos acontecimentos de sua vida agitada por forças diferentes, contraditórias ou reciprocamente hostis. Qualquer que fôsse, porém, a face dessa imagem que se reproduzisse no pensamento do jovem bacharel, tinha sempre êle para ela as mais distintas preferências.

Nos primeiros tempos, Ângelo sentiu-se inteiramente arrependido do passo que dera; êsteve ainda para pedir demissão, tamanho foi o seu descontentamento, e tão incompatíveis se lhe afiguraram com sua índole e educação costumes e sentimentos tão primários de mistura com sentimentos e costumes inocentes e singelos; mas, dominando os receios de desgostos e sobretudo, desanimado ante o pensamento de continuar a sofrer no Recife os tormentos silenciosos de sua paixão contrariada, logrou perder a idéia de voltar. Todo o seu espírito começou a revoar em tôrno dessa imagem imperecedoura, dessa ideal criação, que distante do original, se tornava cada vez mais espiritual, mais fantástica, mais poética e por isso, mais rica de atração pelo seu prestígio quase divino. Enfim, a idéia fixa de Ângelo era esta: que Bezerra havia de morrer primeiro que êle e Maurícia, e que, então, esta lhe pertenceria. Imagine-

se, por isso, com que mostras de satisfação interior não leu êle no jornal a notícia da morte daquele infeliz homem. Quanto o amor é perverso!

Não leu uma vez só, releu muitas vêzes a notícia de cuja veracidade ao princípio pareceu duvidar, mas em que acreditou, por último, visto que era irrecusável a evidência. Ocorreu-lhe, então, o pensamento de voltar ao Recife, procurar Maurícia e dizer-lhe: "Eis-me aqui, belo anjo. Cessaram todos os obstáculos que cavavam entre nós abismo intransponível." E a sua imaginação de poeta concluía êste como cântico de ressurreição com um verso de Martins, que andava muito em voga e se repetia entre moças e rapazes no *retiro literário* da estrada:

"Sejamos, meu anjo, sejamos um só".

O primeiro correio que partira da vila, depois da chegada da notícia consoladora, trouxe a um amigo de Ângelo que o era também do presidente da província — o mesmo que obtivera a nomeação — um pedido de licença para vir tratar de sua saúde na capital. Por essa ocasião, o bacharel escreveu também a D. Matilde e a Martins, mas nada lhe disse a respeito do passo que dera.

O seu empenho em fazer surpresa a Maurícia era tamanho que êle recomendou àquele amigo tôda a reserva. A licença não foi publicada.

Ângelo pôs-se a caminho, logo que recebeu o despacho oficial, e depois de longa jornada a cavalo, alcançou uma das últimas estações da estrada de ferro Recife a S. Francisco. Chegou àquela cidade na mesma tarde. Entre o pedido de licença e a chegada, haviam decorrido cerca de três meses.

Quanto lhe custou o trajeto da estação das Cinco Pontas à estrada de João de Barros! Tinha o coração em aflição e doce ansiedade. A carruagem não rodava, voava por ordem sua; o plaustro das ninfas antigas não era mais veloz. E êle tinha razão de querer vencer a distância com a rapidez do pensamento; estava quase alucinado. Havia perto de seis meses que não sabia notícia de Maurícia, que durante êsse tempo tivera quase exclusivo domínio em suas idéias. Enfim, ao es-

curecer, o carro parou à porta do sítio de D. Rosalina. Ângelo, tendo na mão a bolsa da viagem, saltou, quando o carro ainda não estava parado, e transpôs, correndo, a soleira do portão. Arbustos, que êle deixara pequenos, estavam grandes. Madres-silvas novas, resedás, jasmims-laranja, que haviam sido plantados em sua ausência, formavam latadas sombrias e moitas espessas nas proximidades da porta da entrada. Os cajueiros, ostentando os primeiros frutos daquele ano, recendiam aromas agradáveis.

— Reconheço os aromas do cajueiro — disse êle — entrando. Como são gratos os perfumes da casa paterna!

Uma afilhada de D. Matilde, por nome Joana, que ao pé de uma das janelas, se aproveitava das últimas claridades do dia para concluir a sua tarefa em uma almofada de renda, correu como louca pelo corredor a dentro, gritando:

— Dindinha, Dindinha, aqui está seu Ângelo!

Foi um reboliço, uma revolução, um deus-nos-acuda na casa de D. Rosalina. Por alguns momentos, pareceu que o mundo vinha abaixo. Mas não estava longe do prazer o desgosto, da esperança o desespero para o infeliz homem de letras.

— Dá-me notícias de D. Maurícia, minha mãe? — perguntou Ângelo.

D. Matilde hesitou. Seu rosto, por onde discorria a aurora boreal de uma satisfação inesperada e inefável, seu rosto que, sem falar, parecia dizer mil prazeres interiores, vestiu repentinamente a sombra do luto íntimo. A bôca, que estava dizendo miríada de comoções, emudeceu.

A mudança súbita, que Ângelo notou imediatamente, aguçou a sua curiosidade, redobrou a sua angústia.

— Por que se cala, minha mãe? — inquiriu êle, mal disfarçando a contrariedade. Não me oculte nada. Li no jornal que o marido dela tinha morrido. Antes de tudo, diga-me se o jornal falou a verdade ou mentiu.

— Falou a verdade, Ângelo — respondeu D. Matilde. Assim não tivesse D. Maurícia...

— Não tivesse o que, minha mãe?

— ... morrido, também, Ângelo!

— O quê? O que, minha mãe? — exclamou o bacharel.

— Meu Deus, meu Deus! — acudiu D. Matilde. Não te impressões com a vontade de Deus, meu filho, por mais dolorosa que te pareça.

Durante alguns momentos, Ângelo não pôde dizer uma palavra sequer. Veu de profunda noite descera como mortalha negra sôbre o seu espírito, onde alvejavam antes roupas de noivado querido. Pôs as mãos na cabeça e, cravados os cotovelos na mesa, que tinha diante de si, no quarto, entregou-se à acerba dor que o tomara no meio do mais intenso prazer que sonhara. Era a segunda vez que se lhe deparava na vida o espetáculo da morte de uma pessoa cara. As lágrimas em borbotões começaram a cair-lhe pelas faces e a formar uma poça cristalina, onde se refletia a luz já então acesa.

Vendo-o chorar, D. Matilde entrou a chorar, também. E por esta forma se trocaram sorrisos em lágrimas, doces comoções por aflições pungentes.

Horas depois, Ângelo deitado no sofazinho de vime do seu aposento, tendo a cabeça sôbre as pernas de D. Matilde, ouviu desta a narração dos últimos dias da vida de Maurícia. O que a mãe contou ao filho pode resumir-se no seguinte:

Certa manhã, Maurícia sentira-se sem fôrças para levantar-se da cama. Passara a noite prostrada e febril. Nas faces, lívida côr substituíra as mimosas tintas esparzidas aí meses antes pelo pincel do artista insigne, que se chama *saúde*, ou antes *tranquilidade espiritual*. O vigor, e com êle a vida fugiam espavoridos.

A doença trouxe grandes sustos à família. Em conversação com a mulher, Albuquerque, que já tinha notado dias atrás os progressos da decadência física dessa criatura robusta, que os sofrimentos mais cruéis nunca tinham podido vencer, e que, ao contrário, de todos triunfara.

Virgínia muitas vêzes surpreendera a mãe chorando em silêncio. Empregara todo o esforço para saber a origem dessas lágrimas, que levavam dor mortal diretamente ao seu coração; mas nem de longe Maurícia dera a entender a verdadeira causa delas. Uma vez disse a filha, depois de fugir por muitos modos às suas indagações:

— Não te assustes com o meu pranto, Virgínia. Não és tu feliz? A tua felicidade não vai aumentar com o nascimento do primeiro fruto do teu amor? Deixa-me chorar em silêncio; choro sem causa; as minhas lágrimas provêm de uma melancolia que eu não compreendo e não posso explicar.

Naquele dia, Maurícia pediu a Albuquerque que mandasse pôr os cavalos na carruagem; queria ir à estrada de João de Barros; tinha muitas saudades de Eugênia; queria vê-la. A noitinha a mãe e a filha entraram em casa de Martins.

— Venho vê-los — disse aquela, entrando; e creio que daqui não sairei mais, senão para o cemitério. Procuro uma região aprazível para exalar o meu último suspiro.

Martins e Eugênia, que não sabiam da doença da parenta, sentiram uma impressão dolorosa, vendo-a naquele abatimento geral, que indicava próximo acabamento, e ouvindo palavras que pareciam anunciá-lo já.

Nessa mesma noite, Maurícia mandou dizer a Sinhazinha que a viesse ver, e ela não se fez esperar. Aquelas duas mulheres, que estavam padecendo do mesmo mal, abraçaram-se com ternura.

— Ainda está muito descrente, Sinhazinha? — perguntou-lhe Maurícia.

— Cada vez estou mais. A sinceridade fugiu do mundo.

— Você não tem razão para dizer isso. Deixe-se de descrença. Seu futuro está clareando. A tempestade cessará brevemente, e surgirá depois um dia risonho e esplêndido que há de acompanhá-la por toda a vida sem nuvens e sem ventanias.

— Qual, D. Maurícia! A senhora diz-me estas coisas tão bonitas para consolar-me. Ninguém melhor do que a senhora sabe que as minhas ilusões murcharam e secaram.

— Para que mete pontas de remoque nas suas palavras? Não me queira mal, Sinhazinha. Faço votos sinceros para que você logre o que mais deseja.

Aparecendo Eugênia e Virgínia, as duas senhoras mudaram de assunto.

Eugênia disse que o mal de Maurícia desapareceria com o leite tomado todas as manhã ao pé da vaca, banhos frios, e

passeios pela estrada. Virgínia aprovou este tratamento, e Sinhazinha prometeu fazer companhia a Maurícia. Esta, porém, mostrava-se no todo desanimada. Tinha por certo o seu aniquilamento. Estava resignada, e dizia que não havia de chegar ao fim do ano.

Uma tarde. Maurícia foi atacada de febre tão forte que dela não se levantou mais. Os médicos deram à moléstia fatal um nome acabado em *ite*: mas o que a levou à sepultura não foi senão o sacrifício que se impusera.

Três dias depois do ataque, a casa de Martins que durante tantos anos servira de estância de prazeres puros e alegres, oferecia um espetáculo altamente contristador. Ia emudecer a voz que fizera vibrar as harpas mais harmoniosas, que ainda ressoavam na pitoresca estrada; iam tolher-se finos e gelados os dedos torneados e coloridos, que arrancavam de teclas mudas e frias as mais ardentes e apaixonadas inspirações dos grandes mestres da arte dos sons e das melodias; ia, enfim, morrer aquela beleza ainda fresca, ainda admirável, dando o grande exemplo de uma rara abnegação, depois dos maiores e mais eloquentes testemunhos de respeito ao dever conjugal. Mulheres, mirai-vos nesse espelho de aço puro! Maurícia existiu. Foi, como aqui se pinta, uma mulher que honrou o seu sexo e a família brasileira.

Albuquerque e Paulo, que tinham vindo do engenho na véspera, ora se sentavam, ora passeavam pela sala comovidos, mas silenciosos. Na alcova D. Eugênia, Sinhazinha, D. Carolina e D. Teodora, em pranto, rodeavam o leito da agonizante. D. Matilde, mais perto dela do que nenhuma outra, tinha quase sobre os joelhos a sua cabeça e pegava-lhe de uma das mãos. Virgínia, que não tivera coragem para arrostar a transição daquela que ia levar consigo parte de sua alma, soluçava inconsolável em um aposento vizinho.

— O Dr. Ângelo está tão distante daqui! — disse Maurícia. Mandem chamá-lo. Quero vê-lo antes de morrer.

— Ele vem aí — respondeu-lhe D. Matilde.

— Levo algumas saudades da vida — tornou a agonizante.

E depois disse:

— O meu sacrifício matou-me...

Foram estas as suas últimas palavras.

Depois da morte de Nunes Machado, não houve naquela estrada outro caso de morte que produzisse nos habitantes tão profunda impressão. Nem podia acontecer o contrário. Por vários anos, especialmente por ocasião das festas de São João, do Natal e da Conceição eles tinham visto passar de braço dado com alguma jovem das mais estimadas, ou algum cavaleiro de maior distinção, em grupos de família por baixo das árvores, colhendo flôres, sorrindo feliz, gracejando e brincando, aquela senhora respeitável sem entono, esbelta sem afetação, formosa sem os verdores da primeira juventude, sempre desejada, sempre querida e sempre digna do aprêço e respeito dos que a conheciam

No outro dia, a capelinha, onde fôra depositado o cadáver, parecia hôrto. Não houve rosas, perpétuas, saudades, murtas e alecrins em todos os sítios dos arredores, que não tivessem vindo adornar o penúltimo paço de tão preciosos restos mortais. Não houve matrona, ou moça, ainda que não pertencesse ao círculo de onde havia emigrado para nunca mais voltar aquela musa canora, apaixonada e honesta, que não mandasse levar à capelinha o seu ramallete ou o seu açafrão com flôres — delicado tributo de estima, espontâneamente rendido em honra de quem deixava tão gentil memória na face da terra.

CONCLUSÃO

Voltando do interior à capital de Pernambuco, o primeiro ponto para onde me encaminhei, depois de ter ido ao meu cabeleiro, foi o teatro. Havia cêrca de oito meses que eu estava fora do Recife. A minha estada na remota povoação, aonde me levava interêsse particular, fôra um longo e ininterrompido tédio. Cheguei ávido de distrações. Ora, a primeira que se me ofereceu foi um espetáculo anunciado para aquêlê dia. Esse espetáculo despertou logo em mim dobrada curiosidade: o drama, além de novo, era original de Ângelo.

No teatro, encontrei-me com Martins, que fôra atraído pela mesma novidade que eu. Ângelo estava num camarote da